CASTRO ALVES

A CACHOEIRA

DE

PAULO AFFONSO

POEMA

ORIGINAL BRASILEIRO

Fragmento dos — **ESCRAVOS** — sob o titulo de

MANUSCRIPTOS DE STENIO

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 71
1884

Je ne sais vraiment si j'aurai mérité qu'on dépose un jour un laurier sur mon cercueil. La poésie, quel que soit mon amour pour elle, n'a toujours été pour moi qu'un moyen consacré pour un but saint.

Je n'ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m'importe qu'on les loue, ou qu'on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j'ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l'humanité.

H. Heine (*Reisebilder*)

A TARDE

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas...
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os echos nas sombrias grotas;
Quando sobre a lagôa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas...
E a onça sobre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora em que os cardos rumorejam,
Como um abrir de bocas inspiradas,
E os angicos as comas espanejam
Pelos dedos das auras perfumadas...
A hora em que as gardenias, que se beijam,
São timidas, medrosas desposadas;
E a pedra... a flor... as selvas... os condores
Gaguejam... fallam... cantam seus amores!

Hora meiga da tarde! Como és bella
Quando surges do azul da zona ardente!
— Tu és do céo a pallida donzella,
Que se banha nas thermas do oriente...
Quando é gotta do banho cada estrella,
Que te rola da espadua refulgente...
E — prendendo-te a trança a meia lua
Te enrolas em neblinas semi-núa!...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito!
Tu me lembras o tempo em que era infante.
Inda adora-te o peito do precito
No meio do martyrio excruciante;

E se não te dá mais da infancia o grito,
Que menino elevava-te arrogante,
É que agora os martyrios foram tantos,
Que mesmo para o riso só tem prantos!...

Mas não me esqueço nunca dos fraguedos
Onde infante selvagem me guiavas,
E os ninhos do *soffrer* que entre os sylvedos
Da embaíba nos ramos me apontavas;
Nem mais tarde, dos languidos segredos
Do amor do nenuphar que enamoravas...
E as tranças mulheris da granadilha!...
E os abraços fogosos da baunilha!...

E te amei tanto — cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana,
A lustrar o broquel das serranias,
A dourar dos rendeiros a cabana...
E te amei tanto — á flor das aguas frias
Da lagôa agitando a verde canna,
Que sonhava morrer entre os palmares,
Fitando o céo ao tom dos teus cantares!...

Mas hoje, da procella aos estridores,
Sublime, desgrenhada sobre o monte,
Eu quizera fitar-te entre os condores
Das nuvens arruivadas do horizonte...
— Para então — do relampago aos livores,
Que descobrem do espaço a larga fronte,
Contemplando o infinito... na floresta,
Rolar ao som da funeral orchestra!!

MARIA

Onde vais á tardesinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A gramma um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!
O bando das rôlas bravas
Voou com medo de ti!...

Levas hoje algum segredo...
Pois te voltaste com medo
Ao grito do *bem-te-vi.*

Serão amores devéras?
Ah! Quem dessas primaveras
Pudesse a flor apanhar!
E comtigo, ao tom d'aragem,
Sonhar na rêde selvagem...
Á sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola
Te ouvisse a moda hespanhola
Da lua ao frouxo clarão...
Com a luz dos astros — por cirios,
Por leito — um leito de lyrios...
E por tenda a solidão!

....

—◇—

O BAILE NA FLOR

Que bellas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campêa sem par!...
Ali das bromelias nas flores douradas
Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
Subtis vagalumes
Accendem os lumes
P'ra o baile na flor.

E então nas arcadas
Das pet'las douradas
Os grilos em festa
Começam na orchestra
Febris a tocar...

E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Gyrando,
Walsando
Voando
No ar!...

NA MARGEM

Vamos! vamos! Aqui por entre os juncos
Eil-a a canôa em que eu pequena outr'ora
Voava nas marêtas... Quando o vento,
Abrindo o peito á camisinha humida,
Pela testa enrolava-me os cabellos,
Ella voava qual marêta brava
No dorso crespo da feral enchente!

Voga, minha canôa! Voga ao largo!
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,
Como na matta os caititús bravios...

Filha das ondas! andorinha arisca!
Tu, que outr'ora levavas minha infancia
— Pulando alegre no espumante dorso
Dos cães marinhos a morder-te a prôa —
Leva-me agora a mocidade triste
Pelos ermos do rio ao longe... ao longe...

Assim dizia a escrava...
Iam cahindo
Dos dedos do crepusc'lo os véos de sombra,
Com que a terra se vela, como noiva,
Para o doce hymeneu das noites limpidas...

Lá no meio do rio, que scintila,
Como o dorso de enorme crocodilo,
Já manso e manso escôa-se a canôa,
Parecia, assim vista ao sol poente,
Esses ninhos, que tombam sobre o rio,
E onde em meio das flores vão chilrando
— Alegres sobre o abysmo — os passarinhos!...

....

Tu guardas algum segredo?...
Maria, estás a chorar!
Onde vais? Por que assim foges
Rio a baixo a deslisar?

Pedra, não tens o teu musgo?
Não tens um favonio — flor?
Estrella — não tens um lago?
Mulher — não tens um amor?

—◇—

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! vem commigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar!
Vamos lá dos geraes, que o vento açouta
Dos verdes capinaes n'agreste mouta
A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
O céo se iluminou.

Eis subito, da barra do occidente,
Doudo, rubro, veloz, incandescente,
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,
Que no espaço vibrando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roscas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do roto coração!...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céos!...
Travou se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
A hirara pula; o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir!
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo —
Vão tremulos se unir!

Então passa-se ali um drama augusto...
No ultimo ramo do páo d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céo... Recresce o fogo em mares,
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou!...

LUCAS

Quem fosse naquella hora,
Sobre algum tronco lascado,
Sentar-se no descampado
Da solitaria ladeira,
Veria descer da serra,
Onde o incendio vai sangrento,
A passo tardio e lento,
Um bello escravo da terra
Cheio de viço e valor...
Era o filho das florestas!
Era o escravo lenhador!

Que bella testa espaçosa,
E sob o chapéo de couro
Que cabelleira abundante!
De marchetada giboia
Pende-lhe a rasto o facão...
E assim... erguendo o machado...
Na breve e robusta mão...
Aquelle vulto soberbo,
— Vivamente alumiado,
Atravessa o descampado,
Como uma estatua de bronze,
Do incendio ao fulvo clarão.

Desceu a encosta do monte,
Tomou do rio o caminho...
E foi cantando baixinho,
Como quem canta p'ra si.
Era uma dessas cantigas
Que elle um dia improvisara,
Quando junto da coivara
Faz-se o escravo — trovador;
Era um canto languoroso,
Selvagem, bello, vivace,
Como o caniço que nasce
Sob os raios do Equador.

Eu gosto dessas cantigas,
Que me vem lembrar a infancia;
São minhas velhas amigas,
Por ellas morro de amor...
Deixai ouvir a toada
Do captivo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tyrana,
Descendo lento p'ra servil cabana:

TYRANA

Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá.

Minha Maria é morena
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

Companheiros! o meu peito
Era um ninho sem senhor;
Hoje tem um passarinho
P'ra cantar o seu amor.

Trovadores da floresta!
Não digam a ninguem, não!...
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...

A SENZALA

Qual o veado que buscou o aprisco,
Balindo arisco, para a serra corre...
Ou como pombo, que os arrulos solta,
Se ao ninho volta quando a tarde morre...

Assim, cantando a pastoril balada,
Já na esplanada o lenhador chegou.
Para a cabana da gentil Maria
Com que alegria a suspirar marchou!

Eil-a a casinha... tão pequena e bella!
Como é singela com seus brancos muros!
Que liso tecto de sapé dourado!
Que ar engraçado! que perfumes puros!

Abre a janella para o campo verde,
Que além se perde pelos cerros nús...
A testa enfeita da infantil choupana
Verde liana de festões azues.

É este o galho da rolinha brava,
Aonde a escrava seu viver abriga...
Canta a jandaia sobre a curva rama
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos,
Os passarinhos vêm pedir-lhe pão;
Pousam-lhe alegres nos cabellos bastos,
Nos seios castos, na pequena mão.

Eis o painel encantado,
Que eu quiz pintar, mas não pude...
Lucas melhor o traçara
Na canção suave e rude...
Vêde que olhar, que sorriso
S'expande no bronzeo rosto,
Vendo o lar do seu amor...
Ai! da luz do Paraiso
Bate-lhe em cheio o fulgor.

DIALOGO DOS ECHOS

E chegou-se p'ra vivenda
Risonho, calmo, feliz...
Escutou... mas só ao longe
Cantavam as juritis...
Murmurou: — Vou sorprendel-a! —
E a porta ao toque cedeu...
— Talvez agora sonhando
Diz meu nome o labio seu,
Que a dormir nada prevê... —

E o echo responde: — Vê!...

— Como a casa está tão triste!
Que aperto no coração...
Maria!... Ninguem responde!
Maria, não ouves, não?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz...
Que querem dizer taes prantos,
Que rolaram tantos, tantos
Sobre as faces da saudade,
Sobre os braços de Jesus?...
Oh! quem me empresta uma luz?...
Quem me arranca a anciedade,
Que no meu peito nasceu?
Quem deste negro mysterio
Me rasga o sombrio véo?... —

E o echo responde: — Eu!...

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co'a mão convulsa
O punhal e o coração!...
Stava inda tepido o ninho
Cheio de aromas suaves...
E — como a penna, que as aves
Deixam no musgo ao voar. —

Um annel de seus cabellos
Jazia cortado a esmo
Como reliquia no altar!...
Talvez prendendo nos elos
Mil suspiros, mil anhelos,
Mil soluços, mil desvelos,
Que ella deu-lhes p'ra guardar!...

E o pranto em baga a rolar...

— Onde a pomba foi perder-se?
Que céo minha estrella encerra?
Maria, pobre criança,
Que fazes tu sobre a terra? —

E o echo responde — Erra!

— Partiste! Nem te lembraste
Deste martyrio sem fim!...
Não! perdôa... tu choraste
E os prantos, que derramaste,

Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço estranho,
Robusto, feroz, tamanho,
Que póde esmagar-te assim?... —

E o echo responde — Sim!

E rugiu: — Vingança! guerra!
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que rezaste,
E que teus prantos encerra!
Eu juro guerra de morte
A quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
Vê como este braço é forte!
Vê como é rijo este ferro!
Meu golpe é certo... não erro.
Onde ha sangue, sangue escorre!...
Vilão! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te soccorre!!... —

E o echo responde — Corre!

Como o cão elle em torno o ar aspira,
Depois se orientou;
Fareja as hervas... descobriu a pista
E rapido marchou.

....

No entanto sobre as aguas que scintilam,
Como o dorso de enorme crocodilo
Já manso e manso escôa-se a canôa;
Parecia assim vista — ao sol poente —
Esses ninhos, que o vento lança ás aguas,
E que na enchente vão boiando á tôa!...

O NADADOR

Eil-o que ao rio arroja-se;
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contrahiram-se
Por sobre o nadador...
Depois s'entreabre lugubre
Um circulo symbolico...
É o riso diabolico
Do pego zombador!

Mas não! Do abysmo indomito
Surge-me um rosto pallido,
Como o Neptuno esqualido
Que amaina a crina ao mar;
Fita o batel longinquo
Na sombra do crepusculo,
Rasga com ferreo musculo
O rio par a par.

Vagas! Dalilas perfidas!
Moças, que abris um tumulo,
Quando do amor no cumulo
Fingis nos abraçar!
O nadador intrepido
Vos toca as têtas cerulas...
E após — zombando — as perolas
Vos quebra do colar.

Vagas, curvai-vos timidas!
Abri fileiras pavidas
As mãos possantes, avidas
Do nadador audaz,
Bello de força olympica
— Soltos cabellos humidos —
Braços herculeos, tumidos...
É o rei dos vendavaes!

Mai ai! Lá ruge proxima
A correnteza horrida,
Como da zona torrida
A boicininga a urrar...
É lá que o rio indomito,
Como o corsel da Ukrania,
Rincha a saltar de insania,
Freme e se atira ao mar.

Tremeste? Não, qu'importa-te
Da correnteza o estridulo?
Se ao longe vês teu idolo,
Ao longe irás tambem...
Salta á garupa humida
Deste corsel titanico...
— Novo Mazzeppa oceanico —
Além! além! além!...

NO BARCO

— Lucas! — Maria! murmuram juntos...
E a moça em pranto lhe cahiu nos braços.
Jamais a parasita em floreos laços
Assim ligou-se ao pequiá robusto...

Eram-lhe as tranças a cahir no busto
Os esparsos festões da granadilha...
Tepido aljofar o seu pranto brilha,
Depois resvala no moreno seio...

Oh! doces horas de suave enleio!
Quando o peito da virgem mais arqueja,
Como o casal da rola sertaneja,
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Contai, ó brizas, mas contai baixinho!
Passai, ó vagas... mas passai de manso!
Não perturbeis-lhe o placido remanso,
Vozes do ar! emanações do rio!

— Maria, falla! — Que acordar sombrio,
Murmura a triste com um sorriso louco,
— No Paraiso eu descansava um pouco...
Tu me fizeste despertar na vida...

— Por que não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte occulta no teu peito?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal... Qu'importa?....

Toda esperança para mim 'stá morta...
Sou flor manchada por cruel serpente...
Só de encontro nas rochas póde a enchente
Lavar-me as nodoas, m'esfolhando a vida.

Deixa-me! deixa-me a vagar perdida...
Tu! — parte! volve para os lares teus.
Nada perguntes.... é um segredo horrivel...
Eu te amo ainda... mas agora — adeus! —

ADEUS

Adeus — Ai! criança ingrata!
Pois tu me disseste — adeus?
Loucura! melhor seria
Separar a terra e os céos.

— Adeus! — palavra sombria!
De uma alma gelada e fria
És a derradeira flor.

— Adeus! — miseria! mentira
De um seio, que não suspira,
De um coração sem amor.

Ai, senhor! A rola agreste
Morre se o par lhe faltou.
O raio que abraza o cedro
A parasita abrazou.

O astro namora o orvalho:
— Um é a estrella do galho,
— Outro o orvalho da amplidão.

Mas, á luz do sol nascente,
Morre a estrella — no poente!
O orvalho — morre no chão!

Nunca as neblinas do valle
Souberam dizer-se — adeus —
Se unidas partem da terra,
Perdem-se unidas nos céos.

A onda expira na plaga,
Porém vem logo outra vaga
P'ra morrer da mesma dor...

— Adeus! — palavra sombria!
Não digas — adeus — Maria!
Ou não me falles de amor.

MUDO E QUEDO

E calado ficou... Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslisaram,
Qual da b'raúna, que o machado fere,
Lagrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento
Mergulhavam no dedalo da angustia,
No labyrintho escuro da desgraça...
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio...

Que dor, que drama torvo de agonias
Não vai naquellas almas!... Dor sombria
De ver quebrado aquelle amor tão santo,
De lembrar que o passado está passado...
Que a esperança morreu, que surge a morte!...
Tanta illusão!... tanta caricia meiga!...
Tanto castello de ventura feito
Á beira do riacho, ou na campanha!...
Tanto extase innocente de amorosos!...
Tanto beijo na porta da choupana,
Quando a lua invejosa no infinito
Com uma benção de luz sagrava os noivos!...

Não mais! não mais! O raio quando esgalha
O ipê secular, atira ao longe
Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,
Que unidas nascem, juntas viver pensam,
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio abaixo
A canôa corria ao tom das vagas.
De repente elle ergueu-se hirto, severo,
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —
Em golfadas lançando a voz do peito!...

Maria! diz-me tudo... Falla! falla
Emquanto eu posso ouvir... Criança, escuta!
Não vês o rio?... é negro!... é um leito fundo...
A correnteza estrepitando arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem!...
Pois bem! Do seio turgido do abysmo
Ha de romper a maldição do morto;
Depois o meu cadaver, negro, livido,
Irá seguindo a esteira da canôa
Pedir-te inda que falles, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo occultas!...

Era tremenda aquella dor selvagem,
Que rebentava emfim, partindo os diques
Na furia desmedida!...

Em meio ás ondas
Ia Lucas rolar...

Um grito fraco,
Uma tremula mão susteve o escravo...
E a pallida criança, desvairada,
Aos pés cahiu-lhe a desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem
— Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos! —
Lenta e sombria após contou dest'arte
A treda historia desse tredo crime!...

NA FONTE

I

— Era hoje ao meio dia.
Nem uma briza macia
Pela savana bravia
Arrufava os hervaçaes...
Um sol de fogo abrazava;
Tudo a sombra procurava;
Só a cigarra cantava
No tronco dos coqueiraes.

II

Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça puz a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vai dar.
Cansada chegei na matta:
Ali na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como ũa moça a brincar.

III

Era tão densa a espessura!
Corria a briza tão pura!
Reinava tanta frescura,
Que eu quiz me banhar ali.
Olhei em roda... Era quedo
O matto, o campo, o rochedo...
Só nas galhas do arvoredo
Saltava alegre o sagui.

IV

Junto ás aguas crystalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sobre os cipós.

Depois mirei-me innocente,
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente...
Como que ouvira uma voz!

V

Quem foi que passou ligeiro,
Mexendo ali no ingazeiro,
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as folhas do chão?...
Quem foi? — Da matta sombria
Uma vermelha cotia
Saltou timida e bravia,
Em procura do sertão.

VI

Chamei-me então de criança;
A meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s'entrança
Como uma cobra a fugir!
Mergulho o pé docemente;
Com o frio fujo á corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d'agua cahir.

VII

Quando o sol queima as estradas,
E nas varzeas abrazadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novelos de pó;
Como é doce em meio as cannas,
Sob um tecto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só!...

VIII

Rugitavam os palmares...
Em torno dos nenuphares
Zumbiam pejando os ares
Mil insectos de rubim...
Eu naquelle leito brando
Rolava alegre cantando...
Subito um ramo estalando
Salta um homem junto a mim! —

NOS CAMPOS

Fugi desvairada!
Na mouta intrincada,
Rasgando uma estrada,
Fugaz me embrenhei.
Apenas vestindo
Meus negros cabellos,
E os seios cobrindo
Com os tremulos dedos,
Ligeira voei!

Saltei as torrentes.
Trepei dos rochedos
Aos cimos ardentes.
Nos invios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Meus passos mesquinhos
Com sangue marquei!

....

Avante! corramos!
Corramos ainda!...
Da selva nos ramos
A sombra é infinda.
A matta possante
Ao filho arquejante
Não nega um abrigo...
Corramos ainda!
Corramos! avante!

Debalde! a floresta
— Madrasta impiedosa —
A pobre chorosa
Não quiz abrigar!

Pois bem! Ao deserto!

De novo é loucura!
Seguindo meus traços
Escuto seus passos
Mais perto! mais perto!
Já queima-me os hombros
Seu halito ardente.
Já vejo-lhe a sombra
Na humida alfombra...
Qual negra serpente,
Que vai de repente
Na presa saltar!...

....

Na douda
Corrida,
Vencida,
Perdida,
Quem me ha de salvar?

NO MONTE

Parei... Volvi em torno os olhos assombrados...
Ninguem! A solidão pejava os descampados!...
Restava inda um segundo... um só p'ra me salvar;
Então reuni as forças, ao céo ergui o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio ás portas do infinito!
Ninguem! Ninguem me acode... Ai! só de monte em monte
Meu grito ouvi morrer na extrema do horizonte!...
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra destampada!

Ai! que póde fazer a rôla triste
Se o gavião nas garras a espedaça?
Ai! que faz o cabrito no deserto,
Quando a giboia no potente aperto
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça?

Fazem como eu... Resistem, batem, lutam,
E finalmente expiram de tortura...
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gottejantes,
Morrer á sombra da floresta escura!

E agora está concluida
Minha historia desgraçada.
Quando cahi — era virgem,
Quando ergui-me — deshonrada!

SANGUE DE AFRICANO

Aqui sombrio, fero, delirante,
Lucas ergue-se como tigre bravo...
Era a estatua terrivel da vingança...
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura!
Do olhar sangrentos raios lhe resaltam,
Qual das janellas de um palacio em chammas
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A dextra ameaçando a immensidade...
Era um bronze de Achilles furioso
No punho concentrando a tempestade!

No peito arcando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Lybia,
Que ora referve no Equador ardente.

AMANTE

— Basta, creança! Não soluces taton...
Enxuga os olhos, meu amor, enxuga!
Que culpa tem a clicia descahida
Se abelha envenenada o mel lhe suga?

Basta! Esta faca já contou mil gottas
De lagrimas do dor nos teus olhares.
Sorri, Maria? Ella jurou pagar-t'as
No sangue delle em gottas aos milhares.

Por que volves os olhos desvairados?
Por que tremes assim, fragil criança?
Est'alma é como o braço, o braço é ferro,
E o ferro sabe o trilho da vingança

Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céo de ti se esquece,
A justiça do escravo está na força...
E quem tem um punhal nada carece!...

Vamos! Acaba a historia... Lança a presa...
Não vês meu coração, que sente fome?
Amanhã chorarás; mas de alegria!
Hoje é preciso me dizer — seu nome! —

ANJO

— Ai! que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava?...
O sangue é rubro, a virgindade é branca,
O sangue augmenta de vergonha a bava.

Se nós fomos sómente desgraçados,
Para que miseraveis nos fazermos?
Deportados da terra assim perdemos
De além da campa as regiões sem termos...

Ai! não manches no crime a tua vida,
Meu irmão, meu amigo, meu esposo!...
Seria negro o amor de uma perdida
Nos braços a sorrir de um criminoso!... —

DESESPERO

— Crime! Pois será crime se a giboia
Morde silvando a planta, que a esmagara?
Pois será crime se o jaguar nos dentes
Quebra do indio a perfida taquara?

E nós que somos, pois? Homens? Loucura!
Familia, leis e Deus lhe coube em sorte.
A familia no lar, a lei no mundo...
E os anjos do Senhor depois da morte.

Tres leitos, que succedem-se macios,
Onde rolam na santa ociosidade...
O pai o embala... a lei o acaricia...
O padre lhe abre a porta á eternidade.

Sim! Nós somos reptis... Qu'importa a especie?
— A lesma é vil — o cascavel é bravo.
E vens fallar de crimes ao captivo?
Então não sabes o que é ser escravo!...

Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios infamados da vendida...
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a boca resequida...
É mais tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrella foragida...
É ver — viajante morto de cansaço —
A terra — sem amor!... sem Deus — o espaço!

Ser escravo — é, dos homens repellido,
Ser tambem repellido pela féra;
Sendo dos dous irmãos pasto querido,
Que o tigre come e o homem dilacera...

— É do lodo no lodo sacudido
Ver que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo ha mancha nova...
No berço... após no tóro... após na cova!...

Crime! Quem te fallou, pobre Maria,
Desta palavra estupida?... Descansa!
Foram elles talvez?!... É zombaria...
Escarnecem de ti, pobre criança!
Pois não vês que morremos todo dia
Debaixo do chicote, que não cansa?
Emquanto do assassino a fronte calma
Não revela um remorso de sua alma?

Não! Tudo isso é mentira! O que é verdade
É que os infames tudo me roubaram...
Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.
Quizeram mais... Fatal voracidade!
Nos dentes meu amor espedaçaram...
Maria! Ultima estrella de minh'alma!
O que é feito de ti, virgem sem palma?

Pomba — em teu ninho as serpes te mordera
Folha — rolastes no paul sombrio.
Palmeira — as ventanias te romperam.
Corça — afogaram-te as caudaes do rio.
Pobre flor — no teu calice beberam,
Deixando-o depois triste e vasio...
— E tu, irmã! e mãi! e amante minha!
Queres que eu guarde a faca na bainha!

O' minha mãi! ó martyr africana,
Que morrestes de dor no captiveiro!
Ai! sem quebrar aquella jura insana,
Que jurei no teu leito derradeiro.
No sangue desta raça impia, tyrana
Teu filho vai vingar um povo inteiro!...
Vamos, Maria! Cumpra-se o destino...
Dize! dize-me o nome do assassino!... —

— Virgem das Dores
Vem dar-me alento,
Neste momento
De agro soffrer!

Para occultar-lhe
Busquei a morte...
Mas vence a sorte,
Deve assim ser.

....

Pois que seja! Debalde pedi-te,
Ai! debalde a teus pés me rojei...
Porém antes escuta esta historia...
Depois della... o *seu* nome direi! —

HISTORIA DE UM CRIME

Fazem hoje muitos annos
Que de uma escura senzala
Na estreita e lodosa sala
Arquejava ũa mulher.
Lá fóra por entre as urzes
O vendaval s'estorcia...
E aquella triste agonia
Vinha mais triste fazer.

A pobre soffria muito.
Do peito cansado, exangue,
Ás vezes rompia o sangue
E lhe inundava os lençóes.
Então, como quem se agarra
Ás ultimas esperanças,
Duas pavidas crianças
Ella olhava... e ria após.

Que olhar! que olhar tão extenso!
Que olhar tão triste e profundo!
Vinha já de um outro mundo,
Vinha talvez lá do céo.
Era o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga
Da espuma por entre o véo.

Ainda me lembro agora
Daquella noite sombria,
Em que ũa mulher morria
Sem rezas, sem oração!...
Por padre — duas crianças...
E apenas por sentinella
Do Christo a face amarella
No meio da escuridão.

Ás vezes naquella fronte
Como que a morte pousava
E da agonia aljofrava
O derradeiro suor...
Depois acordava a martyr,
Como quem tem um segredo...
Ouvia em torno com medo,
Com susto olhava em redor.

Emfim, quando noite velha
Pesava sobre a mansarda,
E sómente o cão de guarda
Ladrava aos ermos sem fim,
Ella nos braços sangrentos
As crianças apertando,
N'um tom meigo, triste e brando
Poz-se a fallar assim:

ULTIMO ABRAÇO

— Filho, adeus! Já sinto a morte,
Que me esfria o coração.
Vem cá... dá-me a tua mão...
Bem vês que nem mesmo tu
Pódes dar-lhe novo alento!...
Filho, é o ultimo momento...
A morte — a separação!
Ao desamparo, sem ninho,
Ficas, pobre passarinho,
Neste deserto profundo,
Pequeno, captivo e nú!...

Que sina, meu Deus! que sina
Foi a minha neste mundo!
Presa ao céo — pelo desejo,
Presa á terra — pelo amor!...
Que importa! é tua vontade?
Pois seja feita, Senhor!

Pequei!... foi grande o meu crime,
Mas é maior o castigo...
Ai! não bastava a amargura
Das noites ao desabrigo;
De espedaçarem-me as carnes
O tronco, o açoute, a tortura,
De tudo quanto soffri.
Era preciso mais dores,
Inda maior sacrificio...
Filho! bem vês meu supplicio...
Vão separar-me de ti!
Chega-te perto... mais perto;
Nas trévas procura ver-te
Meu olhar, que treme incerto.
Perturbado, vacilante...
Deixa em meus braços prender-te
P'ra não morrer neste instante;
Inda tenho que fazer-te

Uma triste confissão...
Vou revelar-te um segredo
Tão negro, que tenho medo
De não ter o teu perdão!...
        Mas não!
Quando um padre nos perdôa,
Quando Deus tem piedade,
De um filho no coração.
Uma mãi não bate á tôa.

MÃI PENITENTE

Ouve-me, pois!... Eu fui uma perdida;
Foi este o meu destino, a minha sorte...
Por esse crime é que hoje perco a vida,
Mas delle em breve ha de salvar-me a morte!

E minh'alma; bem vês, que não se irrita,
Antes bemdiz estes mandões ferozes.
Eu seria talvez por ti maldita,
Filho! sem o baptismo dos algozes!

Porque eu pequei... e do peccado escuro
Tu foste o fructo candido innocente,
— Borboleta, que sahe do lodo impuro...
— Rosa, que sahe de — putrida semente!

Filho! Bem vês... fiz o maior dos crimes:
— Criei um ente para a dor e a fome!
Do teu berço escrevi nos brancos vimes
O nome de bastardo — impuro nome.

Por isso agora tua mãi te implora
E a teus pés de joelhos se debruça:
Perdôa á triste — que de angustia chora,
Perdôa á martyr — que de dor soluça!

Mas um gemido a meus ouvidos sôa...
Que pranto é este que em meu seio rola?
Meu Deus, é o pranto seu que me perdôa...
Filho, obrigada pela tua esmola!

—◇—

O SEGREDO

Agora vou dizer-te porque morro;
Mas has de jurar primeiro,
Que jamais tuas mãos innocentes
Ferirão meu algoz derradeiro...
Meu filho, eu fui a victima
Da raiva e do ciume.
Matou-me como um tigre carniceiro,
Bem vês,

Uma branca mulher, que em si resume
Do tigre — a malvadez,
Do cascavel — o rancor!...
Deixo-te, pois...
— Um grito de vingança?
— Não, pobre criança!...
Um crime a perdoar... o que é melhor?...

Depois, teve razão... Esta mulher
É tua e minha *senhora!...*

....

Lucas, silencio! que por ella implora
Teu pai... e teu irmão!...

Teu irmão, que é seu filho... (ó magoa e dor!)
Teu pai — que é seu marido... e teu senhor!...

Juras não te vingar? — O' mãi, eu juro
Por ti, pelos beijos teus!

Obrigada! agora... agora
Já nada mais me demora...
Deus! — recebe a peccadora!
Filho! — recebe este adeus!

Quando, rompendo as barras do oriente,
A estrella da manhã mais desmaiava.
E o vento da floresta ao céo levava
O canto jovial do *bem-te-vi*;
Na casinha de palha uma criança,
Da defunta abraçando o corpo frio,
Murmurava chorando em desvario:
— Eu não me vingo, ó mãi... juro por ti!... —

Maria calou-se... Na fronte do escravo
Suor de agonia gelado passou;
Com riso convulso murmura: Que importa
Se o filho da escrava na campa jurou?!...

Que tem o passado com o crime de agora?
Que tem a vingança, que tem com o perdão? —
E como arrancando do craneo uma idéa
Na fronte corria-lhe a gelida mão...

— Esquece o passado!... Que morra no olvido...
Ou antes relembra-o cruento, feroz!
Legenda de lodo, de horror e de crimes
E gritos de victima e risos de algoz!

No frio da cova que jaz na esplanada,
— Vingança — murmuram os ossos dos meus! —

— Não ouves um canto, que passa nos ares?
— Perdôa! — respondem as almas nos céos!

São longos gemidos do seio materno
Lembrando essa noite de horror e traição!

É o flebil suspiro do vento, que outr'ora
Bebera nos labios da morta o perdão!... —

E descahiu profundo
Em longo meditar...
Após sombrio e fero
Viram-n'o murmurar:

— Mãi! na região longinqua
Onde tua alma vive,
Sabes que eu nunca tive
Um pensamento vil.
Sabes que esta alma livre
Por ti curvou-se escrava;
E devorou a bava...
E tigre — foi reptil!

Nem um tremor correra-me
A face fustigada!
Beijei a mão armada
Com o ferro que a feriu...
Filho, de um pai miserrimo
Fui o fiel rafeiro...
Caim, irmão traiçoeiro!
Feriste... e Abel sorriu,
De tanto horror o cumulo,
O' mãi, alma celeste,
Se perdoar quizeste,
Eu perdoei tambem.
Santificaste os miseros;
Curvei-me reverente
A *elles* tão sómente,
Sómente... a mais ninguem!

Ninguem! que a nada humilho-me
Na terra, nem no éspaço!...
Póde ferir meu braço...
— Lucas! não póde, não!
Misero! a mão que abrira
De tua mãi a cova...
O golpe hoje renova!...
Mata-me!... É teu irmão!... —

....

CREPUSCULO SERTANEJO

A tarde morria! Nas aguas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas;
Na esguia atalaia das arvores seccas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do lichen, das heras, dos cardos,
As trévas rasteiras com o ventre por terra
Sahiam, quaes negros, crueis leopardos.

A tarde morria! Mais funda nas aguas
Lavava-se a galha do puro ingazeiro...
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em musico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo! Marulho gigante!
Talvez um silencio!... Talvez uma orchestra...
Da folha, do calix, das azas, do insecto...
Do atomo á estrella... do verme — á floresta!...

As garças mettiam o bico vermelho
Por baixo das azas — da briza ao açoute;
E a terra na vaga de azul do infinito
Cobria a cabeça co'as pennas da noite!

Sómente por vezes, dos jungles das bordas
Dos golfos enormes daquella paragem,
Erguia a cabeça sorpreso, inquieto,
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,
O vôo encurvavam medrosas, á tôa...
O timido bando pedindo outras praias
Passava gritando por sobre a canôa!...

....

—◇—

O BANDOLIM DA DESGRAÇA

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrenta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A guzla geme, s'estorcendo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Choro indizivel... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...
Ai! tem piedade das crianças louras,
Que soluçando no instrumento acordas!...

— Ai! tem piedade dos meus seios tremulos...—
Diz estalando o bandolim queixoso.
E a mão palpita-lhe apertando as fibras...
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sobre o regaço da mulher trigueira
Douda, cruel, a execução delira!...
Então — co'as unhas côr de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

....

Assim, desgraça, quando tu, maldicta!
As cordas d'alma delirante vibras...
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta — murmura esse instrumento vivo.
— Basta — murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus harpejos — gemebundas morrem!
Resta uma corda... — a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortezã cansada
A pobre guzla no tapete atira,
Que resta?... — ũa alma, que não tem mais vida!
Olhos sem pranto! desmontada lyra!...

A CANOA FANTASTICA

Pelas sombras temerosas
Onde vai esta canôa?
Vai tripolada ou perdida?
Vai ao certo ou vai á tôa?

Semelha um tronco gigante
De palmeira, que s'escôa...
No dorso da correnteza,
Como boia esta canôa!...

Mas não branqueja-lhe a vela!
N'agua o remo não resôa!
Serão fantasmas que descem
Na solitaria canôa?

Que vulto é este sombrio,
Gelado, immovel na prôa?
Dir-se-ia o genio das sombras
Do inferno sobre a canôa!...

Foi visão? Pobre criança!
Á luz, que dos astros côa,
É teu, Maria, o cadaver,
Que desce nesta canôa?

Cahida, pallida, branca!...
Não ha quem della se dôa?!...
Vão-lhe os cabellos a rastos
Pela esteira da canôa!...

E as flores roseas dos golfos,
— Pobres flores da lagôa,
Enrolam-se em seus cabellos
E vão seguindo a canôa!...

....

—◆—

O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos ;
Dourando o colo aos perennaes estios,
Que o sol atira nos modernos mundos ;
Por entre a grita dos feraes gentios,
Que acampam sob os palmeiraes profundos ;
Do São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triumphante alaga !

Ante-manhã, sob o sendal da bruma,
Elle vagia na vertente ainda,
— Lympha amorosa — co'a nitente espuma
Orlava o seio da Mineira linda;
Ao meio-dia, quando o solo fuma
Ao bafo morto de ũa calma infinda,
Viram-no aos beijos do lamber demente
As rijas fórmas da cabocla ardente.

Insano amante! Não lhe mata o fogo
O deleite da indigena lasciva...
Vem — á busca talvez de desafogo
Bater á porta da Bahiana altiva.
Nas verdes cannas o gemente rogo
Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquiva...
E talvez por magia... á luz da lua
Molle a criança na caudal fluctua.

Rio soberbo! tuas aguas turvas
Por isso descem lentas, peregrinas...
Adormeces ao pé das palmas curvas
Ao musico chorar das casuarinas!
Os poldros soltos — retezando as curvas,
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres — relinchando aos ventos
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu desces, ó Nilo brazileiro,
As largas *ypoeiras* alagando,
E das aves o côro alviçareiro
Vai nas balsas teu hymno modilhando!
Como pontes aereas — do coqueiro
Os cipós escarlates se atirando,
De grinaldas em flor tecendo a arcada
São arcos triumphaes de tua estrada!...

A CACHOEIRA

Mas subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trévas...
Titubantes — no alveo do rio —
Tremem as lapas dos titães coevas!...
Que grito é este sepulchral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?...
E o brado atroador da catadupa,
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lodo fertil das paragens
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo;

Inquieto elle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruiuba o cheiro immundo...
Mas já tarde... silvando o monstro vôa...
E o novilho preado os ares trôa!

Então doudo de dor, sanie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os valles vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro...
Mas subito ella ás aguas o arrastando
Contrahe-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante
— Larga sucuruiuba do infinito —
Co'as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito!...
Horrido, insano, triste, lacerante,
Sobe do abysmo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!

Dilacerado o rio espadanando
Chama as aguas da extrema do deserto...
Atropela-se, empina, espuma o bando...
E em massa rúe no precipicio aberto...
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto...
E ao vel-o as aguias tontas, eriçadas,
Cahem de horror no abysmo estateladas...

A cachoeira! Paulo Affonso! O abysmo!
A briga colossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parceis sangrentos.
Reluctantes na dor do cataclysmo
Os braços do gigante suarentos,
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cahe no hombro!

Grupo enorme do fero Laocoonte
Vira a Grecia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
E as serpentes de Ténedos em sanha!...

Por hydra — um rio! Por augure — um monte!
Por aras de Minerva — uma montanha!
E em torno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos chorando-lhe — os penedos.

——◇——

UM RAIO DE LUAR

Alta noite elle ergueu-se, hirto, solemno,
Pegou da mão da moça. Olhou-a fito...
Que fundo olhar!
Ella estava gelada, como a garça
Que a tormenta ensopou longe do ninho
No longo mar.

Tomou-a no regaço... assim no manto
Apanha a mãi a criancinha loura,
Tenra a dormir.

Apartou-lhe os cabellos sobre a testa
Pallida e fria... Era talvez a morte...
Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme
No somno aza de pombo, assim tremia-lhe
O resonar.
E como o beija-flor dentro do ovo,
Ia-lhe o coração no niveo seio
A titilar.

Morta não era! Entanto um rir convulso
Contrahira as feições do homem silente
— Riso fatal.
Dir-se-ia que antes a quizera rija,
Inteiriçada pela mão da noite
Hirta, glacial!

Um momento de bruços sobre o abysmo
Elle, embalando-a, sobre o rio negro
Mais s'inclinou.
Nesse instante o luar bateu-lhe em cheio,
E um riso á flor dos labios da criança
Á flux boiou!

Qual o murzelo do penhasco á borda
Empina-se e cravando as ferraduras
Morde o escarcéo;
Um calafrio percorreu-lhe os musculos...
O vulto recuou!... A noite em meio
Ia no céo!

DESPERTAR PARA MORRER

— Acorda!
— Quem me chama?
— Escuta!
— Escuto...
— Nada ouviste?
— Inda não... —
— É porque o vento
Escasseou.
— Ouço agora... da noite na calada
Uma voz que resona cava e funda
E após cansou! —

— Sabes que voz é esta? —
— Não! semelha
Do agonisante o derradeiro engasgo,
Rouco estertor... —
E calados ficaram, mudos, quedos,
Mãos contrahidas, bocas sem alento...
Hora de horror!...

—◇—

LOUCURA DIVINA

— Sabes que voz é esta? —
Ella scismava!...
— Sabes, Maria? —
— É uma canção de amores,
Que além gemeu! —
— É o abysmo, criança!... —
A moça rindo
Enlaçou-lhe o pescoço:
— Oh! não! não mintas
Bem sei que é o céo! —

— Douda! douda! é a voragem que nos chama!...—
— Eu ouço a Liberdade!—
— É a morte infame!
— Erraste. É a salvação! —
— Negro fantasma é quem me embala o esquife!—
— Loucura! É tua mãi... O esquife é um berço,
Que boia n'amplidão!... —

— Não vês os pannos d'agua como alvejam
Nos penedos?... Que gelido sudario
O rio nos talhou!—
— Veste-me o setim branco do noivado...
Roupas alvas de prata... alventes dobras...
Veste-me!... Eu aqui estou! —

— Já na prôa espadana, salta a espuma... —
— São as flores gentis da larangeira
Que o pego vem nos dar...
Oh! nevoa! Eu amo teu sendal de gaze!...
Abram-se as ondas como virgens louras,
Para a esposa passar!...

As estrellas palpitam! — São as tochas!
Os rochedos murmuram! — São os monges!
Reza um orgão nos céos!
Que incenso! — Os rolos que do abysmo voam!
Que thuribulo enorme — Paulo Affonso!
Que sacerdote! — Deus... —

....

A BEIRA DO ABYSMO

E DO INFINITO

A celeste Africana, a virgem — Noite
Cobria as faces... Gotta a gotta os astros
Cahiam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infindo suspirou nos ares...
....
A canôa rolava!... Abriu-se a um tempo
O precipicio!... e o céo!...

FIM

MANUSCRIPTOS DE STENIO

É preciso esperar cem annos.

H. HEINE.

O SECULO

> Do alto daquellas pyramides quarenta seculos vos contemplam!
>
> (BONAPARTE.)

O seculo é grande. No espaço
Ha um drama de tréva e luz!
Como Christo — a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado,
Obumbra o manto azulado,
Das azas d'aguia dos céos.
Arquejam peitos e frontes...
Nos labios dos horizontes
Ha um riso de luz. É Deus.

Ás vezes quebra o silencio
Rouco estridulo, feroz.
Será o rugir das mattas,
Ou da plebe a immensa voz ?...
Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão ?...
Ou do povo o braço ousado
Que sobre montes calcado
Abala-os como um Titão ? !...

Ante esse escuro problema
Ha muito ironico rir...
P'ra nós o vento da esp'rança
Traz o polen do porvir.
E emquanto o scepticismo
Mergulha os olhos no abysmo
Que a seus pés raivando tem ;
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Toda noite — tem auroras,
Raios — toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redempção !

Gemer — é esperar um canto...
Chorar — aguardar que o pranto
Faça-se estrella nos céos!
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existe justiça e Deus.

No entanto inda ha muita noite
No mappa da creação!
Sangra o abutre — tyrano
Muito cadaver — nação!
Desce a Polonia esvahida,
Captaletica, adormida,
Á tumba do Sobieski,
Inda em sonhos busca a espada...
— Os reis passam sem ver nada...
— O Cesar olha... e sorri!

Roma inda tem sobre o peito
O pesadelo dos reis!
A Grecia espera chorando
Canaris... Byron talvez!...
Napoleão amordaça

A boca da populaça
E olha Jersey com terror;
Como o filho do Sorrento,
Que fita por um momento
O Vesuvio aterrador.

A Hungria é como um cadaver
Ao relento exposto e nú;
Nem sequer lhe abriga a sombra
Da foragido Kossú.
Aqui o Mexico ardente,
Vasto filho independente
Da liberdade e do sol,
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: — « Espera o arrebol! »

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracchos,
Traz a desgraça — valor!
Lutai! Ha uma lei sublime

Que diz: — Á sombra do crime
Ha de a vingança marchar! —
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços — De pé!
É o sol das liberdades
Que espera por Josué!......
São bocas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da abolição.
É a voz dos libertadores:
Reptis — que saltam condores
Ao topetar n'amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Chrysalidas do porvir!
Quando o vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,

Porém não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal;
Que ao menino dê-se a — escola...
Ao veterano — uma esmola...
A todos — luz e fanal!

Luz! sim! que a criança é uma ave
Cujo porvir tendes vós,
No sol — é uma aguia arrojada,
Na sombra — um mocho feroz!
Libertai tribunas, prélos...
São fracos, mesquinhos élos,
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá quebrar-vos a lei.

Quebre-se o sceptro do papa,
Faça-se delle — uma cruz!
A purpura sirva ao povo
P'ra cobrir os hombros nús!
Que aos gritos do Niagara

— Sem escravos — Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóes!
Banhe-se em luz os prostibulos!
E das lascas dos patibulos
Erga-se a estatua aos heróes!

Basta! Eu sei que a mocidade
É o Moysés no Sinai:
Das mãos do Eterno recebe
As taboas da lei! — Marchai!
Quem cahe na luta com gloria,
Tomba nos braços da historia,
No coração do Brazil!
Moças do topo dos Andes,
Pyramides vastas, grandes,
Vos contemplam seculos mil!

A VISÃO DOS MORTOS

Nas horas tristes, que em neblinas densas
A terra envolta n'um sudario dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cupola immensa d'um sepulchro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisivel mão;
Os mortos saltam, poeirentos, lividos,
Da lua palida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Sáhara
Surge um fantasma com soberbo passo,
— Presos os braços, laureada a fronte....
Louco poeta como fôra o Tasso! —
Do sul... do norte... do oriente irrompem
Dorias, Siqueiras e Machado então;
Vem Pedro Ivo no cavallo negro
Da lua palida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se desata das cerulas télas,
Pelos cabellos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrellas!
E o grande Andrada, esse architecto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão...
O vento agita do tribuno a toga,
Da lua palida ao fatal clarão.

A estatua range... estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça...
O povo grita: — Independencia ou morte! —
Vendo soberbo o imperador que passa.
Duas corôas — seu cavallo pisa,
Mas — duas cartas elle traz na mão!
Por guarda de honra tem — dous povos livres—
Da lua palida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silencio lugubre,
Solta este grito a legião da morte:
— Aonde a terra que talhámos livre?
— Aonde o povo que fizemos forte?
Novas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo que nodôa o chão...
Anchietas, Gracchos, vós dormis na orgia
Da lua palida ao fatal clarão.

Brutus renega a tribunicia toga,
O apost'lo cospe no Evangelho Santo,
E o Christo Povo, no Calvario erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto!
Nos ninhos d'aguias que nos restam? — Corvos,
Que vendo a patria se estorcer no chão,
Passam, repassam como alados crimes
Da lua palida ao fatal clarão.

Oh! é preciso inda esperar cem annos!
— Cem annos! — brada a legião da morte,
E longe, aos echos nas quebradas tremulas,
Sacode o grito soluçando, o norte...
Sobre os corseis dos nevoeiros brandos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as nevoas como pó do espaço
Da lua palida ao fatal clarão.

—◇—

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
　　Embuçado nos céos?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
　　Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
　　Infinito galé!...

Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Hymalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de coraes...
A briza de Mysora o céo inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
Pagodes colossaes....

Europa — é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezã.
Artista — corta o marmor de Carrara;
Poetisa — tange os hymnos de Ferrara,
No glorioso afan!...

....

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a arêa ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra na floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrazador...
Quando subo ás pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro céos, chorando grito:
« Abriga-me, Senhor!.... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem: « Lá vai Africa embuçada
No seu branco albornoz... »

Nem veem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campêa solitario
Por sobre o peito meu.
Lá, no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sphynge colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monotono, arquejante,
Que desce de Ephraim...

Não basta inda de dor, ó Deus terrivel?!...
É pois teu peito eterno, inexhaurivel
De vingança e rancor?

E o que é que fiz, Senhor?! que torvo crime
Eu commetti jamais, que assim me opprime
Teu gladio vingador?!...

Foi depois do *diluvio*... Um viandante,
Negro, sombrio, palido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
« Cham, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá... »

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabellos, ululando, passa
O anathema cruel;
As *tribus* erram do areal nas vagas,
E o *nomada* faminto corta as plagas
No rapido corsel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arrebatada,
Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimaria do universo...
Eu — pasto universal!...

Hoje em meu sangue a America se nutre:
— Condor, que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outr'ora,
Venderam seu irmão!

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role atravez dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Ha dous mil annos — eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

—◆—

TRAGEDIA NO LAR

Na senzala, humida, estreita,
Brilha a chamma da candêa,
No sapé se esgueira o vento
E a luz da fogueira atêa.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tyrana indolente,

Repassada de afflicção.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do *telhado*
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continúa a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquelle amargo cantar.
Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão cahindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãosinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu penar...
E a voz como um soluço lacerante
Continúa a cantar:

« Eu sou como a garça triste
« Que mora á beira do rio,
« As orvalhadas da noite
« Me fazem tremer de frio.

« Me fazem tremer de frio,
« Como os juncos da lagôa;
« Feliz da araponga errante
« Que é livre, que livre vôa.

« Que é livre, que livre vôa
« Para as bandas do seu ninho,
« E nas braúnas á tarde
« Canta longe do caminho.

« Canta longe do caminho
« Por onde o vaqueiro trilha,
« Se quer descansar as azas
« Tem a palmeira a baunilha.

« Tem a palmeira a baunilha,
« Tem o brejo a lavadeira,
« Tem as campinas e as flores,
« Tem a relva a trepadeira.

« Tem a relva a trepadeira,
« Todas têm os seus amores,
« Eu não tenho mãi nem filhos,
« Nem irmão, nem lar, nem flores. »

A cantiga cessou... Vinha da estrada
A trote largo linda cavalhada
De estranho viajor.
Na porta da *fazenda* elles paravam,
Das mulas boleadas apeavâm
E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tisnadas, lubricas,
Sorrisos sensuaes, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O *rebenque* prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta;
Entraram no salão.
Por que tremes, mulher? A noite é calma,
Um bulicio remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.
Tem perolas o rio, a noite lumes,
A matta sombras, o sertão perfumes,
Murmurio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te opprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido occultas?
E' um roubo talvez que ahi sepultas?
É seu filho... Infeliz!...

Ser mãi é um crime, ter um filho é um roubo!
Amal-o uma loucura! Alma, de todo
Para ti — não ha luz.
Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
Christo que verga á cruz!

Na hyperbole do ousado cataclysma
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma
Do Calvario ao Thabor!
Viu-se então de Palmyra os petreos ossos,
De Babel o cadaver de destroços
Mais lividos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai.

Relampagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós delles sois os raios,
Escravos, esperai!...

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer ás senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel;
Vem commigo, mas... cuidado!
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do immundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
Ás vezes a propria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orchestra...
Por que despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescencia da vida
Que occultas com tanto esmero?
E o coração tredo lodo,
Fezes d'amphora doirada

Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso,
E sangra ás vezes piedade,
E sangra ás vezes remorso?...

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam a lama,
Porém as frontes são puras,
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e luz nos pés.

Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometheus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoléos.
« Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, idel-o ver:
É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer. »

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...
A mãi que ouvia
Immovel, pasma, douda, sem razão!
Á virgem santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

« Dá-me teu filho! » repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado.
— Impossivel!...
Que dizes, miseravel?!
— Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda ha pouco o embalei, pobre innocente,
Que nem sequer presente
Que ides......
Sim, que o vou vender!
Vender?!... Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!

Por piedade, matai-me! É impossivel
Que me roubem da vida o unico bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!

Inda não sabe me chamar?... Tambem
Senhor, vós tendes filhos... que não tem?
Se alguem quizesse os vender
Havieis muito chorar,
Havieis muito gemer,
Dirieis a rir — Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!

Cala-te — miseravel! Meus senhores,
O escravo podeis ver...
E a mãi em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

— « Senhores! basta a desgraça
« De não ter patria nem lar,
« De ter honra e ser vendida,
« De ter alma e nunca amar!

« Deixai á noite que chora
« Que espere ao menos a aurora,
« Ao ramo secco uma flor,
« Deixai o passaro ao ninho,
« Deixai á mãi o filhinho,
« Deixai á desgraça o amor.

« Meu filho é-me a sombra amiga
« Neste deserto cruel...
« Flor de innocencia e candura,
« Favo de amor e de mel!

« Seu riso é minha alvorada,
« Sua lagrima doirada
« Minha estrella minha luz!
« É da vida o unico brilho
« Meu filho! é mais... é meu filho!
« Deixai-m'o em nome da Cruz!... »

Nada porém commove homens de pedra,
Sepulchros onde é morto o coração.
A criança do berço eil-os arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a scena. Já vistes
Bramir na matta o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De victima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrivel, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ella recuou.

« Nem mais um passo, cobardes!
« Nem mais um passo! ladrões!
« Se os outros roubam as bolsas,
« Vós roubais os corações!... »

Entram tres negros possantes,
Brilham punhaes traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorsões.

....

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes — uma doida respondia
Com frio gargalhar!...

O NAVIO NEGREIRO

TRAGEDIA NO MAR

Traducida por [illegible]
para o [illegible]
Caracas, 28 de enero de [illegible]

'Stamos em pleno mar!... Doido no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após elle correm... cansam
Como turbas de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
— Constellação do liquido thesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dous infinitos
Ali se estreitam n'um abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes!
Qual dos dous é o céo? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vai? Das náos errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço!
Neste Sahara os corseis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço!...

Bem feliz quem ali póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Embaixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céo — a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a briza!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando á tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pelagos profundos!

Esperai!... Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra — é o mar, que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pavido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar a esteira
Que semelha no mar — doido cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço!...
Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!...

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano!
Desce mais...ainda mais...não póde olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahi?! Que quadro d'amarguras!
Que funereo cantar!... Que tetricas figuras!...
Que scena infame e vil, meu Deus! meu Deus! Que horr

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar de açoute...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás têtas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mãis:
Outras, moças, mas núas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancias e magoas vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda fantastica a serpente
Faz doidas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E voam mais e mais!...

Presa nos elos de uma só cadêa,
A multidão faminta cambalêa,
E chora e dansa ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrūtece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céo, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dansar!... »

E ri-se a orchestra ironica, estridente!...
E da roda fantastica a serpente
Faz doidas espiraes...

Qual n'um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces resoam...
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?!
O' mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar.
Cantai! que a morte é divina!

Resvala o brigue á bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Ás vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão!

O inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,

Lembrando orgulhoso historias
De Nelson e de Aboukir...
O francez — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros hellenos,
Que a vaga ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar — que Ulysses cortou;
Homens — que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos — que Homero gemeu!...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céo!...

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,

Se a vaga oppressa resvala
Como um cumplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima, — audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús.
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!...
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo, com tibios passos,

Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lagrimas e fel...
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá... nas arêas infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véos...
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amores... adeus!..

Depois, o areal extenso.
Depois... o oceano de pó.
Depois — no horizonte immenso
Desertos... desertos só.
E a fome, o cansaço, a sêde,

Ai! quanto infeliz que cede,
E cahe p'ra não mais s'erguer,
Vaga um logar na cadêa,
Mas o chacal sobre a arêa
Acha um corpo que roer.

Hontem a — Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormindo á tôa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Hontem — plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente

Terrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?!...
O' mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!...

V

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacchante fria!...

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que imprudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a briza do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pelago profundo!
Mas é infamia de mais!... Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

ADEUS, MEU CANTO!

I

Adeus, meu canto! é a hora da partida...
O oceano do povo s'encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.
O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor que além se erguera...
Ave de arribação, vôa, annuncia
Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos, — lugubre cometa.
Adeus, meu canto! na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Aguia — talvez as azas te espedacem,
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sybarita não trajaste, —
Que se os louros não tens na altiva fronte
Tambem da orgia a c'rôa renegaste.
A ti que herdeiro d'uma raça livre
Tomaste o velho arnez e a cota d'armas;
E no ginete que escarvava os valles
A corneta esperaste dos alarmas.

É tempo agora p'ra quem sonha a gloria
E a luta... e a luta! essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estatuas,
Que a mão dos seculos no futuro talha...

Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos — lugubre cometa.

Ha muita virgem que ao patibulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça d'ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.
Dirás á virgem: — Minha irmã, espera;
Eu vejo ao longe a pomba do futuro,
Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença,
A cada campa levarás o pranto!...
Nos berços nús, nas sepulturas razas,
— Irmão do pobre — viverás meu canto.
E pendido atravez de dous abysmos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a benção de Deus ao captiveiro,
Levanta a Deus do captiveiro o grito!

II

Eu sei que ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que ás vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes — altar...
Que zomba do bardo attento,
Curvo aos murmurios do vento
Nas florestas do existir,
Que baba fel e ironia
Sobre o ovo da utopia,
Que guarda a ave — o porvir.

Eu sei que o odio, o egoismo,
A hypocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão;
Peitos surdos ás conquistas,
Olhos fechados ás vistas,
Vistas fechadas á luz;
Do poeta solitario
Lançam pedras ao calvario,
Lançam blasphemias á cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do scriba, do phariseu,
Que ao Christo eleva o patibulo,
Á fogueira o Galileu;
É o fumo da chamma vasta,
Sombra — que o seculo — arrasta,
Negra, torcida, a seus pés:
Tronco enraigado no inferno,
Que se arquêa, escuro, eterno,
Das idades atravez.

E elles dizem reclinados
Nos festins do Balthazar:
— Que importuno é esse que canta
Lá no Euphrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lyra do captiveiro,
Propheta de maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte,
Canta o amor e a creação...

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz!
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azues,

Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das mattas entre os desvios
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

É bello... e já quantas vezes
Não saudei a terra — o céo,
E o universo — biblia immensa
Que Deus no espaço escreveu?...
Que vezes nas cordilheiras,
Pelas selvas brazileiras
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias,
Vagas, tristes prophecias,
Gemerem na escuridão?!...

Já tambem amei as flores,
As mulheres, o arrebol,
E o sino que chora triste
Ao morno calor do sol;
Ouvi saudoso a viola,

Que o sertanejo consola
Junto á fogueira do lar,
Amei a linda serrana
Cantando a molle *tyrana*
Pelas noites de luar!

Da infancia o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor,
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor...
Sôa a idéa, sôa o malho,
O cyclope do trabalho
Prepara o raio do sol —
Tem o povo — mar violento —
Por armas o pensamento,
A verdade — por pharol!

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impellir os espiritos
Tem uma plaga a buscar.
Oh! maldição ao poeta,

Que foge, falso propheta,
Nos dias de provação!
Que mistura o tosco iambo
Com o thyrio dythirambo
Nos poemas d'afflicção!...

« Trabalhar! » brada na sombra
A voz immensa — de Deus!
« Braços, voltai-vos p'ra terra,
Homens, voltai-vos p'ra os céos!...
Poetas, sabios, selvagens,
Sois as santas equipagens
Da náo — civilisação.
Marinheiro — sobe aos mastros,
Piloto, estuda nos astros,
Gageiro, olha a cerração! »

Uivava a negra tormenta
Na enxarcia, nos mastaréos.
Uivavam nos tombadilhos
Gritos insontes de réos.
Vi a equipagem medrosa

Da morte á vaga horrorosa
Seu proprio irmão sacudir...
E bradei: « Meu canto, vôa,
Terra ao longe, terra á prôa!...
Vejo a terra do porvir!... »

III

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'arvore da vida,
Estrella que annuncia a luz á aurora!
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
É tempo de partir... vôa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto!...

Tu foste a estrella Vesper que alumia
Aos pastores d'Arcadia nos fraguedos!
Ave — que no meu peito se aquecia,
Ao murmurio talvez dos meus segredos...
Mas hoje... que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça!

Quero-te assim; na terra o teu fadario
É ser o irmão do escravo que trabalha,
É chorar junto á cruz do seu calvario,
É bramir do senhor na bacchanalha...
Se — vivo — seguirás o itinerario,
Mas, se — morto — rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hymnos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade musulmana
Do sepulchro de Deus a vasta ruina,
Olha o sol que se esconde na savana,
Pensa em Jerusalém, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliario d'uma ossada.

E mesmo quando a turba horripilante,
Hypocrita, sem fé, bacchante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura;

Tu deixarás na liça o ferreo guante,
Que ha de colher a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céo da liberdade!

. . . .

Canta, filho do sol da zona ardente,
Estes serros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lugubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados!
Levanta — das orgias do presente,
Levanta — dos sepulchros do passado,
Voz de ferro! levanta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!...

FIM DOS « MANUSCRIPTOS DE STENIO »

NOTA

Lê-se no *Dezeseis de Julho :*

« Depois de 14 leguas de viagem, desde a foz do rio S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.

« Para bem descrevel-a, imaginai uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nivel ou a cavalleiro sobre a cabeça.

« Parece arrebentar debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa de variados e diversos sons, produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venham correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas de montanhas ; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo: cahindo em borbotão nos abysmos e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos ; quer estourando como uma

bomba; quer chegando-se aos vai-vens, e brandamente e com espadanas ou em flocos de escuma alvissima como arminhos, — é um espectaculo assombroso e admiravel.

« A altura da grande quéda foi calculada em 362 palmos. Ha 17 cachoeiras, que são verdadeiros degráos do alto throno, onde assentou-se o gigante de nome Paulo Affonso.

« Muitas grutas apresentam os rochedos deste logar, sombrias, arejadas, arruadas de crystalinas arêas, banhadas de frigidas lymphas.

« Sua Magestade o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O presidente das Alagôas, Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento á visita imperial. »

(Transcripta do *Diario da Bahia.)*

CARTA DE CASTRO ALVES

ÁS SENHORAS BAHIANAS

Pedem-se donativos para uma sociedade abolicionista.

Quem pede?

Quem pede são homens, que vos dizem simplesmente: — Para nossos irmãos!

São escravos, que vos repetem com a monotonia da verdade: — Para nossos filhos!

E a quem se pede?

Não é a vós, banqueiros ou millionarios, ricos ou poderosos.

Não! Ha um instincto e um pudor neste pedido.

O pudor diz — a esmola de uma moça não humilha.

O instincto diz — o coração de uma virgem não faz economias.

Pede-se a vós, senhoras! a vós, donzellas! a vós crianças!

A caridade pede *a vós, que sois a caridade.*

É que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do christianismo na fórma purissima da mulher — Charitas.

Symbolo divino... esta figura, cujos braços semelham duas ramas pesadas de fructos, em cujo regaço as crianças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... sob cujo manto cobrem-se os nús, e dormem os cansados... esta figura benefica — é a synthese de uma religião... é a deificação de uma classe!

Acolá está todo o espirito do christianismo, todo o futuro da mulher nas sociedades modernas.

De seculo em seculo os homens ganharam um palmo no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terreno do amor.

O Christo disse aos apostolos: — Ensinai a todas as gentes! — Mas disse ás mulheres: — Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilatação no circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga, para lembrar-lhe a immobilidade do coração. Teu universo é o — lar.

Vêde-lhe a antithese! Um vulto ideal de moça traz nas sandalias o pó de todos os hospitaes para lembrar-lhe a universalidade de seu coração. — A irmã de caridade tem por lar o mundo inteiro.

— É que os antigos mal tinham soletrado neste livro mystico, que se chama a virgem.

Para que fizeram os deuses a rosa lubrica dos labios?

— Para o beijo, — diziam elles! Nós dizemos, — tambem para a prece!

A mão alabastrina da musa saphica vai bem na lyra eburnea, mas é divina levando um crucifixo á boca de um moribundo.

Achais formosos os cabellos da Venus marinha, ainda rorejantes das perolas do oceano?!

Eu chamo de sublime á cabelleira loira da Magdalena, quando enxuga os pés do Christo.

— Depois... Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar e condemnar nesta questão.

Porque sois as bellas filhas desta idade, que se illustrou por George Sand e Emilia Girardin, por Mme de Stael e Harriet Stowe.

Ainda mais: porque sois filhas desta magnifica terra da America — patria das utopias, região creada para a realização de todos os sonhos da liberdade, — de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realizou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o suffragio universal, não tem direito de recusar o voto de metade da America.

E este voto é o vosso.

É o voto dessas mãis de familias que aprenderam no amor de seus filhos a ternura pelas crianças... *ainda que negras...* É o voto dessas virgens purissimas que choram

de ver scenas repugnantes da escravidão turbando a poesia da familia.

O' mãis! O' virgens!

Protestai em nome de Maria — Mater Creatoris!

Protestai em nome de — Maria a virgem — Virgo castissima!

Houve um tempo em que a matrona de Sparta levava o filho ao banquete do opprobrio e da miseria moral.

O ilota ebrio tinha a significação de distico espartano:

Enoja-te!

Hoje a matrona leva o filho ao ergastulo da escravidão. — O escravo aviltado tem porém a significação de um verso biblico:

Compadece-te!

Nas horas sérias da humanidade, no berço ou no tumulo das grandes cousas; quando uma raça expira, quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja, um vulto eleva-se banhado nessa belleza mystica da fraqueza feminil, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febrenta de Cassandra — a prophetisa de Hypathia — a metaphysica! — o punhal de Judith — a regicida! de Joanna d'Arc — a donzella! ou a penna fulgurante de Beccher — a abolicionista!

E não terá chegado um desses momentos?

Oh! que sim!

As ondas hiantes do seculo já apagaram ao longo das duas Americas todas as instituições escravocratas.

O diluvio da abolição veiu lavar os continentes para as novas gerações. Só em torno desta terra brazileira é que roem as vagas a base do ultimo rochedo, que abriga as cousas que hão de morrer.

Ha uma pagina assim no — *Céo e Terra* — de Byron. *Ao clarão sinistro e livido, que tomou conta dos ares*, os vultos dos archanjos amorosos elevam-se do abysmo, carregando nas azas refulgentes as noivas, que adoraram sobre a terra !...

O' virgem ! O cataclysmo rebrama. Vamos ! Estendei estas mãos alvissimas ! Carregai para o céo dos livres estas criancinhas agonisadas que vos chamam balbuciando !

— E depois, vós bem sabeis, senhoras ! A bondade é tambem uma belleza.

E quereis que vos diga ? Eu penso que uma acção bonita deixa sempre um irradiamento no olhar, um relampago na fronte.

Ha dias em que a formosura deslumbra... é quando o anjo da guarda beijou contente a face da donzella.

Demais, o que é que vos pedem ?

Pouco e muito.

— Pouco, pelo que vos ha de custar... Porque, emfim, as flores de um bordado nascem melhor sob vossas mãos ligeiras, do que os lilazes aos affagos da primavera... Ao vosso halito suavissimo o veludo amoroso rebenta em lyrios e em borboletas de seda... e o bastidor estrella-se

de missangas, como se tece de constellações uma noite luxuosa do Equador.

— Muito, pelo resultado que isto importa.

— Imagino que estais só.

Acabastes de ler a ultima pagina de um livro querido, do vosso escriptor predilecto, a *Pata da gazela*, talvez... e ficais scismando... em que? no heróe, no desfecho (que sei eu?) nessas visões seraphicas que povoam os corações das virgens... Depois, como se a tristeza vã vos ficasse de matar nesta cabeça espirituosa, sacudis a onda magnetica dos cabellos e deixais cahir entre perfumes a scisma que vos pesava como um diadema... que fazer?

Um desenho? Uma aquarella? Mas a palheta está guardada? o album vos foi pedido por alguem. Emfim é impossivel.

Se ao menos fosseis tocar aquella musica tão bella de Gottschalk — *Ojos criolos*, que o maestro compoz adivinhando os vossos olhos?!... Mas nestes dias de inverno o piano está humido e preguiçoso: demais, sois nervosa e as teclas geladas produzem um arrepio irresistivel.

Vamos, senhora, não ha remedio. Tirai de vossas cestinha de costura esses fios de seda ou de ouro. Sentai-vos ahi junto dessa janella por onde o céo vos mira sorrindo nessa limpidez do azul. Trabalhai, criança... assim!

Meu Deus! como sois bella! Sabeis? Sois a parodia celeste da Parca.

Tendes nos dedinhos côr de rosa o fio de uma vida... mas um fio de seda... uma vida de liberdade, tecida por vossas mãos angelicas, ó Genio de Caridade!

E agora eu vou concluir: mas antes deixai que vos lembre uma historia.

Dizem que houve uma rainha, em cujo regaço as moedas que levava aos pobres transformavam-se em flores.

Donzellas! Vós tambem fazeis milagres. Em vossas mãos as flores vão-se transformar em ouro para a remissão dos captivos.

S. Salvador. Abril de 1871.

—◇—

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

DRAMA HISTORICO BRAZILEIRO

Precedido de uma carta do Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar e de outra do Illm. Sr. Machado de Assis.

CARTA

DO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ DE ALENCAR AO ILLM. SR. MACHADO DE ASSIS

Illm. Sr. Machado de Assis. Tijuca, 18 de Fevereiro de 1868.

Recebi hontem a visita de um poeta.

O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o ha de conhecer o Brazil. Bem entendido, fallo do Brazil que sente; do coração e não do resto.

O Sr. Castro Alves é hospede desta grande cidade, de alguns dias apenas. Vai a S. Paulo concluir o curso que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos talentos; a Athenas brazileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros.

Podia accrescentar que é filho de um medico illustre. Mas para que? A genealogia dos poetas começa com o seu primeiro poema. E que pergaminhos valem estes sellados por Deus?

O Sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do Dr. Fernandes da Cunha, um dos pontifices da tribuna brazileira. Digo pontifice, porque nos ca-

racteres dessa tempera o talento é uma religião, a palavra um sacerdocio.

Que jubilo para mim! Receber Cicero que vinha apresentar Horacio, a eloquencia conduzindo pela mão a poesia, uma gloria esplendida mostrando no horizonte da patria a irradiação de uma limpida aurora!

Mas tambem quanto, nesse instante, deplorei minha pobreza, que não permittia dar a tão caros hospedes regio agazalho. Carecia de ser Hugo ou Lamartine, os poetas-oradores, para preparar esse banquete da intelligencia.

Se ao menos tivesse nesse momento junto de mim a pleiade rica de jovens escriptores, á qual pertencem, o senhor, o Dr. Pinheiro Guimarães, Bocayuva, Muzio, Joaquim Serra, Varella, Rozendo Moniz, e tantos outros!... (*)

Entre estes, por que não lembrarei o nome de Leonel de Alencar, a quem o destino fez ave de arribação na terra natal? Em litteratura não ha suspeição; todos nós, que nascemos em seu regaço, não somos da mesma familia?

Mas a todos o vento da contrariedade os tem desfolhado por ahi, como flores de uma breve primavera.

Um fez da penna espada para defender a patria. Alguns têm as azas crestadas pela indifferença; outros, como douradas borboletas, presas da teia d'aranha, se debatem contra a realidade de uma profissão que lhes tolhe o vôo.

Felizmente estava eu na Tijuca.

O senhor conhece esta montanha encantadora. A natureza a collocou a duas leguas da

(*) Devia ter mencionado Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes e Zaluar.

côrte, como um ninho para as almas cansadas de pousar no chão.

Aqui tudo é puro e são. O corpo banha-se em aguas crystalinas, como o espirito na limpidez deste céo azul.

Respira-se á larga, não sómente os ares finos que vigoram o sopro da vida, porém aquelle halito celeste do Creador, que bafejou o mundo recem-nascido. Só nos ermos em que não cahiram ainda as fezes da civilisação, a terra conserva essa divindade do berço.

Elevando-se a estas eminencias, o homem approxima-se de Deus. A Tijuca é um escabelo entre o pantano e a nuvem, entre a terra e o céo. O coração que sobe por este genuflexorio, para se prostrar aos pés do Omnipotente, conta tres degráos; em cada um delles, uma contricção.

No alto da *Boa Vista*, quando se descortina longe, serpejando pela varzea, a grande cidade reptil, onde as paixões rastejam; a alma que se havia atrophiado nesse fóco de materialismo, sente-se homem. Embaixo era uma ambição; em cima uma contemplação.

Transposto esse primeiro estadio, além, para as bandas da Gavea, ha um logar que chamam *Vista Chineza*. Este nome lembra-lhe naturalmente um sonho oriental, pintado em papel de arroz. É uma tela sublime, uma decoração magnifica deste inimitavel scenario fluminense. Dir-se-ia que Deus entregou á algum de seus archanjos o pincel de Apelles, e mandou-lhe encher aquelle panno de horizonte. Então o homem sente-se religioso.

Finalmente, chega-se ao *Pico da Tijuca*, o ponto culminante da serra, que fica do lado opposto. D'ahi os olhos deslumbrados veem a

terra, como uma vasta ilha a submergir-se entre os dous oceanos, o oceano do mar e o oceano do ether. Parece que estes dous infinitos, o abysmo e o céo, abrem-se para absorver um ao outro. E no meio dessas immensidades, um atomo, mas um atomo rei de tanta magnitude. Ahi o impio é christão e adora o Deus verdadeiro.

Quando a alma desce destas alturas e volve ao pó da civilisação, leva comsigo uns pensamentos sublimes, que do mais baixo remontam á sua nascença, pela mesma lei que faz subir ao nivel primitivo a agua derivada do topo da terra.

Nestas paragens não podia meu hospede soffrer jejum de poesia. Recebi-o dignamente. Disse a natureza que puzesse a mesa, e enchesse as amphoras das cascatas de limpha mais deliciosa que o falerno do velho Horacio.

A Tijuca esmerou-se na hospitalidade. Ella sabia que o joven escriptor vinha do norte, onde a natureza tropical se espenneja em lagos de luz diaphana, e, orvalhada de esplendores, abandona-se lasciva como uma odalisca ás caricias do poeta.

Então a natureza fluminense, que tambem, quando quer, tem daquellas impudencias celestes, fez-se casta e vendou-se com as alvas roupagens das nuvens. A chuva a borrifou de aljofares; as nevoas delgadas resvalavam pelas encostas como as fimbrias da branca tunica roçagante de uma virgem christã.

Foi assim, a sorrir entre os nitidos véos, com um recato de donzella, que a Tijuca recebeu nosso poeta.

O Sr. Castro Alves lembrava-se, como o senhor e alguns poucos amigos, de uma antiguidade de minha vida; que eu outr'ora escrevera

para o theatro. Avaliando sobre medida minha experiencia neste ramo difficil da litteratura, desejou ler-me um drama, primicia de seu talento.

Essa producção passou pelas provas publicas já em scena competente para julgal-a. A Bahia applaudiu com jubilos de mãi a ascensão da nova estrella de seu firmamento. Depois de tão brilhante manifestação, duvidar de si, não é modestia unicamente, é respeito á santidade de sua missão de poeta.

Gonzaga é o titulo do drama que lemos em breves horas. O assumpto, colhido na tentativa revolucionaria de Minas, grande manancial de poesia historica ainda tão pouco explorado, foi enriquecido pelo autor com episodios de vivo interesse.

O Sr. Castro Alves é um discipulo de Victor Hugo, na architectura do drama, como no colorido da idéa. O poema pertence á mesma escola do ideal; o estylo tem os mesmos toques brilhantes.

Imitar Victor Hugo só é dado ás intelligencias de primor. O Ticiano da litteratura possue uma palheta que em mão de colorista mediocre mal produz borrões. Os moldes ousados de sua phrase são como os de Benevenuto Cellini; se o metal não for de superior afinação, em vez de estatuas sahem pastichios.

Não obstante, sob essa imitação de um modelo sublime desponta no drama uma inspiração original, que mais tarde ha de formar a individualidade litteraria do autor. Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos.

Não se admire de assimilar eu o cidadão e o poeta, duas entidades que no espirito de muitos andam inteiramente desencontradas. O cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do bello e da arte.

Ha no drama *Gonzaga* exuberancia de poesia. Mas deste defeito a culpa não foi do escriptor; foi da idade. Que poeta aos vinte annos não tem essa prodigalidade soberba de sua imaginação, que se derrama sobre a natureza, e a inunda?

A mocidade é uma sublime impaciencia. Diante della a vida se dilata, e parece-lhe que não tem para vivel-a mais que um instante. Põe os labios na taça da vida, cheia a transbordar de amor, de poesia, de gloria, e quizera estancal-a de um sorvo.

A sobriedade vem com os annos; é virtude do talento viril. Mas, entrado na vida, o homem aprende a poupar sua alma. Um dia, quando o Sr. Castro Alves reler o *Gonzaga*, estou convencido que elle ha de achar um drama esboçado, em cada personagem desse drama.

Olhos severos talvez enxerguem na obra pequenos senões.

Maria, achando em si forças para enganar o governador em um transe de suprema angustia, parecerá a alguns menos amante, menos mulher, do que devera. A acção, dirigida uma ou outra vez pelo accidente material, antes do que pela revolução intima do coração, não terá, na opinião dos realistas, a naturalidade moderna.

Mas são esses defeitos da obra, ou do espirito em que elle se reflecte? Muitas vezes já não sorprendeu seu pensamento a fazer a critica de

uma flor, de uma estrella, de uma aurora? Se o deixasse, creia que elle se lançaria a corrigir o trabalho do supremo artista. Não somos homens debalde: Deus nos deu uma alma, uma individualidade.

Depois da leitura de seu drama, o Sr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. *A cascata de Paulo Affonso*, *As duas ilhas* e *A visão dos mortos*, não cedem as excellencias da lingua portugueza neste genero. Ouça-as o senhor, que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave e opulenta.

Nesta capital da civilisação brazileira, que o é tambem da nossa indifferença, pouco apreço tem o verdadeiro merito quando se apresenta modestamente. Comtudo, deixar que passasse por aqui ignorado e despercebido o joven poeta bahiano, fôra mais que uma descortezia. Não lhe parece?

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o theatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda ás auras da publicidade.

Para Virgilio do joven Dante nesse invio caminho da vida litteraria, lembrei-me do senhor. Sobram-lhe os titulos. Para apresentar ao publico fluminense o poeta hahiano, é necessario não só ter fôro de cidade na imprensa da côrte, como haver nascido neste bello valle do Guanabara, que ainda espera seu cantor.

Seu melhor titulo, porém, é outro. O senhor foi o unico de nossos modernos escriptores, que se dedicou á cultura dessa difficil sciencia que se chama *critica*. Uma porção do talento que recebeu da natureza, em vez de aproveital-o em

creações proprias, não duvidou applical-o a formar o gosto o desenvolver a litteratura patria.

Do senhor, pois, do primeiro critico brazileiro, confio a brilhante vocação litteraria que se revelou com tanto vigor.

J. DE ALENCAR.

CARTA

DO ILLM. SR. MACHADO DE ASSIS, EM RESPOSTA, AO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ DE ALENCAR

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1868.

Exm. Sr. — É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebel-o das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recommendação que é uma sagração. A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida litteraria. Abre os olhos em pleno Capitolio. Os seus primeiros cantos obtêm o applauso de um mestre.

Mas se isto me enthusiasma, outra cousa ha que me commove e confunde. é a extrema confiança de V. Ex. nos meus prestimos litterarios, confiança que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inutil fôra dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Ex. mais do que uma animação generosa.

A tarefa da critica precisa destes parabens; é tão ardua de praticar, já pelos estudos que exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra

eloquente de um chefe é muitas vezes necessaria para reavivar as forças exhaustas e reerguer o animo abatido.

Confesso francamente, que, encetando os meus ensaios de critica, fui movido pela idéa de contribuir com alguma cousa para a reforma do gosto que se ia perdendo e effectivamente se perdem. Meus limitadissimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedil-o, se, por influencia irresistivel, o mal vinha de fóra, e se impunha ao espirito litterario do paiz, ainda mal formado e quasi sem consciencia de si? Era difficil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de litteratura, sem alento nem ideal, falseada e frivola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex., sabem exprimir sentimentos e idéas na lingua que nos legaram os mestres classicos, nem esses puderam oppor um dique á torrente invasora. Se a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podia dar-nos alguma consolação, quando não se antolha remedio ao mal.

Se a magnitude da tarefa era de assombrar espiritos mais robustos, outro risco havia, e a este já não era a intelligencia que se expunha, era o caracter. Comprehende V. Ex. que, onde a critica não é instituição formada e assentada, a analyse litteraria tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais bellas crianças do mundo. Não raro se originam odios onde era natural travarem-se affectos. Desfiguram-se os intentos da critica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipathia o que é consciencia. Fosse esse, porém, o unico obstaculo, estou convencido que elle não pesaria no animo de quem põe acima

do interesse pessoal o interesse perpetuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é tambem.

Cansados de ouvir chamar bella á poesia, os novos athenienses resolveram banil-a da republica. O elemento poetico é hoje um tropeço ao successo de uma obra. Aposentaram a imaginação. As musas, que já estavam apeadas dos templos, foram tambem apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veiu sentar-se no sanctuario, e assim generalisou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alpheu não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias?

Eu bem sei que no Brazil, como delle, severos espiritos protestam com o trabalho e a lição contra esse estado de cousas; tal é porém a feição geral da situação, ao começar a tarde do seculo. Mas sempre ha de triumphar a vida intelligente. Basta que se trabalhe sem tregoa. Pela minha parte, estava e está acima das minhas posses semelhante papel; comtudo, entendia e entendo — adoptando a bella definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta — que ha para o cidadão da arte e do bello deveres imprescriptiveis, e que, quando uma tendencia do espirito o impelle para certa ordem de actividade, é sua obrigação prestar esse serviço ás letras.

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor illustre, apto para este arduo mister, erudito e profundo, que teria proseguido no caminho das suas estréas, se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as creações que depois nos deu. Será preciso accrescentar que alludo a V. Ex.?

Escolhendo-me para Virgilio do joven Dante que nos vem da patria de Moema, impõe-me

um dever, cuja responsabilidade seria grande se a propria carta de V. Ex.ª não houvesse aberto ao neophyto as portas da mais vasta publicidade. A analyse póde agora esmerilhar nos escriptos do poeta bellezas e descuidos. O principal trabalho está feito.

Procurei o poeta cujo nome havia sido ligado ao meu, e com a natural anciedade que nos produz a noticia de um talento robusto, pedi-lhe que me lesse o seu drama e os seus versos.

Não tive, como V. Ex., a fortuna de os ouvir diante de um magnifico panorama. Não se rasgavam horizontes diante de mim: não tinha os pés nessa formosa Tijuca, que V. Ex. chama um escabelo entre a nuvem e o pantano. Eu estava no pantano. Em torno de nós agitava-se a vida tumultuosa da cidade. Não era o ruido das paixões nem dos interesses; os interesses e as paixões tinham passado a vara á loucura: estavamos no carnaval.

No meio desse tumulto abrimos um oasis de solidão.

Ouvi o *Gonzaga* e algumas poesias.

V. Ex. já sabe o que é o drama e o que são os versos, já os apreciou comsigo, já resumiu a sua opinião. Esta carta, destinada a ser lida pelo publico, conterá as impressões que recebi com a leitura dos escriptos do poeta.

Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação litteraria, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificencias do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporanea é ser copista — no dizer, nas idéas e nas imagens. — Copial-as é annullar-se. A musa do Sr. Castro Alves tem feição propria. Se se adivinha que a

sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma indole irmã levou-a a preferir o poeta das *Orientaes* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brandas e desmaiadas da elegia; quer antes as cores vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o Sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grandioso e o que é delicado, mas com igual inspiração e methodo identico: a pompa das figuras, a sonoridade do vocabulo, uma fórma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses lavores o estro, a espontaneidade, o impeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a fórma e o estro. Os verdadeiros poetas são os que as têm ambas. Vê-se que o Sr. Castro Alves as possue; veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas. O receio de cahir em um defeito não o levará a cahir no defeito contrario? Não me parece que lhe haja acontecido isso; mas indico-lhe o mal, para que fuja delle. É possivel que uma segunda leitura dos seus versos me mostrasse alguns senões faceis de remediar; confesso que os não percebi no meio de tantas bellezas.

O drama, esse li-o attentamente; depois de ouvil-o, li-o e reli-o, e não sei bem se era a necessidade de o apreciar, se o encanto da obra, que me demorava os olhos em cada pagina do volume.

O poeta explica o dramaturgo. Reapparecem no drama as qualidades do verso; as metaphoras enchem o periodo; sente-se de quando em quando o arrojo da ode. Sophocles pede as azas a Pindaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno;

rompe o céo de lona e arroja-se ao espaço livre e azul.

Esta exuberancia, que V. Ex. com justa razão attribue á idade, concordo que o poeta ha de reprimil-a com os annos. Então conseguirá separar completamente a lingua lyrica da lingua dramatica; e do muito que devemos esperar temos prova e fiança no que nos dá hoje.

Estreando no theatro com um assumpto historico, e assumpto de uma revolução infeliz, o Sr. Castro Alves consultou a indole do seu genio poetico. Precisava de figuras que o tempo houvesse consagrado; as da Inconfidencia tinham além disso a aureola do martyrio. Que melhor assumpto para excitar a piedade? A tentativa abortada de uma revolução, que tinha por fim consagrar a nossa independencia, merece do Brazil de hoje aquella veneração que as raças livres devem aos seus Spartacus. O insuccesso fel-os criminosos; a victoria tel-os-hia feito Washingtons. Condemnou-os a justiça legal; rehabilita-os a justiça historica.

Condensar estas idéas em uma obra dramatica, transportar para a scena a tragedia politica dos Inconfidentes, tal foi o objecto do Sr. Castro Alves, e não se póde esquecer que, se o intuito era nobre, o commettimento era grave. O talento do poeta superou a difficuldade; com uma sagacidade, que eu admiro em tão verdes annos, tratou a historia e a arte por modo que, nem aquella o póde accusar de infiel, nem esta de copista. Os que, como V. Ex., conhecem esta alliança, hão de avaliar esse primeiro merecimento do drama do Sr. Castro Alves.

A escolha de Gonzaga para protogonista foi certamente inspirada ao poeta pela circumstancia

dos seus legendarios amores, de que é historia aquella famosa *Marilia de Dirceu*. Mas não creio que fosse só essa circumstancia. Do processo resulta que o cantor de Marilia era tido por chefe da conspiração, em attenção aos seus talentos e letras. A prudencia com que se houve desviou da sua cabeça a pena capital. Tiradentes, esse era o agitador; serviu á conjuração com uma actividade rara; era mais um conspirador do dia que da noite. A justiça o escolheu para a forca. Por tudo isso ficou o seu nome ligado ao da tentativa de Minas.

Os amores de Gonzaga traziam naturalmente ao theatro o elemento feminino, e de um lance casavam-se em scena a tradição politica e a tradição poetica, o coração do homem e a alma do cidadão. A circumstancia foi bem aproveitada pelo autor; o protogonista atravessa o drama sem desmentir a sua dupla qualidade de amante e de patriota; casa no mesmo ideal os seus dous sentimentos. Quando Maria lhe propõe a fuga, no terceiro acto, o poeta não hesita em repellir esse recurso, apezar de ser imminente a sua perda. Já então a revolução expira; para as ambições, se elle as houvesse, a esperança era nenhuma; mas ainda era tempo de cumprir o dever. Gonzaga preferiu seguir a lição do velho Horacio corneilliano; entre o coração e o dever a alternativa é dolorosa. Gonzaga satisfaz o dever e consola o coração. Nem a patria nem a amante podem lançar-lhe nada em rosto.

O Sr. Castro Alves houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados. Para avaliar um drama historico não se póde deixar de recorrer á historia; supprimir esta condição é expor-se a critica a não entender o poeta.

Quem vê o Tiradentes do drama não reconhece logo aquelle conjurador impaciente e activo, nobremente estouvado, que tudo arrisca e emprehende, que confia mais que todos no successo da causa, e paga emfim as demasias do seu caracter com a morte na forca e a profanação do cadaver? E Claudio, o doce poeta, não o vemos todo ali, galhofeiro e generoso, fazendo da conspiração uma festa e da liberdade uma dama, gamenho no perigo, caminhando para a morte com o riso nos labios, como aquelles emigrados do Terror? Não lhe rola já na cabeça a idéa do suicidio, que praticou mais tarde, quando a espectativa do patibulo lhe despertou a fibra de Catão, casando-se com a morte, já que se não podia casar com a liberdade? Não é aquelle o denunciante Silverio, aquelle o Alvarenga, aquelle o padre Carlos? Em tudo isso é de louvar a consciencia litteraria do autor. A historia nas suas mãos não foi um pretexto; não quiz profanar as figuras do passado, dando-lhes feições caprichosas. Apenas empregou aquella exageração artistica, necessaria ao theatro, onde os caracteres precisam de relevo, onde é mister concentrar em pequeno espaço todos os traços de uma individualidade, todos os caracteres essenciaes de uma época ou de um acontecimento.

Concordo que a acção parece ás vezes desenvolver-se pelo accidente material. Mas esses rarissimos casos são compensados pela influencia do principio contrario em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da acção; ella é vigorosa e interessante em todo o livro; pathetica no ultimo acto. Os derradeiros adeuses de Gonzaga e Maria excitam naturalmente a piedade, e uns bellos versos fecham

este drama, que póde conter as incertezas de um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejavel estréa.

Nesta rapida exposição das minhas impressões, vê V. Ex. que alguma cousa me escapou. Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a liberdade, era justo aventar a idéa da abolição. Luiz representa o elemento escravo. Comtudo o Sr. Castro Alves não lhe deu exclusivamente a paixão da liberdade. Achou mais dramatico pôr naquelle coração os desesperos do amor paterno. Quiz tornar mais odiosa a situação do escravo pela luta entre a natureza e o facto social, entre a lei e o coração. Luiz espera da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira affirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro acto Luiz encontra a filha já cadaver, e prorompe em exclamações e soluços, o coração chora com elle, e a memoria, se a memoria póde dominar taes commoções, nos traz aos olhos a bella scena do rei Lear, carregando nos braços Cordelia morta. Quem os compara não vê nem o rei nem o escravo; vê o homem.

Cumpre mencionar outras situações igualmente bellas. Entra nesse numero a scena da prisão dos conjurados no terceiro acto. As scenas entre Maria e o governador tambem são dignas de menção, posto que prevaleço no espirito o reparo a que V. Ex. alludiu na sua carta. O coração exigiria menos valor e astucia da parte de Maria; mas, não é verdade que o amor vence as repugnancias para vencer os obstaculos? Em todo o caso uma ligeira sombra não empana o fulgor da figura.

As scenas amorosas são escriptas com paixão: as palavras sahem naturalmente de uma alma para outra, prorompem de um para outro coração. E que contraste melancolico não é aquelle idylio ás portas do desterro, quando já a justiça está prestes a vir separar os dous amantes?!

Dir-se-á que eu só recommendo bellezas e não encontro senões? Já apontei os que cuidei ver. Acho mais — duas ou tres imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução susceptivel de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da fórma? Que as demasias do estylo, a exuberancia das metaphoras, o excesso das figuras devem obter a attenção do autor, é cousa tão segura que eu me limito a mencional-as; mas como não aceitar agradecido esta prodigalidade de hoje, que póde ser a sabia economia de amanhã?

Resta-me dizer que, pintando nos seus personagens a exaltação patriotica, o poeta não foi só fiel á lição do facto, misturou talvez com essa exaltação um pouco do seu proprio sentir. É a homenagem do poeta ao cidadão. Mas, consorciando os sentimentos pessoaes aos dos seus personagens, é inutil distinguir o caracter diverso dos tempos e das situações. Os successos que em 1822 nos deram uma patria e uma dynastia apagaram antipathias historicas que a arte deve reproduzir quando evoca o passado.

Taes foram as impressões que me deixou este drama viril, estudado e meditado, escripto com calor e com alma. A mão é inexperiente, mas a sagacidade do autor suppre a inexperiencia. Estudou e estuda; é um penhor que nos dá. Quando voltar aos archivos historicos ou revolver as paixões contemporaneas, estou certo que o

fará com a mão na consciencia. Está moço; tem um bello futuro diante de si. Venha desde já alistar-se nas fileiras dos que devem trabalhar para restaurar o imperio das musas.

O fim é nobre, a necessidade é evidente. Mas o successo coroará a obra? É um ponto de interrogação que ha de ter surgido no espirito de V. Ex. Contra estes intuitos, tão santos quanto indispensaveis, eu sei que ha um obstaculo, e V. Ex. o sabe tambem: é a conspiração da indifferença. Mas a perseverança não póde vencel-a? Devemos esperar que sim.

Quanto a V. Ex., respirando nos degráos da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem duvida, em outras obras primas com que nos ha de vir sorprender cá em baixo. Deve fazel-o sem temor. Contra a conspiração da indifferença, tem V. Ex. um alliado invencivel: é a conspiração da posteridade.

MACHADO DE ASSIS.

PERSONAGENS

O Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.
D. Maria Dorothéa de Seixas Brandão.
O Governador Visconde de Barbacena.
O Coronel Joaquim Silverio dos Reis.
O Tenente Joaquim José da Silva Xavier. (Tiradentes.)
O Dr. Claudio Manoel da Costa.
Ignacio José Alvarenga.
O Vigario Carlos Correia de Toledo.
O Tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão.
Luiz.
Carlota.
Paulo.
Um carcereiro.
Um criado.

Damas, cavalheiros, conspiradores e soldados.

(Do drama passam-se em Minas os tres primeiros actos, no Rio de Janeiro o ultimo.)

ÉPOCA — 1789 a 1792.

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

ACTO I

Os escravos

(A scena representa um bosque brazileiro, dependente da chacara do tenente-coronel João Carlos. Á direita e á esquerda grandes massiços de arvores. No fundo, a planicie que se perde n'um horizonte de montanhas. No primeiro plano, á esquerda, um tronco partido. — É ao romper do dia.)

SCENA I

GONZAGA e LUIZ

GONZAGA (*entra vestido de caçador*): — Luiz, amarra ahi as redeas deste cavallo e vem ouvir-me.

LUIZ: — Ora emfim meu senhor moço me dá uma palavra. Ha duas horas que o sigo a trote largo, como a sombra de um mudo, ou antes, ha longos dias que o vejo assim.

GONZAGA: — Vem cá, Luiz, que tenho muito a fallar-te: deixa os teus ciumes, meu velho.

LUIZ: — Ciumes não, yoyô, mas vendo Vm. afflicto, preoccupado como agora, sempre a es-

crever, sempre a trabalhar, sempre a angustiar-se e sem dizer uma palavra, o pobre escravo diz comsigo: Luiz, velho Luiz, foi debalde que o pai desta criança te estimou, foi debalde que o carregaste nos hombros, que lhe ensinaste *as tyrannas* na viola e lhe contaste tuas historias na senzala.

GONZAGA: — Não tens razão, meu amigo.

LUIZ: — Não a tenho, sim; eu não a tenho, meu senhor, não posso pedir confiança; mas é que dóe muito dever tudo e não poder pagar-lhe nada, nem uma consolação. Vm. me deu a liberdade e eu sou inutil.

GONZAGA: — Cala-te, tu não me deves nada. Não achas que um amigo vale mais que alguns cruzados?

LUIZ: — Eu não sei o que custei; sinto o bem que Vm. me deu; quem é branco, quem é feliz, não póde comprehender esta palavra — liberdade. Não passa de uma bonita cousa, mas para nós, não. Sabeis o que ella é para o pobre captivo? — É ouvir pela madrugada o canto dos passarinhos de Deus sem o canto do chicote do feitor — é quando o sol tine no pino do meio-dia não sentir o fogo lavrar a pelle nos cannaviaes, e á noite, em vez da embriaguez da aguardente que mata a vergonha, beber o ar puro da familia, que mata o vicio.

GONZAGA: — E entretanto, meu amigo, a escravidão é uma parasita tão horrivelmente robusta, que, deslocada do tronco, vai fanar os ramos da vida. Tu és livre, mas eu ainda não pude restituir-te a tua familia.

LUIZ: — Ah! sucuruyuba do inferno, engole-

nos pela sombra, devora-nos os filhos, porque sabe que morreremos.

Gonzaga: — Acalma-te, ou antes, preciso é mesmo que nos lembremos do passado. Fallemos de tua mulher que tanto bem me queria, de Córa, que me enfeitava de flores os cabellos, que tinha sempre ninhos de passaros a dar-me. Lembro-me muito da tua infeliz mulher.

Luiz: — Minha mulher, oh! sim, ella era minha mulher... e tão minha que um dia levaram-n'a.

Gonzaga: — Pobre homem!

Luiz: — Ah! é que foi loucura do triste escravo querer ter um leito abençoado por Deus, querer que a mulher que amou, no momento de receber o primeiro beijo, fosse bemdita pelos anjos e chamada pelo santo nome de esposa!... mas ah! que quereis? Aos desgraçados só resta o amor e eu dizia então commigo: amemo-nos infelizes, amemo-nos captivos. Ainda nos resta uma ventura. Soffremos, lutamos, temos o chicote nos hombros, a ignominia na alma, mas ainda ha na terra um balsamo para o corpo, um balsamo para o coração — o amor de uma mulher — o amor de uma esposa.

Gonzaga: — Não te recordes agora da pobre Córa. Embalde minha mãi quiz compral-a ao seu barbaro senhor. Fallemos de tua filha.

Luiz: — Minha filha, que talvez se afogasse na deshonra para fugir á morte, como sua mãi, que afogou-se na morte para fugir á deshonra. Oh! santo Deus! Ter uma criancinha pequena, risonha, gordinha, que chora tanto, que faz a gente se zangar, que ri tanto que faz a gente

rir, que nos trepa nos joelhos, que nos puxa a barba, que corre nuasinha para nos tomar a enxada com que não póde, que nos conta mil tolices, que ri, que salta até fazer brotar a alegria na cara e a felicidade na alma... para um dia o senhor arrebatal-a, arrancal-a do meio das veias do coração...

Gonzaga: — Luiz, se houvesse um homem que te promettesse tua filha?

Luiz: — Minha filha!... Eu cahiria de joelhos, com a minha cabeça branca varrendo o pó de seus pés, eu lhe diria: oh! dai-me a minha pequena, dai-m'a por piedade, pela capella de vossa irmã, pelas lagrimas de vossa mãi.

Gonzaga: — E se este homem fosse bastante máo para esquecer o teu pedido e só lembrar-se dos seus interesses?

Luiz: — Eu lhe pediria, como suprema ventura, que me deixasse ser seu escravo, ser a sombra do seu corpo, sempre humilde e rasteira, ser seu cão para lamber-lhe os dedos, mesmo quando me ferissem.

Gonzaga: — E se este homem quizesse ainda mais?

Luiz: — Que me resta mais, meu Deus? Mas não, ainda posso dar alguma cousa, inda tenho uma faca na cinta, uma mão no pulso, um coração no peito, uma cabeça nos hombros... E se este homem existisse eu lhe diria: esta faca é vossa, este braço é vosso, este coração é vosso, esta cabeça é vossa, mas em troca do pouco que vos dou, dai-me minha filha.

Gonzaga: — Mas, se para obtel-a fôra mister

mais do que morrer... sim, trabalhar nas sombras, affrontar a luz; de noite ser o reptil do charco, de dia ser o tigre das serras... mentir, lutar, ferir com a promptidão do raio, desapparecer com a promptidão do relampago. Se fôra mister lutar contra um homem, contra uma provincia, contra um paiz, contra dous mundos?

LUIZ: — Basta, senhor... Por maior que fosse este inimigo não seria tão grande como o meu amor. Ver minha filha, ouvil-a chamar-me pelo nome de pai... depois seria nada arrancar a cabeça das espaduas e atiral-a ensanguentada aos pés do meu salvador.

GONZAGA: — Pois bem, Luiz, em nome da revolução, tua cabeça é minha.

LUIZ: — Sua, senhor!... Então vai já restituir-me a minha pequena? Oh! meu senhor, dê-m'a que já me tarda este momento.

GONZAGA: — É cedo.

LUIZ: — Cedo!... cedo para vel-a! Não!... é um engano, ha longos annos eu a procuro: estou velho de cabeça branca... moribundo e ainda é cedo para vel-a! Oh! senhor, nunca é cedo para ver minha filha.

GONZAGA: — Espera, Luiz.

LUIZ: — Espera... espera... mas não vê que estou cansado de esperar? Vinte annos... vinte annos cahindo minuto por minuto... vinte annos... vinte, sem luz nos olhos, sem orvalho n'alma... vinte annos... e me diz que espere... A mim, cego moribundo, diz: espera a luz — a mim, afogado agonisante, diz: espera a salvação — a mim, pai solitario, diz: espera tua filha. (*De*

joelhos.) Mas não, meu senhor, Vm. vai entregar-m'a, restituir-m'a pelo amor de Deus.

GONZAGA: — Luiz, eu não posso.

LUIZ (*levanta-se*): — Então por ultimo não m'a dá?... É pois verdade que todos os brancos são tyranos? (*Arrependendo-se*). Perdôe-me, perdôe-me, meu senhor moço, mas é que eu não comprehendo que desgraças possam trazer as lagrimas de um velho e os risos de uma criança... o sol continuará a brilhar para todos, as arvores darão sempre sombra... tudo será o mesmo. Pois é crime um pai e uma filha se abraçarem?

GONZAGA: — Luiz, só posso agora chorar comtigo, mas ainda que não esteja nas minhas mãos, juro que terás a tua felicidade.

LUIZ: — Mas quando poderei vel-a?

GONZAGA: — Talvez breve.

LUIZ: — Então por que meios abraçal-a?

GONZAGA. — Pelo teu heroismo.

LUIZ: — E quem m'a restituirá?

GONZAGA: — A revolução.

SCENA II

GONZAGA, CLAUDIO, ALVARENGA
e o PADRE CARLOS

GONZAGA: — Ainda bem, meus amigos, chegais a tempo, fallava de vós (*a Luiz*). Vai ver que ninguem nos interrompa. (*Luiz sahe.*)

CLAUDIO: — Emfim não é verdade, meu caro Gonzaga? Por Jupiter, já me faltava a paciencia.

Ah! senhores da metropole, ides emfim saber que este chão é nosso, que a America é dos americanos, como o céo é da ave, como a espingarda é da polvora. (*Voltando-se para os outros que conversam baixo.*) Ah! mas agora vejo que conversam em particular, e nem se quer dão-me attenção. Em summa é o mesmo, creio que nada perderão. Vejamos de que se trata.

ALVARENGA (*a Gonzaga*): — Tens razão, o momento é excellente. Já dóe-me ver a raça dos tyranos ferir com o chicote a face de um povo immenso. (*Ao padre*). Padre, realizaram-se as tuas prophecias... Um dia dizias-nos nos nossos pequenos serões litterarios que a liberdade dos povos seria uma verdade, porque o Christo não era uma mentira.

PADRE CARLOS: — Não era uma prophecia... era a lettra da Biblia: foi o Mestre quem o disse: *Eu vim quebrar os ferros a todos os captivos e elles serão quebrados.*

CLAUDIO: — Padre, Christo era um bello revolucionario. (*Interrompendo-se.*) Enganei-me... sim... quero dizer, padre, que se eu não fosse christão, bastariam para catechisar-me estas palavras sublimes.

PADRE CARLOS: — Palavras sublimes, disseste, e que em breve serão factos divinos.

GONZAGA: — É o que importa, meus senhores, eu pedi-lhes que viessem para receber os seus conselhos. Sabem perfeitamente o estado geral das cousas. A impaciencia alcança todos os espiritos, a tyrania fere toda a colonia.

CLAUDIO: — Eu creio que só temos a atacar. Já basta de ver cortadas todas as aspirações dos

brazileiros. Cada um tem uma offensa a vingar. Onde vedes, meus senhores, eu tenho assistido a mil desgraças em minha familia. Quando o coração de um brazileiro bate, ha uma mão de ferro que lhe estanca as pulsações. — É a metropole.

Alvarenga: — Quando um braço brazileiro vai pegar o fructo de seu trabalho, ha uma voz que lhe diz: — É meu. É ainda a metropole.

Padre Carlos: — Quando a plebe brazileira quer empolgar um punhado de instrucção, ha um sopro máo que lhe apaga a luz. — É a metropole.

Gonzaga: — Sim! Quando o escravo quer ser livre, quando o trabalhador quer ser proprietario, quando o colono quer ter direitos, quando a cabeça quer pensar, quando o coração quer sentir, quando o povo quer ter vontade, ha um fantasma que lhe diz: — Loucura, mil vezes loucura! O escravo tem o azorrague, o trabalhador o imposto, o colono a lei, a intelligencia o silencio, o coração a morte e o povo trévas. É a metropole! é sempre a metropole. E agora, senhores, é preciso que isto acabe. É preciso, mas como?

Claudio: — Meus amigos, á propaganda. Fallemos ao povo! Digamos: — Revolução! e os echos das nossas serranias repetirão tambem — Revolução!

Gonzaga: — Não. O echo do governador nos repetirá — Prisão.

Alvarenga: — Façamos clubs occultos, espalhemos o descontentamento nos soldados, o desespero na população. Mostremos-lhes a fonte

de todas as miserias, é talvez o unico meio. O imposto é uma calamidade.

GONZAGA: — O povo não se moverá. Dirá: Tendes razão. Tirai-me deste posto, soccorrei-me, porque eu estou cobarde como o escravo grego. Oh! meus senhores, é horrivel o dominio de um povo sobre outro. Como a anca do cavallo, a face de uma nação tambem caleja. E demais, espera-se que o governo da metropole perdôe os dizimos: quem o diz é o governador. Já veem que nada conseguirão por ahi.

PADRE CARLOS: — Meus senhores, nós chegámos á grande época da regeneração e da liberdade. Além do Atlantico ha um povo livre, grande pela força, sublime pelo pensamento, divino pela liberdade, que, atravez dos mares, nos estende a mão. É a França. A Revolução Franceza protege a revolução de Minas, esta é filha daquella, ou antes, ambas são filhas de Deus. Quando um povo levanta-se do captiveiro, Deus do topo dos Alpes ou do cimo dos Andes empresta-lhe uma espada, como dava as leis no cimo do Sinai. Pois bem, peçamos a este povo irmão auxilio e caminhemos.

GONZAGA: — Ainda bem. No exterior temos a França e a União Americana, ellas nos protegerão, ou pelo menos esta idéa dará forças aos nossos companheiros, mas eu vou dizer-lhes os nossos verdadeiros recursos. É preciso em primeiro logar que o governo conspire.

CLAUDIO: — Será difficil resolvel-o. Deve ser uma bella extravagancia, um governo que conspire contra si.

GONZAGA: — E eu te digo que é sempre o

governo quem conspira. Quem esporêa um cavallo á beira de um precipicio ha de rolar nelle. A metropole sangra as ilhargas da colonia, pois bem, ella ha de cahir na revolta.

CLAUDIO : — Mas como decidirmos o diabo do governador... a conspirar...

GONZAGA : — Não é o visconde governador... é o Dr. intendente geral. Eu me incumbo disso. Porém não basta.

ALVARENGA : — Que mais?

GONZAGA : — Eu vou dizer-lhes já. Luiz! ó Luiz!

SCENA III

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ : — Senhor!

GONZAGA : — Vem cá. (*Aos companheiros.*) Veem este homem?

CLAUDIO : — Por Deus! é um negro.

GONZAGA : — Sabem a que classe pertence?

CLAUDIO : — Um escravo ou um liberto.

GONZAGA : — Que é ainda um escravo, se este homem tiver a desgraça de ter mãi, filho, irmã, amante, uma mulher, uma familia, emfim, algum desses fios que prendem o homem á vida como a estrella ao firmamento. E sabeis por que? É que a mãi de cujo seio elle sahiu é escrava e o fructo murcha quando o tronco soffre, é que a mulher que elle tem no coração é escrava e o verme que morde o coração mata o

corpo, é que o filho de seu amor é escravo, e o ninho desaba quando o passarinho estrebucha na agonia. E sabem o que este homem quer? Qual é o unico sonho de sua noite, a unica idéa de seu cerebro? Perguntem-lhe.

CLAUDIO: — Talvez o amor, a ventura sob a fórma de um beijo.

LUIZ: — Perdôe, meu senhor. Engana-se. Não!

CLAUDIO: — Riqueza para realizar estes castellos doudos de uma imaginação da Africa?

LUIZ: — Ainda não.

CLAUDIO: — Mulheres como nos harens do Oriente, como os principes da Africa sabem ter?

LUIZ: — Não, mil vezes não.

CLAUDIO: — Posição, grandeza, talvez uma farda de governador. Ainda não? com mil diabos, és difficil de contentar.

GONZAGA: — Enganas-te. Elle quer pouco, quer o que todos nós temos, quer sua familia, quer sua filha.

CLAUDIO: — Então não quer dizer nada. Comprehendo: é preciso talvez libertal-a. Ahi tens minha bolsa e fallemos do que mais importa.

GONZAGA: — Guarda a tua bolsa, ella não basta. Admiras-te? Eu vou contar-te esta pequena historia. Havia, quando eu era criança, meus amigos, em nossa fazenda, uma mulata. Chamava-se Cora. Era uma bonita e boa mulher que um dia appareceu-nos, dizendo ser livre, e que minha mãi acolheu. Pouco tempo depois...

LUIZ: — Eu lhes contarei esta historia, meus

senhores: Eu a tenho aqui (*apontando o coração*) e é memoria que nunca falha... Foi muito simples. A mulher amou um homem, enganei-me, amou alguma cousa que está entre o cão e o cavallo, amou um homem de pelle preta. Para que fallar destes amores? O pobre diabo adorava-a, e ella, ella queria-o muito. Oh! nunca comprehendereis o amor de dous entes que não têm nada no mundo, nem mesmo o palmo de terra em que pisam, nem o céo que os cobre... Não tinham propriedade — um era a fazenda do outro. Não tinham familia — um era a familia do outro... Nem mesmo Deus elles tinham, sim! porque um resto de idolatria pelos fetiches do Congo, misturado com um bocado de historia de feiticeiros e um copo d'agua benta que um padre lhes atirou á cabeça não era religião... O Deus delles?!... tinham-n'o ainda um no outro... nestes longos suspiros em baixo das bananeiras da fonte, nestas conversações mudas nas horas do luar nas solidões, nas lagrimas que cahiam juntas para o chão, nos olhares que se levantavam juntos para o céo. (*Enxuga uma lagrima, com voz precipitada e ironica.*) Depois não quizeram ser prostituidos... Ah! ah! ah! que doudos! Casaram-se... Deus parecia tambem estar n'um dia de ironia... Deu-lhes uma filha... (*Cada vez mais sombrio.*) Um dia um homem chegou á fazenda... Era á tarde... ainda me lembro. Cahiam as sombras por detrás da serra — a sabiá cantava nos coqueiros da matta, e uma doce tristeza rodeava as senzalas. O negro e a mulher de volta do trabalho, sentados á porta da senzala, brincavam com uma criancinha que esperneava rindo no chão. Como era linda! Neste momento tocavam as ave-

marias. A mulher levantou-se apanhando a criança e começou risonha e feliz a ensinar-lhe uma oração... O pai olhava este quadro, louco de felicidade... De repente uma chicotada interrompeu o nome de Deus na boca da pobre mãi e uma chuva de sangue inundou a criancinha que continuou a rir.

Alvarenga, Claudio e Padre Carlos: — Miseravel!...

Luiz: — Era o que ia dizer-lhe a ponta de uma faca, mas no ouvido das entranhas... quando muitos braços agarram o negro pelas costas. Amarram-n'o ali mesmo e então, emquanto o sangue e a loucura subiam-lhe aos olhos, elle ouviu isto. O estrangeiro dizia: tu vais ser castigada com teu filho. A desgraçada ousou ajoelhar-se... creio que despiram-n'a e ali mesmo os açoutes estalaram... Sim... lembro-me que de vez em quando um borrifo de sangue acordava me do meu delirio. E eu... eu só tinha ao alcance o meu braço, por isso estrafegava-o com os dentes...

Alvarenga, Claudio e Padre Carlos: — Eras tu, infeliz?

Luiz: — Parece-me que sim... *(mostrando-lhes uma grande cicatriz no braço)* parece-me que é isto...

Alvarenga e Claudio: — E tua mulher?

Luiz: — Poucos dias depois, emquanto eu estava preso, soube que se havia afogado n'um rio.

Claudio: — E tua filha, tua pobre filha?

Luiz: — Seu senhor morrendo, venderam-n'a, não sei a quem; procuro-a desde então... pro-

curo-a, meus senhores... eis tudo o que eu sei. Perdi-a, eis tudo quanto sinto...

Claudio: — E nunca mais tiveste um só indicio de tua filha?

Gonzaga: — Eu te digo. Ha dias fallava eu com Joaquim Silverio, um dos nossos melhores companheiros...

Luiz *(á parte)*: — Um homem com cara de traidor.

Gonzaga: — E por acaso a conversação cahiu sobre Luiz. Dizia-lhe eu que este era um homem forte, intelligente e dedicado, e que já aqui, já em Coimbra, me havia acompanhado e talvez, para consolar-se de suas desgraças, tinha aprendido a ler, fazendo-se muito instruido para sua triste condição... Continuei contando-lhe a sua pequena historia e a perda de sua filha. Então disse-me Joaquim Silverio: eu poderia entregar-lhe esta rapariga. Luiz é teu amigo, mas é mister que o seja da revolução... eu guardo a pequena como penhor de sua fidelidade.

Claudio: — E por que não o fizeste entregar ao pobre escravo sua filha? Isto é uma infamia. Aquelle homem, meus senhores, cuidado com aquelle homem. Olhar desconfiado, mão traiçoeira.

Alvarenga: — Não é talvez um pensamento generoso, mas é um meio prudente, se é que Luiz tem de tomar parte nos nossos segredos e de ser um dos companheiros...

Luiz: — Não! mil vezes não! Dêm-me minha filha, porque eu serei calado como um tumulo, frio como o ferro de minha faca, terrivel como a fatalidade. Mas se não m'a entregam, eu digo:

este senhor Silverio é um mentiroso, um miseravel que quer que o sirva em suas machinações; mas que eu não acompanharei, porque nesta têa horrivel, nunca encontrarei minha filha... *(com desespero)*. Digam-me, meus senhores, quem me dará minha filha?

GONZAGA: — Ainda a revolução.

TODOS: — Como?

GONZAGA: — Eu vol-o digo, meus senhores. Um dia (já lá vão seculos), era ao cahir da tarde. Nas ruas soberbas de Jerusalém a turba desenfreiada ulula, tinem os arnezes dos soldados de Cesar, estridulam as gargalhadas da plebe louca: e uma voz dizia nas praças: Passai, phariseus, envoltos em vossas ricas togas; passai, soldados escravos de Roma; passai; grandes da terra — tendes por toro o Calvario, por vinho o sangue de Deus. Mas uma outra voz levantava-se do deserto e clamava: — Chorai, lyrios do valle de Cedron, chorai, pallidas filhas de Sião... chorai, desgraçados, chorai, captivos — o moço de Nazareth, o louro mancebo que nos enxugava os prantos da ignominia, que promettia quebrar os ferros de todos os escravos já não existe. O amigo da desgraça morreu... Mas quando o ultimo halito do Deus vivo rasgou a cortina do templo, quando na luz de seus olhos eclipsou-se o sol do universo, então o anjo da igualdade, agitando as azas, ensopadas em sangue, sacudiu o verbo da liberdade aos quatro ventos do céo.

CLAUDIO: — Oh! mil bençãos a ti, mancebo de Nazareth!

LUIZ: — Maldição sobre vós, senhores, que esmagais vossos captivos.

(Ouve-se uma voz que canta ao longe)

Eu sou a pobre captiva,
A captiva d'além-mar.
Eu vago em terra estrangeira
Ninguem me quer escutar.

Tu que vais a longes terras,
O' viajeira andorinha,
Vai dizer a minha mãi
Que eu vivo triste e sósinha.

Mas diz á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar.
Quando eu morrer nesta terra,
Para as terras de além-mar.

GONZAGA: — Não, pobre captiva, tu não gemerás até á morte. Não, tu não irás como tuas companheiras atirar-te um dia nas lagôas, crendo que vais reviver em tua patria. Não, infeliz! Em breve, sob estas selvas gigantescas da America, a familia brazileira inteira se assentará como nos dias primitivos... Não mais escravos! não mais, senhores. Todas as frontes livres poderão mergulhar o pensamento nos infinitos azulados, todos os braços livres hão de sulcar o seio da terra brazileira. *(A Luiz.)* Luiz, pobre desgraçado! deve ser um dia sublime aquelle em que as crianças souberem o nome de seus pais, porque suas mãis serão esposas e não meretrizes... em que as virgens murmurarem sem pejo o nome de seus amantes, porque não serão mais polluidas pelo beijo dos senhores devassos... em que os velhos sentados á beira dos tumulos abençoarem sua geração, porque a tunica da ignominia deixará de acompanhal-os atravez dos seculos como o ferrete do judeu maldito!...

LUIZ: — Oh! venha este santo dia.

GONZAGA : — E elle virá em breve, porque o sangue de Christo não cahiu embalde sobre a terra. Almas de moços, frontes cheias de fé, nós juramos pelo martyr do Golgotha a remissão de todos os captivos.

LUIZ *(a Gonzaga)* : — Senhor, eu procurava uma filha, agora procuro duas: — Carlota e a Revolução.

GONZAGA : — Sim : liberdade a todos os braços! Liberdade a todas as cabeças.

SCENA IV

OS MESMOS menos LUIZ

(Ouve-se um rumor ás primeiras palavras de Gonzaga. Luiz sahe.)

GONZAGA *(caminhando precipitadamente para o fundo)* : — Um homem que se dirige para aqui... É talvez alguma cousa extraordinaria... que carreira desabrida... não ha duvida *(vindo á boca da scena)*. O que teremos de novo? Aquelle cavallo e aquelle homem parecem-me conhecidos. Meus amigos, creio que temos uma cousa imprevista *(dirige-se ao fundo)*, vai passar-se uma desgraça.

CLAUDIO : — Olá! que formidavel salto!

GONZAGA : — Ah! mas o homem está salvo!

(Todos estão por algum tempo olhando fixamente para a direita.)

SCENA V

OS MESMOS, LUIZ e SILVERIO

TODOS: — Silverio!

SILVERIO: — Elle mesmo, meus amigos, quando me julgavam talvez muito longe. Ah! e por pouco que me não acho agora inda mais do que esperava, porque, a fallar-lhes a verdade, chego em linha recta das plagas do outro mundo, da provincia de Satanaz, capital das mulheres bonitas e dos homens de bom gosto. *(A Gonzaga.)* Ah! meu caro, sempre te direi que o teu cavallo é terrivel e dá tão bellos pulos que bem póde atirar um homem atravez das estrellas, nem mais nem menos que nas barbas da Eternidade. Safa! Que a não ser o Luiz, a estas horas não poderia mais molhar minha espada no sangue de um tyrano, nem minha boca n'um beijo de mulher...

LUIZ: — Nada, Sr. Silverio, é que eu e o murzelo já somos conhecidos velhos... mas o bom do cavallo parece que foi ferido mais do que esperava no seu orgulho ou nos seus flancos... do que Vm. não tinha muita necessidade, honra lhe seja feita.

SILVERIO: — Não tinha necessidade!... Achas que só por prazer eu me arriscaria no lombo daquelle maldito animal. Imaginem, meus senhores, que eu chegava a toda brida da Cachoeira do Campo. *(A Gonzaga.)* Ao bater em tua porta, minha montada cahe estafada. Safo os pés dos estribos, procuro por ti, disseram-me que estavas em Villa Rica. Mando sellar outro animal e parto. O cavallo fogoso e esperto começa a caracolar e

a escarvar o chão. Impaciente com a demora, cravo as esporas... o mais não sei... tres galões terriveis... e os ventos me assobiavam nos ouvidos e as crinas açoutavam-me o rosto e a terra era engulida pelas patas de ferro que a devoravam. Arvores, nuvens, planicies e valles dansavam uma sarabanda vertiginosa, ou passavam galopando a assobiar-me pela cabeça. Ora, no topo de um monte, já no fundo de um valle, rapido como o vento, nós rolavamos desvairados... De repente vejo um fosso. Upa! murzelo! Upa! o salto foi mortal, partiu-se a silha e eu iria rebentar a cabeça n'uma lapa, se um braço de Hercules não tivesse soffreado o cavallo e outro me amparado na quéda.

GONZAGA: — Mas felizmente estás salvo...

SILVERIO: — *Gratias tibi Domino.*

GONZAGA: — O que é uma grande felicidade; porque neste momento...

SILVERIO: — Maior mesmo do que podem suppor.

CLAUDIO *(com ironia)*: — Que diz, Sr. Silverio! Parece que se lisongeia.

SILVERIO: — Nada, quasi nada. É que afinal metteu se-me na cabeça prestar para alguma cousa. É uma extravagancia como qualquer outra. Imaginem, meus senhores, que sou homem que não mereco muita confiança, nem mesmo sympathia, porque emfim sou um pouco o favorito do governador ha algum tempo... mas que tenho o capricho de fazer gratos mesmo os que me odeiam... *(olhando Claudio)* e de gozar do seu embaraço... Ah! ah! ah! mas que diabo! dei-

xemo-nos de palavras perdidas... O tempo urge... Dizias tu, Gonzaga, que este momento...

GONZAGA: — É o que ha longo tempo esperamos. Os ricos que protegem suas propriedades como a onça os cachorrinhos, urram e amolam os dentes... Nós açularemos a onça!

ALVARENGA: — Os pobres que sentem o suor de todas as agonias pela testa, desesperam e preparam-se a morder. Nós animaremos o cão.

LUIZ: — Os escravos sonham com a liberdade e abalam com sinistro movimento suas cadêas. Nós levantaremos os escravos.

SILVERIO: — Mas eu lhes digo que para o tigre ha o raio. Para o cão a pedra. Para o escravo a força.

GONZAGA: — Mas quem vibrará o raio? quem lançará a pedra? quem erguerá a força?

SILVERIO: — O governador.

GONZAGA e TODOS: — Maldição! O governador!

GONZAGA: — E que fará o governador?

SILVERIO: — Chegará em breve a Villa Rica.

GONZAGA: — Oh! desespero! *(Todos grupam-se no fundo.)*

SILVERIO *(á parte, á boca da scena)*: — Por Deus! Parece que joguei a maravilhas. O momento era desesperado. Era preciso intimidal-os, porque talvez estes endiabrados conseguissem o seu fim. E neste ponto, quanto mais cedo melhor. O visconde estará aqui em breve, talvez hoje mesmo; entretanto, antes disto poderia romper a revolução, contando elles com a sua ausencia.

Bravo! Dest'arte plantei a confiança nestes e a gratidão naquelle.

GONZAGA: — Quando chegará o governador?

SILVERIO: — Breve. Talvez d'aqui a dous dias. (*A' parte.*) Talvez d'aqui a duas horas.

GONZAGA: — E sabe-se para onde vai?

SILVERIO: — Crê-se que para o Rio de Janeiro.

GONZAGA: — Bem. É preciso partirmos, meus amigos. Até lá seremos os mineiros da revolução, os trabalhadores das trévas, e quando o visconde desapparecer, desapparecerá o poder de Portugal.

CLAUDIO: — Vamos prevenir o Tiradentes.

GONZAGA: — Sim... (*Todos grupam-se em torno delle, na boca da scena, fallando baixo. Gonzaga escreve por algum tempo.*)

SILVERIO: — Doudos que não sabem que cada passo que dão para a liberdade é um degráo que sobem do patibulo.

SCENA VI

OS MESMOS e no fundo CARLOTA

SILVERIO (*dirigindo-se a ella rapidamente*): — D'aqui a instantes te espero.

CARLOTA: — Sim, meu senhor.

SCENA VII

OS MESMOS, menos CARLOTA

GONZAGA: — Partamos, meus amigos, cheios de confiança e de coragem. Nós temos a patria

da liberdade sobre nossas cabeças e a patria escravisada sob nossos pés. Viva a America independente!

TODOS.

Viva a America independente! (*Vão sahindo pouco a pouco, em differentes direcções.*)

GONZAGA: — Oh! Maria! amanhã serás minha e o teu amor far-me-á inviolavel como Achilles. (*Sahe por ultimo.*)

SCENA VIII

SILVERIO e CARLOTA

SILVERIO: — Passa para aqui, vamos com isso. Depressa, depressa. O que ha de novo? Ah! (*gesto de Carlota*), parece-me que ainda estás com escrupulos! Pois tu queres ter virtudes?

CARLOTA: — Meu senhor!

SILVERIO: — Vamos! O que ha?

CARLOTA: — Basta, meu senhor, basta pelo amor de Deus. Não me obrigue a fazer tanta traição. Eu já não posso mais. Espiar, vender as pessoas que amo, que me abençoam, que me querem, que lavam todas as minhas humilhações com o seu amor! Ah! piedade!... Sim!... Ás vezes, quando eu os escuto, descansados como se fallassem junto a uma irmã, vou pouco a pouco esquecendo-me de mim naquellas boas confidencias, mas de repente parece que um braço de ferro me agarra o pulso e uma voz me grita aos ouvidos — « Denunciante! » Oh! então estremeço... e olho em torno de mim para ver se

ninguem ouviu este grito! mas elles continuam risonhos e felizes a fallar... Sim... é assim; tenho impetos então de arrancar esta mascara negra e dizer-lhes: — Perdão!... mil vezes perdão.

SILVERIO: — Pois bem, arranca a mascara e me farás conhecer a minha escrava Carlota.

CARLOTA: — É verdade. Eu sou sua escrava, meu senhor; mas, para que me faz passar por livre, gozar de todos os prazeres da independencia, ser a irmã quasi de D. Maria? Não! Eu não quero mais; neste instante irei dizer-lhe: Minha senhora, eu roubei a sua confiança, roubei o seu amor; pois bem, Carlota, a escrava, vem denunciar Carlota livre; amaldiçôe esta, mas lembre-se daquella.

SILVERIO: — Bem! Aposto que foi algum confessor que te prégou este lindo sermão... É um bello pedaço. Em que livro furtaste isto, Carlota?

CARLOTA: — Aqui. (*Apontando o coração.*)

SILVERIO: — É verdade! Tu tens coração? Não sei, mas o que é certo é que és bem linda... fallavas com tanta animação que fizeste notar a belleza de teus olhos, e que lindas mãosinhas! (*pegando-lhe nas mãos*), parece que estás tremendo! que pelle sedosa! és bonita, Carlota. Ora, seria tyrania fazer com que estes dedinhos de rosa empunhassem uma enxada e esta formosa odalisca fosse para a senzala.

CARLOTA: — Oh! Empregue-me em outro trabalho; mas, pelo amor de Deus, arranque-me de tanta maldade.

SILVERIO: — De facto, agora penso... nisto.

Tu tens um amante, não é assim? Um namorado? Creio que um dia me fallaste nisto... Querias casar... ou cousa que o valha!...

CARLOTA: — Sim, meu senhor, com um pobre escravo como eu!

SILVERIO: — Ah! o tratante tem gosto de senhor. Creio tambem que tens um pai, que procuras ha muito tempo. Como será lindo!... Casada, feliz... com seu velho pai para amparar e uma porção de filhinhos nos joelhos, e teu marido....

CARLOTA (*de joelhos*): — Oh! obrigada! obrigada, meu senhor, Deus o abençôe.

SILVERIO: — E o diabo te leve, estupida creatura! Basta de comedia!

CARLOTA: — Ah!

SILVERIO: — Sim, vai ser honrada, arranca a mascara e tu serás a mais desgraçada de minhas escravas. Terás em recompensa o chicote do feitor.

CARLOTA: — Piedade!...

SILVERIO: — Creio que voltas á razão.

CARLOTA (*com voz forte*): — Pois bem, meu senhor, o chicote não me deshonrará! Inda ha um Deus no céo...

SILVERIO (*ameaçando*): — Mas sabes o que ha na terra? Creio que fallaste agora na tua honra. Pois bem, o teu noivo saberá que tu és minha amante... porque amanhã o serás, e depois te entregarei aos mais repugnantes negros de minhas senzalas.

CARLOTA: — Oh! meu Deus, meu Deus!

dá-me força. Pois bem, Sr. Silverio, ouço uma voz que me diz que a minha desgraça será contada como uma virtude no céo e me dará a vida eterna.

SILVERIO: — E a morte a teu pai.

CARLOTA: — Que diz? O que é que diz? Mas elle nunca o saberá.

SILVERIO: — Não? Pois então sabe que eu o conheço e que, quando estiveres mais negra de deshonra do que a lama de minhas botas, eu farei com que o pobre velho venha morrer de vergonha ao ver sua filha. Ah! agora me ouves? Tu matarás teu pai, desgraçada!

CARLOTA: — Meu pai! meu pai!...

SILVERIO: — Escolhe... ou denunciante... ou parricida!...

CARLOTA: — Ah! Quebrou-me emfim! (*Enxuga os olhos.*) Bem, estou prompta.

SILVERIO: — Diabo! fizeste perder tempo. Falla.

CARLOTA: — Um dia destes será a revolução.

SILVERIO: — Não será... já sei. Adiante.

CARLOTA: — Esperam-se as tropas de Tiradentes.

SILVERIO: — Adiante. Adiante.

CARLOTA: — Nada mais sei.

SILVERIO: — Fazes-te estupida. E Maria e Gonzaga?...

CARLOTA: — Casam-se.

SILVERIO: — Quando?

CARLOTA: — D'aqui a tres dias, pelo menos o esperam.

SILVERIO: — Que estás dizendo? Vê bem o que estás dizendo... não mintas. Não vês que isto é impossivel? Ha dous annos que elles pedem o consentimento da côrte de Portugal e ainda não receberam resposta alguma, graças á influencia do governador. Agora é impossivel que elles o obtenham... e vens tu dizer-me que este casamento se fará d'aqui a tres dias. Por Deus! parece que nada sabes. Pois então aprende que as pessoas importantes do Brazil não se podem casar sem prévio consentimento do governo portuguez.

CARLOTA: — Sim! isto é a lei de Portugal, mas que se esquece de uma lei não menos poderosa — a do desespero.

SILVERIO: — Oh! (*passeia agitado.*) E o governador! Estou perdido!... Esta revolução. (*Rapido a Carlota.*) Carlota, é preciso que me sorprendas qualquer papel compromettedor. Lembra-te de teu amante e de teu pai... estes papeis! e elles serão teus. Vamos prevenir o visconde. Agora guarda bem estas palavras: No dia em que eu cahir da graça do governador, esta cabeça cahirá de teus hombros.

SCENA IX

CARLOTA, depois MARIA

CARLOTA (*cahindo sobre o tronco*): — Oh! minha mãi, por que não me afogaste ao nascer?

MARIA (*fallando dentro*): — Carlota! como

te fizeste esperar! Vem cá! vou descansar um instante nesta sombra. (*Senta-se sobre o tronco.*) Meu Deus! como estou triste... Oh! ha muito tempo que o não vejo, não é verdade, Carlota?

CARLOTA: — Não, minha senhora, ha apenas tres dias.

MARIA: — Mas que dias longos, diz antes tres seculos. Vem tocar-me aquella melodia... vai buscar a guitarra na mão das escravas que esperam acolá... (*Aponta a D. E. — Carlota vai á E. A. e volta com uma guitarra. Senta-se aos pés de Maria e começa um preludio*). Oh! como estes versos são lindos, meu Deus! Haverá maior felicidade do que ser amada por elle... ha uma apenas — é amal-o... A minha unica consolação é lembrar-me destes cantos, que elle me murmurou a medo, de joelhos, humilde e orgulhoso, tremulo como uma criança; elle, o poeta, soldado; elle, o grande homem; elle, o heróe. Vamos, Carlota, acompanha-me a canção da fonte. (*Carlota acompanha, Maria canta a seguinte lyra* :)

Junto a uma clara fonte
A mãi de amor se assentou,
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Alegre ao logar correu.
Cuidando que era Marilia
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia que teve,
Assim lhe pede perdão:

« Foi facil, ó mãi formosa,
Foi facil o engano meu ;
Que o semblante de Marilia
É todo o semblante teu. »

(*Nas ultimas coplas Gonzaga tem entrado e se approxima silenciosamente de Maria.*)

SCENA X

AS MESMAS e GONZAGA

MARIA : — Gonzaga !

GONZAGA (*que tem entrado ás ultimas notas do canto*) : — Maria !

MARIA : Oh ! és tu ?

GONZAGA : — Eu mesmo, Maria, eu que ouvi tudo. Ah ! tua voz cantava-me no coração como um sussurro das aves no céo ! Toda a minha alma tremia como a flor cheia de orvalhos. Mas tu me amas ? Não ? Sim, meu Deus ! eu o sinto... Ai ! se tu não me amasses, eu morreria.

MARIA : — Amar-te !... Mas eu sou o peito, tu és o ar, eu sou o ninho, tu és o passaro, eu sou a lagôa, tu és o céo, eu sou a alma, tu és o amor... Amar-te ! meu Deus ! mas é tão máo perguntar-me estas loucuras ! Ah ! meu senhor, tu és um homem, pódes ser um heróe, tu és um homem, pódes ser um genio, tu és um homem, pódes ser um rei e eu sou uma mulher, meu heroismo é ver-te, meu genio é escutar-te, minha corôa é o teu amor. Mas eu estou te dizendo mil loucuras. Tudo isto não diz nada... Tu me perguntas se eu te amo. Ah ! eu sou uma pobre orphã, mas quando á noite murmuro baixinho

o nome de minha mãi, pergunto a minha virgem que palavras é que eu suspiro como o halito de minha alma! É teu nome... tu não sabes o que é um amor de americana? É alguma cousa grande como estas florestas, sombrio como estas brenhas, ardente como as flores escarlates do sertão, luminoso como o sol dos tropicos. É alguma cousa que entumece o coração, alguma cousa que ilumina a cabeça. Não o sentes aqui? (*Leva a mão ao coração.*) Não o sentes aqui? (*Leva a mão á cabeça.*)

GONZAGA: — Oh! Maria, meu anjo, eu o sinto... mas precisava ouvir-te, agora. Tu não sabes quanta força ás vezes nos dá uma voz fraca de mulher... é alguma cousa flexivel como a canna dos brejos que ameiga a face do rio nas horas da enchente... Porque eu soffro... Vejo nossa patria escravisada, nossos irmãos captivos e tu, Maria, e tu, sempre arrancada de meus braços... por esse poder estupido da metropole... Vês bem? tu não sabes que horas de desalento passam-se então no espirito... Corre-me um suor de vergonha no rosto, um frio de morte no coração e minha espada de cavalleiro tressua sangue na bainha... e eu desmaio de abatimento. Oh! mas quando eu te escuto...

MARIA: — E eu não sou mais que uma pobre mulher. Dizem que as mulheres são a fraqueza. É mentira. Não ha nada tão forte quanto uma mulher que ama. Eu tremo ao menor ruido; para que mentir? Sou timida e medrosa, mas ao pé de ti eu desafiaria o mundo.

GONZAGA:— Ainda bem. Eu preciso de toda a tua energia. Amanhã eu quero que sejas minha...

O governador deve chegar d'aqui a dous dias. É preciso que elle nos encontre casados... Hoje escreverei a teu tio e amanhã, oh! amanhã, Maria, será o dia mais feliz de minha vida.

MARIA: — Sim! Amanhã... Não sabes, meu amigo, tenho pena de que minha mãi não me veja, porém ella neste momento de uma felicidade tão pura ha de levantar as cortinas do céo e lá de cima nos abençoar, não é assim? Meu Deus, como eu sou feliz! O governador não virá. Oh! aquelle homem é o corvo negro da desgraça. Eu tenho medo daquelle homem. Mas não. Teu amor é um escudo. Não te esqueças que é amanhã. Não sei o que me diz o coração, mas é preciso que corramos atrás da felicidade, porque tenho medo!

GONZAGA: — Oh! obrigado. Mas tens razão, Maria! Nestes dias tempestuosos eu receio a cada instante um compromettimento. Vês estes papeis? São todos os planos da revolução, tudo quanto eu possuo de mais perigoso. Só ha um homem que os possa guardar é o tenente-coronel João Carlos, é teu tio. Eu sei que elle deixar-se-ia matar sobre o meu deposito. É um typo severo e honrado — busto de Catão n'um coração de Sparta. (*Dá-lhe os papeis.*) Entrega-lh'os, e agora, Maria, agora, eu já te posso chamar minha noiva! Ouves bem? minha noiva.

MARIA: — Sim; chama-me assim... Parece que agora me vibrou na alma a aza de um cysne branco fugitivo!... Falla! Falla! como o céo está puro! como os campos estão lindos. Maio enfeitou-se de flores para o nosso noivado. Deus nos olha na limpidez deste céo azul. Oh! como sou feliz! Falla, falla, Gonzaga!

GONZAGA: — Maria, tu és um anjo.

MARIA: — Oh! não, os anjos não sabem amar como eu te amo. Ouves bem, eu te amo! meu Deus! eu não sei dizer outra cousa. Olha, ha pouco eu tive medo; mas agora já estou forte. Que me importa o visconde? o corvo tem medo da aguia e tu és a aguia, meu amor.

GONZAGA: — Porque tu és o sol! meu anjo. (*Cahe de joelhos e dá-lhe um beijo na mão. Ás ultimas palavras de Maria o governador e Silverio têm entrado.*)

SCENA XI

CARLOTA, MARIA, GONZAGA, o GOVERNADOR e SILVERIO

O GOVERNADOR (*vestido de preto, ao fundo*):— Oh miseravel! (*Puxa de um punhal e dá dous passos.*)

SILVERIO (*detendo-lhe o braço*): — Não dareis um passo.

O GOVERNADOR (*prevenção*): — Pois tu ousas? Canalha!

SILVERIO: — Salvar o governador e sua vingança.

(*Ouvem-se ao longe as trompas de caça e o motim de muitos cavalleiros.*)

GONZAGA e MARIA (*voltando-se*): — O governador!

O GOVERNADOR (*comprimenta de leve a Gonzaga: faz um passo para Maria, beijando-lhe a mão*): — Senhora! o corvo é o passaro das trévas,

mas quando a aguia dorme, vela o corvo! Ha instantes, houve uns labios que se molharam aqui n'um beijo, amanhã haverá uma corda que se molhe em sangue.

MARIA: — Ah! (*Desmaia sobre o tronco, ao cahir deixa rolar após si um maço de papeis: todos grupam-se em torno, emquanto que Carlota os apanha.*)

CARLOTA (*erguendo os papeis na mão*): — Estes papeis perderam minha alma; mas estes papeis salvarão meu pai!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Anjo e Demonio

(Sala ricamente mobiliada segundo a epoca. Ao fundo jardim illuminado a giorno.)

SCENA I

TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, padre CARLOS

(*Varios cavalheiros e senhoras passeiando ao fundo.*)

CLAUDIO: — Ora havemos de concordar, meus senhores, que a isto chama-se atirar-se á boca do lobo. É a historia do pagem que dansava á beira de um precipicio. Pois bem. Nós agora dansamos sobre a escada do pelourinho... Falseie o pé... e ficaremos suspensos pelo pescoço.

TIRADENTES: — É o mesmo. Ás vezes um baraço no colo de um homem é o tosão de ouro da sua realeza de martyr.

CLAUDIO: — Ah! meus senhores, eu nunca o quereria. Deve machucar as rendas, estragar a elegancia dos nossos vestidos... e, demais, e um pouco ridiculo passeiar de rob-chambre pela rua com um *prégoeiro* que nos soletra horrivelmente

o nome. . e o carrasco immundo como o carniceiro a fallar com um certo ar de protecção... Nada! nada! abomino a forca... E se temos alguma dama que nos olha nessa tão irrisoria posição, ouvil-a-emos dizer talvez ao moço com quem conversa na varanda: — Sabe quem vai ali? Um condemnado. Meu Deus... como é feio um condemnado!... — Meus senhores... um condemnado é uma especie de rez bipede... nada! fóra com a forca.

Padre Carlos: — Mas Christo morreu sobre a forca.

Claudio: — Mas Catão apunhalou-se. Viva o punhal. A arma das sultanas e das hespanholas, das mulheres mais lindas do mundo. Padre! bem vês que eu tenho o direito de escolher o punhal. É galhardia de cavalheiro. Mas agora vejo que estamos lugubres como a mascara do governador quando se ri, ou como uma velha que falla de amores; é preciso que estejamos alegres, meus senhores, reparem que viemos aos lindos esponsaes. Ah! A epoca é de esponsaes. Breve os convidarei aos meus. *Glauceste* espera emfim vencer a tyrania de sua Eulina.

Tiradentes: — Bem; mas a nossa verdadeira noiva, Claudio, é esta pobre terra, que é nossa patria.

Claudio: — Não implica! O coração a uma, a outra o braço. É puro *Rouget de l'Isle*, meus senhores, plena Marselheza... dá-me impetos de cantal-a nas barbas do viso-rei. E a proposito do viso-rei, viste-o?

Tiradentes: — Pudera não. Se eu volto agora do Rio de Janeiro. Vi Luiz de Vascon-

cellos, meus senhores. E bem lhe digo que não duvidei mais um instante. Levantei as tropas que ergueram-se á minha voz como um só homem e a não ser a vontade timida dos senhores, a estas horas...

ALVARENGA : — Diga antes, Sr. Tiradentes, que a presença do governador estragou tudo.

TIRADENTES : — O governador? E que me importa o governador? Esta especie de homem crocodilo, este ridiculo Tito do estado, este devasso visconde de Barbacena? Ah! eu não sou mais que um pobre tenente do exercito, mas affirmo-lhes que, a não ser a prudencia infantil ou grande politica dos senhores, como lhe chamam, eu já ter-lhe-ia surrado as costas com o panno da mesma espada.

CLAUDIO : — Olá! seria difficil... O visconde é um homem terrivel, que traz sempre á sua frente a hypocrisia, ás suas costas o carrasco.

TIRADENTES : — E nós, senhores, nós (*dirige-se á E. B. a uma janella, cujo reposteiro levanta*), temos á nossa frente o direito, sobre nossos passos o povo. Vejam, meus senhores, estas luzes brilhantes e multiplicadas.

CLAUDIO : — São os cem olhos de Argos.

TIRADENTES : — São os cem olhos do povo! Quando os homens dormem, fecham as palpebras; quando as cidades dormem, abrem os olhos; é Deus quem vela. Oh! parece-me que neste instante Villa-Rica, que nos espia das trévas, é a cabeça destes sertões immensos, que por ahi além se estendem como um corpo de Adamastor... e esta cabeça tem olhares que nos queimam o sangue nas veias, e o rugido do vento

nas florestas seculares é a voz de uma nação immensa que dialoga comnosco! E nós descansamos... quando meus soldados pegam os copos da espada, quando os escravos empunham o cabo do machado, quando a capitania agarra o facho. Ah! senhores! fogo aos quatro cantos do continente, a fouce aos troncos do despotismo, a espada ao coração dos tyranos e deste incendio tremendo voará, como das hecatombes romanas, não a aguia que leve a alma do imperador, mas o condor que levante a liberdade do meu paiz.

Claudio: — Inda bem! Inda bem! Eu estou prompto.

Alvarenga: — Isto é uma imprudencia e uma falta de confiança. Gonzaga nos pediu dous dias de demora.

Padre Carlos: — Dous dias passam depressa.

Tiradentes: — Dous dias! Emfim seja! Pesa sobre vós a responsabilidade do acto! Eu lavo as mãos!

Claudio: — Então! Amanhã á revolução, hoje ao baile! E emquanto não podemos dar o braço á patria, offereçamol-o ás damas. Copos por copos, meus senhores; amanhã os da espada, hoje os do reino! Oh! eis que a proposito passa um pagem! Olá!

SCENA II

OS MESMOS e LUIZ

Claudio: — És tu, Luiz?

Luiz (*vestido de pagem com uma salva de copos*): — Eu mesmo, meu senhor, que procurei

um pretexto para vir dizer que Vms. fallam muito alto e que ha muitos ouvidos que escutam.

CLAUDIO: — É talvez verdade, mas pouco importa.

LUIZ: — Não queiram que a imprudencia iguale o animo. Ah! são palavras de um preto, mas são tambem palavras de um velho... E perdôem, mas a velhice tem o capricho de nos fazer um pouco brancos. (*Apontando os cabellos.*)

CLAUDIO: — Olá, velho Luiz, pareces hoje um tanto alegre?... Heim?

LUIZ: — Hoje sim... mas amanhã... (*Olha em torno de si.*) Bebam, meus senhores! Gritem, porém não fallem, cantem porém não gemam. Cada janella espia... cada echo denuncia, cada cortina esconde um traidor, cada taboa um cadafalso... É a alma damnada do governador que se multiplica. (*Tem enchido os copos.*)

CLAUDIO: — Pois bem, meus amigos, ergamos um brinde á liberdade! (*Todos chocam os copos e bebem.*) E á morte do governador! Ah! ah! ah!

SCENA III

OS MESMOS, o GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL SILVERIO e UM PAGEM

O PAGEM (*na porta central do fundo, annunciando*): — S. Ex. o Sr. Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, visconde de Barbacena, do conselho de Sua Magestade, governador e capitão-general da capitania de Minas Geraes... (*O tenente-coronel colloca-se na porta central.*)

O TENENTE-CORONEL: — Por aqui, Sr. visconde.

O GOVERNADOR (*no fundo em frente da primeira porta á direita, a Silverio*): — Então, Sr. Silverio, ainda desta vez nada. (*Fallam baixo.*)

TIRADENTES (*á boca da scena*): — Então, meus senhores. Os copos estão cheios... Os braços são firmes. Bebamos! seria vergonha dizer-se que cavalheiros não sabem beijar os labios de crystal de uma taça, os labios de rubim de uma dama! Á morte do governador!

CLAUDIO: — Cheguemos os copos! E se o visconde nos ouviu, bebamos um punhal em cada golo!

TIRADENTES: — Tens medo?

CLAUDIO: — Por Baccho! Eu já lhes disse que tencionava suicidar-me. É o mesmo. O phalerno leva a morte ao peito, mas dá prazer aos labios. Á morte do governador... (*Bebem.*)

O GOVERNADOR (*no fundo, a Silverio*): — Parece que fallam no meu nome.

SILVERIO: — Deixe estas bocas fallarem; amanhã ellas estarão mudas! Vê estas bellas cabeças de cavalheiros? Vivos, ousados, moços, com estas duas bellezas: a da alma, que sahe do coração e brilha no rosto; a da mocidade, que scintila na face e enseiva o coração. Amanhã serão um pouco de lama repulsiva.

O GOVERNADOR: — Ah! fizeste-me vontade de rir!... Silverio, o gato tem destas alegrias... o rato póde brincar... elle dorme... Eu tambem vou dormir... brinquem, meus senhores, minha mão por ora está aberta.

SCENA IV

OS MESMOS, menos OS PAGENS e SILVERIO

CLAUDIO: — Retiremo-nos.

TIRADENTES: — Isto teria ares de fuga. Eu fico.

O GOVERNADOR (*que se tem sentado ao pé do tenente-coronel*): — Temos um lindo baile, Sr. tenente-coronel. É uma verdadeira illusão, faz-me crer que estou em Portugal; bem se vê que o senhor é um official do rei.

O TENENTE-CORONEL: — Muito me honra, Sr. visconde, o elogio de V. Ex.

O GOVERNADOR: — O meu... Oh! Sr. coronel. Eu sou um rustico como Tito; amo o retiro e a solidão, para pensar nas cousas do estado, vivo lá na minha cachoeira do campo, e mal me recordo ainda dô modo por que se pisam as tapeçarias de um baile. Mas, se vale a memoria de cavalheiro, creio que temos hoje uma linda noite. Falta-lhe entretanto nas salas a mais linda filha de Ouro Preto... Ainda não vi a Sra. D. Maria. (*Olhando para o jardim.*) Oh! mas creio que a vejo chegar... ali vem pelo braço de um bello cavalheiro... Sim é o noivo... Que lindo par... Dir-se-ia que Daphnis e Cloë renasceram de um idylio virgiliano.

SCENA V

GONZAGA, MARIA, o GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL, TIRADENTES e CLAUDIO

O GOVERNADOR (*comprimentando risonho*): — Minha senhora, Sr. Dr. Gonzaga!

MARIA (*áparte*): — Oh! Este homem ri-se: é porque os labios sabem lhe a sangue! (*Aos outros cavalheiros comprimenta e senta-se.*)

O GOVERNADOR: — Dizia ha pouco, Sra. D. Maria, que faltava V. Ex. ás salas; mas agora que a vejo digo-lhe que, se V. Ex. está fazendo falta, é de certo ao firmamento.

MARIA: — V. Ex. é sempre lisongeiro.

O GOVERNADOR: — Engano, senhora. O espirito é um jogo muito difficil. É a esgrima, não dos braços mais fortes, porém dos mais ligeiros. A velhice torna-nos pesados, o retiro torna-nos esquerdos. Mas a culpa é de V. Ex., que deixa o velho rustico sorprendel-a em todo o resplendor de sua belleza. Endymião desvaira na floresta ao fitar Diana, a caçadora... Ah! ah! ah! Não é assim que se diz, Sr. Gonzaga? Os Srs. poetas são os que sabem dizer destes lindos nadas. Mas é bonito! É bonito! Gosto destes pastorinhos gravando suas loucuras no tronco de uma olaia.

GONZAGA: — Diga antes, Sr. visconde, os seus amores.

O GOVERNADOR (*com fogo, olhando Maria*): — Gravar o seu amor. O amor... mas era preciso um buril de fogo para escrevel-o sobre uma lamina de bronze. (*Risonho.*) Gracejos de velho, meus senhores, eu morro pela poesia e pelos poetas, Sr. Gonzaga, quando irá ao nosso retiro? É uma verdadeira ilha dos amores. As dryades cantam á sombra dos myrtos, saltam as nayades fugitivas na lympha clara do rio, emquanto a flauta de Pan sussurra nos canaviaes queixosos e os pastores enfeitam as pastorinhas de virentes pampanos...

Tiradentes (*com ironia*): — E os satyros? Sr. visconde, V. Ex. esqueceu os satyros.

O governador: — Se falla destas divindades que participam um tanto da natureza caprina... Oh! nesta boa terra os ha de sobra.

Tiradentes (*áparte*): — Este miseravel me insulta no meu paiz. (*Alto.*) Não; fallo destas creações que o paganismo ideiou para symbolisar o ridiculo de outros typos.

O governador: — Acho que interpreta com muito fogo a fabula, Sr. Tiradentes. E estimaria assás encontral-o no retiro dos bosques, lá onde a mythologia póde ser melhor comprehendida para pedir a explicação de alguns pontos para mim obscuros. (*Claudio detem Tiradentes.*) Oh! como eu dizia ha pouco, proporcionar-me-ia um grande prazer... Não quer ir tambem á nossa quinta? É um logar ameno onde a natureza selvagem e estupida destes climas amainou o bravio e insolente da vegetação.

Claudio (*a Tiradentes*): — Tu não te pertences. Um momento de reflexão, meu amigo.

O governador: — Não responde? Oh! não receio encontrar por lá os botocudos repulsivos da sua terra... nem esta população grosseira e alvar do seu Brazil, que de certo afugentariam os meus deuses lares. Os meus feitores têm bons pulsos, as minhas matilhas têm bons dentes... Aceite, Sr. Tiradentes, parece que está tremendo... Será receio dos cães?...

Tiradentes: — Eu não receio os cães... Sr. visconde, mas quando tenho a infelicidade de encontral-os, mesmo ás vezes n'uma sala, assim como aqui estamos, costumo atirar-lhes á

cara alguma cousa em que mordam. (*Vai atirar-lhe com a luva. O tenente-coronel segura-lhe o braço.*)

O GOVERNADOR: — Prendam este homem.

SCENA VI

OS MESMOS e SILVERIO

O TENENTE-CORONEL: — Um momento, Sr. visconde. Eu tenho uma espada que foi sempre fiel e votada ao rei. Pois bem, esta espada que V. Ex. mesmo honrou, eu quebrarei no joelho no momento em que a pessoa do meu hospede não seja sagrada.

SILVERIO (*baixo ao governador*): — Perdôe, senhor, este homem é nosso... o perdão é o degráo da vingança...

MARIA: — Sr. visconde, permittir-me-á que aceite o braço deste cavalheiro. (*Dá o braço a Tiradentes.*)

O GOVERNADOR: — Mil perdões, minha senhora...

O TENENTE-CORONEL: — Obrigado, Sr. visconde. V. Ex. acaba de salvar a minha honra.

O GOVERNADOR: — Desculpas peço eu, meus senhores, de me ter esquecido um momento de que estava n'um baile de esponsaes... (*Vai sentar-se ao lado, sobre o sofá, entre Gonzaga e o tenente-coronel.*)

CLAUDIO (*no fundo, a Maria*): — Ah! minha senhora, se o seu olhar é um raio, a sua bondade é um manto.

MARIA: — Ah! Sr. Claudio, parece que faz de galante. Pois volte-se; vê quem está ali?... é Eulina... Se me disser mais uma palavra está perdido.

CLAUDIO: — Ah! minha senhora, eu me arrependo de não lhe ter dito que é um anjo... pois bem vê que me aponta o céo. (*Vai sentar-se ao pé de Eulina.*)

GONZAGA (*ao governador*): — É esta a minha opinião... O Sr. Dr. intendente creio que pensa tambem assim. Se S. S. requerer a derrama de toda a divida á junta da fazenda, reconhecendo a impossibilidade do arrecadamento representará á rainha.

O GOVERNADOR: — Mas, Sr. Gonzaga, creio que este é um pessimo meio. O povo sujeitar-se-á facilmente a pagar as cem arrobas de um anno, ao passo que o requerimento da divida por inteiro levará os animos ao desespero. Toda a capitania não possue os nove milhões a que monta este debito.

GONZAGA: — Engano, Sr. visconde!... Eu peço o requerimento de toda a derrama, para que ella não se faça de sorte alguma. Demais, para um motim, bastaria o lançamento de um unico anno, que é de perto de sessenta arrobas de ouro.

O GOVERNADOR: — Então, Sr. Gonzaga, o melhor é que o Sr. intendente represente á soberana sobre a impossibilidade do pagamento, e não vejo a razão por que deva requerer a derrama. Basta que a rainha conheça a divida e o estado da terra, para que cesse a vexação, ao passo que este falso jogo póde comprometter a segurança publica.

GONZAGA: — Perdão, Sr. visconde, o Sr. Dr. intendente pediu-me um parecer. Ora, o Sr. intendente, como procurador da corôa, já foi reprehendido pelo governo, por não ter cumprido com o seu dever; e, como é preciso, emfim, que elle faça o requerimento, creio que um requerimento impossivel é o melhor meio de salvar a sua responsabilidade e a felicidade do povo.

O GOVERNADOR: — Concordo emfim. Dou-me por vencido, Sr. Gonzaga, pelo seu grande talento politico e não dir-se-á que um tão bom subdito seja esquecido por Sua Magestade.

SILVERIO (*ao governador*): — É ainda um comprometimento. A mosca enrola-se na têa.

GONZAGA (*á parte*): — Ainda bem. Tudo está prompto.

O GOVERNADOR: — Agora, uma divida que eu tenho a pagar, meus senhores. Em toda a parte onde vejo o talento curvo-me. (*A Maria que se tem aproximado.*) Em toda a parte onde vejo a belleza, ajoelho-me. Não se dirá, minha senhora, que o velho imprudente que um momento perturbou a alegria destas salas deixasse de pagar a sua divida.

GONZAGA: — Como, Sr. visconde, tanta bondade!

O GOVERNADOR (*a Maria*): — Não é verdade, minha senhora, que a côrte de Lisboa tem bem fataes delongas? Oh! eu o leio nos olhos de V. Ex... (*Vivo.*) Quando dous corações contam as horas de espera... os ponteiros gyram muito rapidos; e depois o oceano é muito largo, as velas muito preguiçosas, a côrte muito indo-

lente. Cansa esperar, sim! esperar dous annos o momento da felicidade... contal-os por suspiros de anciedade, por gemidos de desalento... É longo... é terrivel! Não é verdade, minha senhora, que esta ampulheta vai muito precipitada e aquelles homens muito lentos?

MARIA: — É verdade, Sr. visconde.

O GOVERNADOR (*á parte*): — Maldição, como ella o ama! (*Alto.*) Pois bem, minha senhora, o governador paga a divida do cavalheiro. Póde V. Ex. marcar o dia do seu noivado... eu me encarrego de pedir a acquiescencia de Sua Magestade a rainha e entrego em suas mimosas mãos todo o meu credito.

GONZAGA: — Oh! obrigado, Sr. governador. V. Ex. póde dispor de mim. (*Aperta-lhe a mão.*)

MARIA (*ao governador*): — Mil graças, senhor.

O GOVERNADOR: — Agora, minha senhora, aceitará para recompensar-me o meu braço.

MARIA: — Muita honra, Sr. visconde.

SILVERIO (*baixo*): — Sr. governador, uma palavra. (*Sahe.*)

GONZAGA (*baixo*): — Preciso de ti um momento, Maria.

SCENA VII

CLAUDIO e TIRADENTES

(*Durante a scena todos vão sahindo uns após outros*)

CLAUDIO (*a Tiradentes*): — Ficas?

TIRADENTES: — Fico.

CLAUDIO: — És um original. Quanto a mim, meu caro, assesto as ultimas baterias... Vou convidal-a ao passeio no jardim. As flores da noite, as alamedas sombrias, as luzes por entre as arvores, uma musica ouvida ao longe... uma mão tremula que se aperta, uma confissão que sussurra pelos labios... não conheço coração que resista... Vesta, nestes casos, faz-se de Venus. O amor triumpha do gelo e o olhar mais severo termina no estalido de um beijo... Oh! tu que és um coração de brouze, fica... e inveja-me que eu corro após a felicidade...

TIRADENTES: — Está bem, vai que te seguirei.

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA: — Emfim, Maria, a felicidade nos estende os braços.

MARIA: — Ou a desgraça.

GONZAGA: — Que dizes? A desgraça!...

MARIA (*a parte*): — Que loucura! meu Deus! Oh! e eu que não lhe posso dizer nada!

GONZAGA: — A desgraça! Mas tu não vês como tudo nos auxilia, o nosso casamento... a liberdade que breve se proclamará... O governador que está cego...

MARIA (*á parte*): — De odio e de vingança!

GONZAGA: — Maria, como eu sou feliz! Queres saber? Já não tenho desconfianças nem receios... eu estou descansado sobre o nosso fu-

turo... Ah! tenho de fazer-te uma sorpreza. Breve te enfeitarei com o vestido que bordei a ouro para a minha noiva.

MARIA: — Sim, eu vestil-o-ei. Estás bem descansado, meu amigo, tens razão. Eu sou uma louca... Tanta felicidade me admira e, como n'um sonho, receio que me fuja. Oh! é que ella é uma borboleta muito caprichosa... amanhã é muitas vezes o reverso de hoje. (*Dá-lhe a mão.*) Mas foi uma loucura, passou... tu estás feliz... eu estou radiante.

GONZAGA: — É que possuir-te, Maria, é sentir que a terra se azula, porque se transforma no céo; que as estrellas scintilam, porque tremem nas tuas palpebras, que Deus é melhor, porque se reflecte na limpidez da tua alma! (*Vai a beijar-lhe a mão. Silverio passa ao fundo.*)

MARIA (*com pudor*): — Oh! espera que eu seja tua.

GONZAGA: — Tens razão. Perdôa, Maria, mas é que eu me esqueço de mim junto de ti. É verdade, fazes-me lembrar o que te queria dizer... Ouves? A musica sôa. (*Ouve-se ao longe a musica.*) Todos te esperam anciosos. Dá-me ainda um instante. Dize-me, Maria, entregaste aquelles papeis a teu tio?

MARIA (*confusa*): — Aquelles papeis!... Não, eu não os entreguei.

GONZAGA: — Sim? Tanto melhor. Já não tenho receios... O governador é meu amigo, elles estarão em segurança em minha casa, que de certo não será suspeita. Não os déste ainda a teu tio! Muito bem. Dar-m'os-ás logo que puderes. São-me precisos talvez muito breve.

MARIA (*á parte*): — Meu Deus! (*Alto.*) Eu vou buscal-os.

SCENA IX

OS MESMOS e CARLOTA

MARIA: — Ah! ali passa Carlota... (*Chamando*) Carlota!

CARLOTA: — Minha senhora?

MARIA: — Vai ao meu toucador e traz-me os papeis que lá estiverem na gaveta. Toma a chave. Corre! depressa, Carlota.

CARLOTA: — Sim, minha senhora. (*Sahe.*)

SCENA X

MARIA e GONZAGA

MARIA: — Creio que são uns papeis brancos lacrados em tres pontos; não, meu amigo? No meio da minha perturbação, eu os tinha mesmo esquecido, julguei que os havia apanhado. Mas agora lembro-me que vi alguma cousa semelhante no meu toucador. Sim! creio que Carlota, quando eu desfalleci, os tomou e depois escondeu no meu quarto... Deve ser isto!

GONZAGA: — Não te impacientes, minha amiga. Carlota ahi vem que os traz.

MARIA: — Ah! Tirou-me de um supplicio horrivel!

SCENA XI

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA: — Aqui os tem, minha senhora.

MARIA: — Obrigada. Toma-os, meu amigo, guarda-os bem guardados! Vê! não são estes? Oh! não os vás perder...

GONZAGA (*tem quebrado o lacre dos papeis*): — Maria. O envolucro é quasi identico, mas contém apenas cartas minhas, tu as havias ajuntado talvez... não é assim? Toma, guarda-as que um dia havemos de lel-as juntos, bem juntos, diz-m'o o coração...

MARIA (*á parte*): — Oh! meu Deus! que presentimento horrivel! (*Alto.*) São tuas cartas, são! eu as amo muito, hontem ellas estavam espalhadas na gaveta e eu disse a Carlota que as ajuntasse... ella lacrou-as assim... e eis ahi o engano... São tuas cartas... porque os papeis... oh! estão guardados... não receies nada, eu os guardei... é tua vida que eu tenho em minhas mãos... Demais, quem os quereria?... Mas aquelle maldito desmaio! Que culpa tive eu?... Foi tão subita a entrada do governador!... (*como tomada de uma desconfiança*) o governador! Ah! (*Atira os papeis sobre a mesa da direita e vem á boca da scena.*) Meu Deus! Meu Deus! É uma idéa horrivel! Teria eu comprehendido a alegria immensa daquelle homem! Oh! é que aquella boca só ri quando tem saibo de sangue!... (*Vai a sahir precipitadamente. A Gonzaga.*) Espera, meu amigo, eu vou buscal-os... espera! (*Sahem Maria e Carlota.*)

SCENA XII

GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, depois SILVERIO e CARLOTA ao fundo

GONZAGA (*aos que entram*): — Entrem, meus senhores, precisava fallar-lhes.

TIRADENTES: — E eu queria dizer-te que já não podemos esperar!

CLAUDIO: — Sim! Eu não espero mais que 24 horas. Devo morrer, meus amigos, sou o mais infeliz dos homens. Nem a brisa, nem a noite, nem a musica enterneceram o coração de minha Eulina. Ah! senhores, imaginem que em meio de uma declaração de amores, quando minha voz era mais terna... (e tão terna que eu mesmo quasi me apaixonava pela minha garganta), quando ensaiava um beijo... mas um beijo que infelizmente ficou só em hypothese, foge ligeira a minha nympha e deixa-me chamando embalde.

Nem ao menos o echo me responde
Ah! como é certa a minha desventura
Nize, Nize, onde estás, aonde, aonde?!...

É de desesperar! meus senhores; eu, por consequencia, não espero!

GONZAGA: — Concedes-me um instante?

TIRADENTES: — Então?

GONZAGA: — O intendente acaba de dizer-me que vai requerer a derrama immediatamente. Este homem vai requerer a revolução. Em 24 horas tudo deve estar prompto.

SILVERIO (*no fundo a Carlota*): — Fizeste como te disse?

CARLOTA: — Sim, meu senhor. Imitei o sobrescripto e colloquei-o no seu toucador, para, no caso della se recordar dos papeis, acreditar que eram aquelles.

SILVERIO: — E ainda não sabe?

CARLOTA: — A estas horas deve sabel-o.

SILVERIO: — Já era tempo. Olha, Carlota, deste-me a cabeça daquelle lindo cavalheiro. Vai chamar o governador.

CARLOTA: — Deus me perdôe... meu pai, Senhor?

GONZAGA (*aos conjurados á boca da scena*): — Amanhã em minha casa ao levantar da lua.

TODOS: — Ao levantar da lua.

SILVERIO (*a Carlota*): — Elles o disseram: terás teu pae, amanhã ao levantar da lua.

SCENA XIII

SILVERIO e o GOVERNADOR

O GOVERNADOR: — Então os papeis?

SILVERIO: — Aqui os tem.

O GOVERNADOR (*precipitando-se sobre elles*): — Oh! é isto, é isto... (*Abre.*) « *Lista dos conspiradores, cartas sobre a revolução, planos sobre as leis da nova republica.* » Tudo, tudo que bastaria para levar á forca meio mundo. É isto! Muito bem, meu Silverio, muito bem... Olha, vês este papel? é fraco, muito fraco, um sopro de vento

o levaria... Pois bem, estas folhas flexiveis encerram em si mais condemnados que todas as masmorras da rainha... é um calabouço este papel... é um patibulo este papel... é um antro... Quando eu o aperto, parece que sinto o estertor de mil agonias... quando eu o aspiro, sinto o cheiro de sangue... Oh! deve ser bello, Sr. Silverio, entregar todas estas vidas á mão rosada de uma criança e dizer.... « Faze o que bem te parecer... Queres um circo como os imperadores davam ás patricias de Roma? Abre-o... Queres o espectaculo de mil escravos que te devam a vida? Queima-o. »

SILVERIO: — Como, Sr. visconde? Nada comprehendi.

O GOVERNADOR: — Fizeste bem... Silverio, obrigado... Se minha mão tem o ferro para os inimigos, tem o ouro para os amigos... Vai, Silverio.

SILVERIO: — Eu voltarei em breve. (*Sahe.*)

O GOVERNADOR: — Oh! Ella será minha... inda que Deus m'a queira roubar... É um duelo de morte. Vejamos quem vale mais, se o velho governador, ou o moço poeta... Entretanto parece-me que tremo... É a primeira vez! Não importa. Condé, dizem, que tambem tremia antes de entrar nas suas grandes batalhas e no entanto Condé sempre vencia.

SCENA XIV

O GOVERNADOR e MARIA

MARIA (*entra pallida e perturbada. Vem á boca da scena sem ver o governador*: — Oh! meu Deus,

revolvi tudo! nada! nada! meu quarto estava vazio como um tumulo... o coração salta-me como a cabeça ainda quente de um condemnado... Meu cerebro ferve como uma fornalha... Oh! meu Deus, minha vida inteira por aquelles papeis...

O GOVERNADOR (*que se tem collocado atrás della*): — Eu contento-me que a reparta comigo, minha senhora.

MARIA: — Este homem! sempre este homem!... Dir-se-ia que é a sombra da desgraça. Todas as vezes que um vulto invisivel me fere, eu vejo esta mão que se enxuga.

O GOVERNADOR: — Este coração que sangra...

MARIA: — E que me importa o seu coração, senhor se é que o tem? Que me importa? Ah! é preciso que eu lhe faça lembrar que sou uma noiva. Ouviu bem, Sr. visconde? uma noiva!... Tenho atrás de mim o meu berço de virgem, á minha frente o meu leito de esposa... estas duas cousas santas, uma guardada por uma mãi, outra velada por Deus! Ah! é preciso que cessem estas temeridades... Falla-me de seu coração... da mesma sorte que me falla do seu odio, do seu ciume, de sua vingança. Oh! ha de concordar, Sr. visconde, que á primeira vista dir-se-ia que sua alma é um covil, é uma jaula onde todos estes animaes ferozes se mordem e estrangulam. E depois, fosse a sua alma pura para o céo, iluminada apenas pela minha imagem, que me importaria tudo isto?... Eu já lhe disse, Sr. governador, duas palavras, que bastam. Eu amo a Gonzaga!... E se o senhor sabe o que é o amor, deve sentir que eu não posso ter o officio de olhar corações... Ouça bem, Sr. governador. Eu amo a Gonzaga!...

E embebida n'um dos seus olhares, nem sequer mover-me-ia, mesmo se o mundo inteiro desabasse em torno de mim.

O GOVERNADOR (*como que a si proprio*): — É verdade! Que te importa o meu amor? Que te importa a minha morte?... Oh! mas é a fatalidade! É sempre a fatalidade!...

MARIA: — Ainda ameaças, senhor, mas isto além de inutil, é cobarde...

O GOVERNADOR (*terrivel*): — Não me insulte, senhora. (*Brando.*) Póde insultar-me, Maria, mas ao menos escute-me um momento, um instante; é alguma cousa de serio, de terrivel, que eu vou dizer-lhe; é sua vida, a minha, e a de mais alguem que se joga nesta fatal partida... Ouça Maria...

MARIA (*áltiva*): — Senhor!

O GOVERNADOR: — Oh! deixe-me chamal-a por este nome, porque é assim que eu costumei-me a invocal-a nas minhas horas sombrias, nas minhas horas de condèmnado; quando o céo era negro, como a abobada de uma catacumba, e a terra fria como a lagea de uma sepultura. Oh! era este nome que eu invocava como aragem bemfazeja quando a cabeça me escaldava, e no entanto era elle que me derretia bronze em lava pelas veias... Oh! é uma historia sombria, mas que é preciso que escute...

MARIA (*ironica*): — Eu o escuto, Sr. visconde, as mulheres são curiosas, e affirmo-lhe a minha curiosidade está por demais excitada. Quero ver até que ponto chega este assombro de impertinencia.

O GOVERNADOR (*sem ouvil-a*): — Um dia passava uma cavalgada pelas ruas de Villa-Rica...

Soavam as trompas, turbilhonava a multidão, as janellas resplandeciam de colchas e de physionomias animadas, os cavalleiros caracolavam sobre lindos ginetes, emquanto as damas se inclinavam para seguir com os olhos este esplendido cortejo... Era um dia de festa... ou um dia de maldição... E tudo isto era por um homem... Este homem orgulhoso, conscio de sua força, terrivel na sua grandeza tyrana... sorria de desdem, como um soberano rodeado de escravos... e sentia-se feliz por que era poderoso... Sim! elle era feliz. O poder tinha sido a sua unica paixão... a virgem... dos seus sonhos de moço, o amigo de sua virilidade; a esposa de sua velhice... Oh! elle era feliz... Não se impaciente, senhora, eu vou dizer-lhe tudo... De repente o homem levantou os olhos para uma gelosia... Ahi estava uma mulher... ou talvez um demonio de belleza... Ella era bella! sim, muito bella... tinha uma fronte soberana e larga como um firmamento de alabastro, as sobrancelhas curvas e delicadas como o arco-iris do amor, uma boca que pedia beijos, uma alvura, que se teria manchado, mesmo com a brancura de uma lagrima. E os cabellos eram negros. Oh! na noite daquelles cabellos a propria luz quizera transformar-se... e os olhos, meu Deus... pretos, rasgados, brilhantes e aveludados eram como uma perola sob a concha rosada das palpebras... O Creador invejaria um dos raios daquelles olhos para resplandecer no diadema da Virgem... Era V. Ex.ª, minha senhora. Eras tu, Maria! O homem era eu... Era porque já o não sou... Que longas noites de vigilia povoadas de mil fórmas de volupia, de beijos insensatos, de lagrimas lascivas cavaram-me rugas na fronte,

abysmos no coração, aquellas cheias de trévas, este cheio de amor! Por que dizer-te mais? O demonio amou o anjo. (*Movimento de Maria.*) A tréva quiz abraçar a luz, o reptil perdeu-se pela flor: oh! não precisa fallar... Eu sei o que vai dizer. Sim, eu... devia ter afogado este filho maldito de minha alma, devia devorar este amor, como o cascavel engole os filhos, mas era impossivel... Depois... uma noite... era uma noite de sensualismo e de loucura, uma noite que devia ser bem negra (negra, como o pensamento horrivel que lhe sahiu das entranhas.) Eu ouvi uma voz que me repetia: Ella será tua! Sabes tudo o que encerra esta palavra? Oh! nunca o saberás, pois bem! Eu sonhei-o, e sonhei-o tanto que ao despertar deste pesadelo levantou-se em mim um outro homem que tinha uma cabeça de condemnado e um braço de assassino... Então soltei uma gargalhada que horrorisou a mim mesmo e jurei que serias minha. (*Riso de Maria.*) Tu ris? pois jurei, não sobre o meu crucifixo, mas sobre a cruz do meu punhal. E o homem que cumpriu o juramento, que tem agora nas garras como o gavião o passarinho, tua vida, e tudo quanto tu amas, vem dizer-te: Maria, eu sou o senhor, eis me feito escravo... deixa-me apenas fanar com os meus beijos as flores que tu roçares de leve com a aza dos teus pésinhos! Escuta, eu sou bem desgraçado! Ouve! amo-te com um amor unico, immenso e virgem como tu!...

MARIA: — O seu amor virgem! Sim, é isto... Uma mulher é moça, é feliz, é talvez mesmo bella... Tem a primavera que lhe canta nos olhos, o amor que lhe suspira no coração... Ella ama! E os pobres amantes embalados em seus sonhos

de esperança embriagam-se, respiram-se, olham-se e vão correndo sobre os dias, acreditando que o céo é uma arvore de saphyra, de onde a terra pende como um ninho embalado entre as estrellas. E este ninho Deus o creou para elle! Sim... para o seu amor... Mas de repente veem alguma cousa boquiaberta, negra, horrivel, que boceja a seus pés... e isto lhe diz: Tu és bella, ó virgem, tu és pura, ó noiva; pois bem, eu sou horrivel, mas eu te amo! eu sou tão negro como é alva a tua capella, mas eu te amo! Vem que eu sou a fatalidade. Vem! que eu sou a sepultura, eu te offereço a minha virgindade de lama! (*Ao governador.*) A virgindade de seu coração! mas é a virgindade da cova... Um pouco de lodo sacia a terra, um corpo de mundanaria deve fartar-lhe a fome... (*Gesto do governador.*) Oh! Não me interrompa... eu ouvi-o, deixei-o derramar do seio toda essa baba que o senhor chama amor! o amor, meu Deus! mas é o ponto onde se fundem os raios de duas estrellas... a fusão de duas gottas de orvalho sobre um lyrio... uma cousa pura, diaphana, luminosa, sobre a qual os anjos passam voando sem corar... Não! não é o abraço da larva com a escuridão, o coito do limo com o lodo. Amar! Mas Deus só concede isto ás almas puras. Isto que o senhor diz amor é um desespero de abraços, é uma raiva de beijos, é a inveja sombria de Satanaz vendo a felicidade no céo... É o odio do cego que apaga a luz que não vê... Egoismo infame! (*Gesto do governador.*) Sim! infame! O senhor disse comsigo: ali ha duas mocidades que se cobrem com flores — fanemol-as... Ali ha duas auroras que sorriem — turbemol-as... Ah!... Eu o sei!... Mas é loucura! Porque eu amo a

Gonzaga. Sim! a elle, bello, moço, com um coração iluminado pela grandeza, com a cabeça radiante de genio... E elle me dá tudo isto. Ouve bem? Elle tem tudo isto a dar-me, por isso o amor que eu lhe voto é estremecido como o primeiro beijo de Venus, puro como a primeira lagrima de Eva... E o senhor é velho! é feio... tem o coração mais envelhecido que o corpo, a cabeça mais caduca do que o coração. Eu o abomino... eu o desprezo!...

O GOVERNADOR: — Ah! tu me abominas... Ah! tu me desprezas... Pois bem, o teu desprezo e o teu odio eu os quebro entre os dedos, como o brinco de uma criança... porque tu has de ser minha...

MARIA: — Ah! ah! ah! Pobre homem!...

O GOVERNADOR: — Ri! ri! Porque vais chorar! Sim, é isto... eu sou velho, feio, tu me repelles. Elle é bello, é moço, tu o amas. E se eu disser que tu has de ser minha, rirás como agora o fazias... Ah! tu o amas... Tanto melhor!... Ah! tu o adoras... Muito bem!... Ah! tu te matarias por elle... A maravilhas! Eu quero mesmo que tu o ames, porque, se não mentes, o teu amor é quem ha de perder-te.

MARIA: — Faz-me piedade! Julguei-o um miseravel... vejo que não passa de um idiota.

O GOVERNADOR (*tira lentamente os papeis do bolso*): — Vê... (*tem-nos na mão.*) Conhece-os perfeitamente...

MARIA (*horrorisada*): — Ah!... mas isto é horrivel, senhor! Isto é monstruoso, meu Deus! Estes papeis! Dê-me estes papeis, senhor!

O GOVERNADOR: — Sabe V. Ex.ª que a côrte

de Lisboa dar-me-ia muito dinheiro por elles?... Bem vê seria muita generosidade... Eu não passo de *um pobre homem.*

MARIA: — Oh! mas o senhor roubou-m'os. O senhor é um infame, é um miseravel.

O GOVERNADOR: — Não, eu *sou um idiota.*

MARIA: — Mas é a vida de mil pessoas... que ahi tem em sua mão! Abafe a revolução, mas poupe tantas victimas. Que força o póde levar a este horrivel sacrificio?

O GOVERNADOR: — Eu amo-a.

MARIA: — Meu Deus... Eu amo-a, eu amo-a, porém sua vida mesmo corre perigo... De todas estas familias despovoadas não poderá sahir um braço que o apunhale? Para que se entrega a esta vingança tremenda?

O GOVERNADOR: — Eu amo-a!

MARIA (*com fingido enternecimento*): — Sim! Deve ser um amor tremendo este! Ah! eu ainda não tinha visto este lado monstruoso, porem formidavel da paixão... esta loucura que, á força de espantosa, torna-se grande... É alguma cousa vertiginosa como o abysmo... mas profunda como um céo de tempestade... Oh! eu começo a comprehender o que seja a desgraça... É preciso que o coração soffra muito para entregar assim sua vida ao remorso, sua alma ao inferno... Mas, senhor, por piedade! Eu não posso ainda amal-o; mas bem vê que não o odeio... Meu Deus, eu desejaria enxugar todas as lagrimas... e o senhor... sim, eu devo consolal-o, porque o fiz muito infeliz... tão inleliz que já não lhe posso querer mal, o senhor assombra-me!... (*Chorando.*)

O GOVERNADOR: — Maria, escuta... São as minhas ultimas palavras. A senhora tem nas suas mãos a vida de muitas pessoas que estima, a desse homem a quem ama, e deste outro que a adora. Pois bem, Maria!... todos estes olhos estão fixos em ti, todas estas bocas tremulas de condemnados murmuram-te piedade... todos estes soluços de agonisantes clamam-te compaixão... são elles todos que t'o dizem: Salvai-me a vida, sou eu, Maria, que te digo — salva-me a alma... Sim! que eu sou o maior condemnado!... Salva-os, Maria... porque a benção de mão que já se aproxima da eternidade é santificada por Deus. Do contrario creio que aqui haverá alguma cousa horrivel, enorme, medonha... um cadafalso levantado por ti, muitas cabeças derrubadas por ti... e estas caras lividas passarão nos sonhos do teu travesseiro e repetirão: Mataste-me... mataste-me... e a minha face mais livida ainda que a dos mortos te repetirá: Perdeste-me, perdeste-me!... Escolhe... e tudo estará terminado!...

MARIA (*chorando*): — Oh! meu Deus! meu Deus!

O GOVERNADOR: — Eu amo-a, Maria... não zombe de mim; eu talvez que a faça feliz. E depois, maior prazer póde ter uma alma como a sua do que entornar a felicidade por onde passa?... É esta a missão das mulheres... e tu és um anjo... Depois tu me farás bom, talvez me purifiques... Oh! um raio de sol faz de um paúl um valle... Este amor que me fez horrivel me fará tambem sublime... Escolhe... escolhe...

MARIA (*enxugando os olhos*): — Eu escolhi...

O GOVERNADOR (*soffrego*): — Então, amas-me, Maria?

MARIA (*fingindo pudor*): — Oh! não me pergunte isto... Eu devo mesmo, sim... devo affirmar-lhe que o não amo... mas admiro tanta loucura que imaginou por minha causa, tenho remorsos de tel-o feito desgraçado... Mas bem vê... não era minha a culpa... Eu nem sequer sabia-o... É talvez horrivel tudo quanto eu digo... Agora eu comprehendo esta palavra — Fatalidade!

O GOVERNADOR: — E então, Maria?

MARIA: — Ainda não comprehendeu, meu Deus! Mas isto é tyranno! Deixe-me ao menos ver quantas victimas nós salvamos... Dê-me estes papeis...

O GOVERNADOR: — Não brinque, Maria; é horrivel brincar com a serpente. Então, é minha? É minha... diga!

MARIA: — Ah! eu bem o sentia, fiz talvez mal em dizer-lhe tudo isto... De facto, eu mesma já me não comprehendo... Já não lhe posso inspirar confiança, desgraçada de mim! Eu já não a inspiro a mim mesma... Oh! eu creio que fiz um grande crime, mas deixe-me ao menos lembrar que misturei-o com uma virtude... Dê-me estes papeis... (*Gesto negativo do governador.*) Bem vê? Vai ainda desconfiar de mim. Meu Deus, cedo começa o meu castigo, mas note que eu sou uma fraca mulher; estamos sós... E antes que eu tivesse rasgado estes papeis já o senhor m'os teria arrebatado...

O GOVERNADOR (*olha em torno de si, desconfiado... depois entrega-os lentamente*): — Aqui os tem, Maria!

MARIA (*tem-se approximado pouco a pouco da mesa da direita onde estão as cartas; vai abrindo*

lentamente os papeis): — Meu Deus, meu Deus, eu já não tenho remorsos!... Salvei-os a todos... perdoa-me, Senhor!

O governador: — Oh! tu me salvaste...

Maria (*faz um falso jogo. Tendo-se approximado da mesa, agarra os papeis que estavam sobre ella e atira-os á vela, emquanto recua para a esquerda com os verdadeiros*: — Não; eu zombei de ti...

O governador (*precipita-se para a mesa da direita, de onde tira as cartas*): — Ah! ah! ah! A senhora queria illudir-me... Louca. (*Ajunta-as rapidamente sobre a mesa.*) Agora é um duelo de morte... Oh! Eu sahirei com as mãos cheias de sangue...

Maria (*que tem queimado na vela os papeis verdadeiros, da revolução*): — E eu de cinzas...

O governador: — E tu verás que o anjo... (*voltando-se*) Oh! maldição!

Maria: — Ah! ah! ah! Que o anjo queimou as azas do demonio!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Os martyres

(O theatro representa o exterior de uma casa. Á direita uma larga varanda, cujas columnas chegam quasi ao meio da scena. Á esquerda um bosque. Ao fundo brilham em distancia varios fogos que alumiam senzalas de escravos. É noite.)

SCENA I

O GOVERNADOR e SILVERIO

O GOVERNADOR: — Então, Silverio?

SILVERIO: — Tudo está prompto.

O GOVERNADOR: — Os meus homens?

SILVERIO: — Á hora em que fallamos nos têm dentro das unhas. Oh! ninguem imaginaria que neste logar está no centro de um circulo de ferro... Olhe, Sr. visconde, aqui (*apontando para a esquerda*) cada arvore esconde um vulto, cada vulto um punhal. Acolá (*aponta o fundo*) a noite do céo confunde-se com a noite da pelle dos seus escravos. Alli (*aponta a D. A.*)

póde V. Ex. bater com o pé em terra, como dizia Pompeu, e della saltarão legiões... E tudo coberto, amparado, mascarado... Deus teve a benevolencia de enviar a noite, este grande dominó do carnaval eterno... E não gastou debalde a seda. Eu me incumbo do espectaculo.

O GOVERNADOR: — Bem, bem, desta vez não me escapará.

SILVERIO: — Oh! não tanto! não tanto! É preciso que vamos mais de vagar...

O GOVERNADOR: — O que dizes? heim? Falla depressa! Vamos! Então desconfias?

SILVERIO: — Estes homens ainda não estão aqui... e mesmo se estivessem poderiam sahir.

O GOVERNADOR: — Não acabarás? Que diabo estás a dizer? Sahir? Mas por onde? Porventura não tenho soldados? estes soldados não têm espadas, estas espadas não têm fio? Ah! parece que quer tambem zombar, Sr. Silverio...

SILVERIO: — Perdão, meu senhor, mas nada disto basta.

O GOVERNADOR: — E que mais? Mas é o supplicio do fogo lento...

SILVERIO: — Deixe-me V. Ex. fallar um instante... Vê esta casa? Aqui é o lado... (*aponta a parte visivel do edificio.*) Acolá a frente. (*Aponta para o fundo á direita.*) Além o outro flanco... todos sitiados...

O GOVERNADOR: — Vai agora fazer-me a topographia. Mas eu conheço-a perfeitamente... e por trás fica o rio... que mais?

SILVERIO: — Sobre este rio passará um barco, sobre este barco os conspiradores.

O GOVERNADOR: — Mas ahi não ha barco.

SILVERIO. — Collocaram-n'o hoje.

O GOVERNADOR. — É preciso que o tomemos.

SILVERIO: — Impossivel! Ha vigias que o guardam do lado opposto. Demais, isto levantaria a desconfiança e ficariamos desconcertados... Accresce ainda que é preciso, para tomal-o, passar por esta casa. E V. Ex. sabe que seria perder-nos.

O GOVERNADOR: — Oh! Eu daria a minha fortuna por este barco.

SILVERIO: — Eu espero dar-lhe o barco sem tomar sua fortuna, Sr. visconde... Para atravessar aquelle limiar é preciso ser amigo, para servir-nos é preciso ser inimigo. Temos, pois, necessidade de encontrar um amigo inimigo...

O GOVERNADOR: — Comprehendo o enigma. Trata-se de um traidor... sim!... mas onde encontral-o?

SILVERIO: — Um amigo do estado!... Eu tenho a honra de pol-o á sua disposição, Sr. governador.

O GOVERNADOR: — Mas quem é? quem é? Diga-lhe que terá uma larga recompensa, porque devéras vai salvar-nos, esse homem.

SILVERIO: — Não, é uma mulher. É Carlota, uma escrava minha. V. Ex. sabe esta historia; tenho-lhe fallado já desta heroina de romance, bella como uma serpente, prégando sermões como

um frade, roubando uns papeis como um bandido; no mais, bonita e quasi tão branca como qualquer um de nós... Oh! fará um lindo effeito vestida de rapaz, como espero apresental-a em breve a V. Ex.

O GOVERNADOR: — E ella será capaz?

SILVERIO: — De fazer tudo que lhe ordenarmos, sem que comprometta o resultado que esperamos. Oh! respondo por ella. Ha um talento todo especial no sexo feminino para a mentira. É o segredo que a serpente da Biblia confioulhes. Verá. Esta linda rapariga entrará naquella porta levando a Gonzaga uma carta que retardou de proposito... depois deslisará pelos corredores. Chegará ao barco, dirá aos feitores que vai guardar alguma provisão ali... abrirá com toda presteza uma fresta no costado, por onde possa entrar agua a valer, e se escapará n'um instante deixando apenas sobre o chão um rasto tão ligeiro como o de uma aza, tão pequeno como o de uma cabra. Ainda um ponto de contacto entre a mulher e Satanaz. Ah! n'um dia de pachorra escreverei um tratado sobre este assumpto!

O GOVERNADOR: — Muito bem. Mas, por minha fé! se começa a publicar o primeiro capitulo, creio que vai ter muita extracção, porque sinto passos. Bem! Ver sem ser visto é uma semelhança com Deus. (*Sahe pela E. B.*)

SILVERIO (*ao desapparecer pelo fundo, apontando os conspiradores*): — Ser visto sem ver é uma semelhança com os fuzilados. Ah! ah! ah!

SCENA II

TIRADENTES e CLAUDIO

TIRADENTES : — Nada ouviste ?...

CLAUDIO : — Apenas o grito do bacoráo na solidão da noite.

TIRADENTES : — Entretanto dir-se-ia que uma gargalhada humana ou diabolica estridulou agora ás nossas costas.

CLAUDIO : — Alguma coruja que se ri dos homens e quer intimidar as velhas.

TIRADENTES : —Mas ali, entre os juncos, como que vi brilhar um sabre ao raio das estrellas...

CLAUDIO : — É a lua que faz espadas com as folhas esguias das cannas.

TIRADENTES . — E aquelles passos que estalaram os ramos á nossa esquerda ao entrarmos na matta ?

CLAUDIO : — Alguma cascavel que espantámos com a nossa passagem. E depois... que importa ? Tens medo ? Seria a primeira vez ?

TIRADENTES : — Tenho, como o noivo antes de desfazer o véo de sua esposada. Tenho medo por ella, a minha virgem promettida. E, a proposito, parecemos verdadeiros namorados. Chegámos bem cedo á entrevista.

CLAUDIO : — É verdade. A lua ainda está por trás das sicupiras do Itacolomi. Entretanto entremos. (*Prestando o ouvido.*) Creio que alguem caminha deste lado.

TIRADENTES : — Então fiquemos. É talvez um espião que precisamos abreviar. Vejamos. Segura o punhal.

SCENA III

CLAUDIO, TIRADENTES, ALVARENGA, o PADRE CARLOS e tres HOMENS encapotados

TIRADENTES (*a um dos que entram*): — Companheiro, a noite está negra como a escadaria do inferno... Deste passo irei parar ao palacio de Satanaz.

O HOMEM EMBUÇADO: — Que importa, se ahi encontrar o que eu procuro?! Porém mesmo nas trévas o genio quebra as cadeias.

TIRADENTES: — *Libertas quæ sera tamen.* Louco modo de procurar um homem... tacteando as trévas!

O HOMEM EMBUÇADO: — São as dobras do manto de Deus, e eu quero acordal-o.

TIRADENTES: — E que lhe queres tu?

O HOMEM EMBUÇADO: — Saber o caminho do Calvario...

TIRADENTES: — Companheiro! Deus já não o sabe! Ha muito que desceu da montanha... O Golgotha está tão negro como o inferno, para onde tu caminhas.

O HOMEM EMBUÇADO: — A liberdade vela no seu tôpo.

TIRADENTES: — Companheiro, venha o abraço de irmão. (*Toca-lhe a mão.*) Olá! estavas armado. (*Claudio bate tres pancadas á porta da casa.*)

O HOMEM EMBUÇADO: — 'E tu tambem.

TIRADENTES: — Oh! nestes trilhos tão estreitos é preciso algumas vezes apartar os ramos...

SCENA IV

OS MESMOS e LUIZ

Luiz (*á porta da casa*: — Quem bate?

Claudio: — Eu Claudio...

Luiz: — Entre, senhor... Quem são estes homens?

Claudio: — Amigos... (*Os conjurados fallam baixo a Luiz e vão entrando para a casa.*)

Tiradentes: — Irmão, de que lado vens?

O homem: — Do rio...

Tiradentes: — E o que ha lá?

O homem: — Um barco.

Tiradentes: — Bem. Se fossemos trahidos pela terra, a agua nos salvaria... Entremos, a menos que não prefiras ficar ao relento.

O homem: — Nada! A noite é uma tenda muito fria. Eu tambem entro. (*Todos desapparecem; a scena fica um momento vasia.*)

SCENA V

SILVERIO e CARLOTA

Carlota (*entra vestida de homem, envolta n'uma capa. Traz uma pequena mascara preta*): — Então, meu senhor, onde está meu pai? É verdade que vou conhecel-o?

SILVERIO: — Ai! abaixo a anciedade. Ao levantar da lua.

CARLOTA: — Meu Deus! como esta lua tarda! Quanto tempo esperarei!

SILVERIO: — Diz antes quanto tempo trabalharás:.. Parece que, com a maldita idéa de encontrares teu pai te esqueces do officio. Vê bem se vais estragar tudo quanto tens feito!... E, se nesta ultima prova não deslustrares o conceito que de ti faço, de bom tratante, terás em premio até as minas da capitania... do contrario, travarás conhecimento com outro personagem menos sympathico. Então? Ficas estupida como uma pedra? Vai com todos os diabos emquanto é escuro e despacha.

CARLOTA: — Ainda uma infamia, meu Deus!

SILVERIO: — Ah! cahes na mania das lamurias!... Sabes que mais, Carlota, já estás me aborrecendo com o maldito vicio que tens de ser velhaca entre lagrimas. Emfim, pouco importa. Toma estes instrumentos e abre uma fenda tão larga que te deixe passar para a felicidade.

CARLOTA: — Por mais larga que seja, eu não poderei atravessal-a com a mesma honra.

SILVERIO; — É uma bagagem muito pesada! Ali já, rapariga! e como hoje estás um verdadeiro bloqueio á castidade, recommendo-te, que, se encontrares algum lacaio ao pé da escada, não te esqueças, no calor de um beijo, que o velho te espera no frio da rua... Vai!

CARLOTA: — Meu senhor?

SILVERIO: — Que queres?

CARLOTA: — É que estes homens, logo que descobrirem a traição... podem talvez matar-me, e eu não poderei sequer ver uma vez meu pai.

SILVÉRIO: — Sim, tens razão. Todos podem aqui entrar, ninguem d'aqui sahirá só. É preciso que tenhas um salvo conducto. É verdade... esta mascara será um signal, mas não basta, todo o mundo tem mascara... É preciso alguma cousa que ninguem possúa. Vê lá, procura outro meio de seres reconhecida pelo tenente-coronel João Carlos.

CARLOTA: — Eu tenho este rosario de prata que foi de minha mãi.

SILVERIO: — Bem! bem! nunca um rosario pensou prestar para tanto! Dá-m'o, e espera um instante. (*Vai ao fundo.*)

SCENA VI

OS MESMOS e o TENENTE-CORONEL JOÃO CARLOS.

SILVERIO (*no fundo*): — Sr. tenente-coronel, ninguem sahirá d'ahi, á excepção da pessoa que está ali coberta de uma mascara, e que lhe apresentará este rosario. São as ordens do governador.

O TENENTE-CORONEL: — Sim, Sr. Silverio. (*Sahe.*)

SILVERIO: — Ahi tens, Carlota... Esta mascara e este rosario te darão passagem... Agora vai bater áquella porta. Adeus.

SCENA VII

CARLOTA, depois LUIZ.

(Carlota vai á porta e bate duas pancadas.)

Luiz (*sahindo*): — Quem bate aqui a estas horas?

Carlota: — Sou eu, Sr. Luiz.

Luiz: — Quem quer que sejas, estás preso n'uma tenaz de ferro... (*Pega-lhe o braço.*) Diz o que queres.

Carlota: — Entregar uma carta.

Luiz: — Dá-m'a.

Carlota: — Não posso, quero fallar ao Sr. Gonzaga, deixe-me passar. Não vê quem sou? Sou Carlota, senhor, esta porta sempre me foi franca.

Luiz (*tira uma lanterna furta-fogo de sob a capa e alumia-a*): — Ah! então entra. Meu senhor te espera ha muito. Diz-me: o Sr. tenente-coronel ainda está decidido a prohibir o casamento? Oh! é uma desgraça... O Sr. Gonzaga vai talvez enlouquecer, porque de facto creio que ha em tudo isto umo intriga horrivel... No momento do casamento romper sem mais attenções com o noivo... Diz-me, rapariga, a Sra. D. Maria nada conseguiu?

Carlota: — Nada. O Sr. Gonzaga já não póde lá ir. A muito custo minha senhora pôde escrever-lhe, e assim mesmo é porque obtive alguns vestuarios que me mascarassem...

Luiz: — É celebre! Vem, minha filha, que eu vou conduzir-te. Emfim é sempre uma boa nova que tenho a levar-lhe. (*Sahe deixando a lampada.*)

Carlota: — Que loucura!...

SCENA VIII

Maria (*mascarada*): — Meu Deus! que noite negra! Como eu tremo de susto! Ah! desgraçada de mim, se alguem me sorprende! Não; mas ninguem imaginará que embaixo deste capote de bandido bate um seio de virgem, e que esta mascara negra occulta a pelle branca de Maria!... Oh! como eu tenho medo! Mas sinto que ninguem me faria recuar... é que o vão matar... e por mim, santo Deus! Eu vou fazel-o morrer, quando daria toda a minha vida para conservar a sua!... Essa carta! oh! essa maldita carta!... Parece que o meu anjo da guarda dormia quando eu a escrevi. Entretanto eu já não podia esperal-o, eu preciso delle, meu Deus, e marquei esta maldita entrevista que meu tio descobriu... Como? Eis o mysterio! um punhal irá neste momento fatal tomar o logar do amor... Mas, não, não, e não! Fosse preciso quebrar meu corpo, minha alma, minha honra entre o ferro de um miseravel e seu coração... eu fal-o-ia e faço... Ah! a culpa é da couraça que nasceu para estalar por seu dono. Eu me perco. Talvez arrisco minha honra, meu nome... meu Deus!... eu o amo... parece que isto vale mais que todas essas cousas... E depois é preciso salval-o... Sim, que me importa cahir?... É talvez ás vezes uma virtude... Se as estatuas não cahem é que ellas não

amam... E eu não sou uma estatua, sou uma mulher, e uma mulher que ama é alguma cousa menos brilhante, porém mais scintilante que um anjo. É preciso bater áquella porta. Vejamos. Ninguem estará de certo aqui... Bem! muito bem! estou só...

SCENA IX

MARIA e o GOVERNADOR

O GOVERNADOR (*tem entrado a estas ultimas palavras*): — Só com um homem!

MARIA: — Meu Deus! estou perdida! (*Recúa dous passos.*)

O GOVERNADOR: — Nada de medo!... porém tardaste muito!...

MARIA: — E o senhor sabia que eu tinha de vir aqui?

O GOVERNADOR: — E que vais para ali. E ainda mais, que se tu faltasses... perderias a unica pessoa que amas no mundo!!!...

MARIA: — Meu Deus! quem lhe disse? Mas isto é de enlouquecer... porém não me perca pelo amor de Deus... não diga quem eu sou, se é que o sabe... porque parece que o senhor sabe tudo... tudo... vê minha cara atravez desta mascara, meu coração atravez de minha carne.

O GOVERNADOR: — E tão bem... que sei que embaixo desta seda ha um lindo rosto, embaixo deste capote um seio aveludado, dentro destas botas um pésinho côr de rosa, sob este disfarce uma mulher...

MARIA: — Basta, basta, por piedade... não vá dizer meu nome, podem ouvil-o, e seria uma grande desgraça. Oh! tenha pena de mim. Mas quem é o senhor? Quem é?

O GOVERNADOR: — Ali tens uma lampada... vê!...

MARIA (*vai precipitadamente á direita pega da lampada e alumia a face do governador*); o governador!... oh!... (*Deixa cahir a lampada que se apaga.*)

O GOVERNADOR: — Fizeste mal em apagar esta luz. Eu quizera a retribuição, mas ainda peior em gritar tão alto... Tens realmente medo de mim? bem sabes que eu sou teu amigo.

MARIA: — Amigo?!...

O GOVERNADOR: — E por que não, Carlota?

MARIA: — Carlota?!...

O GOVERNADOR: — Sim, eu sei teu nome. Ainda mais o que vens fazer. Ainda mais quem te enviou... Tu és uma escrava... vais por ordem de Silverio (sob pretexto de trazer uma carta) entrar nesta casa, donde chegarás ao rio, e um instante depois abrirás uma fenda no barco que lá postaram, e dest'arte cortarás o unico meio de fugida dos revolucionarios, sei mais que tu és um genio de prudencia, um demonio de astucia. Então... estás contente?

MARIA (*estupida*): — Muito contente... é isto... Foi o Sr. Silverio quem o disse... (*Rapido.*) Mas deixe-me passar. Eu voltarei já, Sr. governador... Adeus! Creio que não enganou-se quando disse que eu sou um demonio de astucia!...

O GOVERNADOR: — Adeus, minha bella, a lua vem despontando, e eu gosto da tréva. Até já. (*Sahe.*)

MARIA: — Oh! meu Deus! meu Deus! nem um raio de luz neste céo!... nem um raio de luz nesta cabeça... tudo é negro... negro... tão negro que tu não verás o trama horrivel destes miseraveis, nem a dor dilacerante de uma fraca mulher... (*A lua vai-se levantando por entre as arvores. — Com uma idéa subita.*) Ah! eu salvarei. (*Vai á casa, mas pára ao abrir-se a porta.*)

SCENA X

MARIA atrás de uma columna, GONZAGA na varanda. LUIZ á porta.

GONZAGA (*com um papel na mão, lendo*): — « A uma hora da noite, sob os jasmineiros que « escutaram as nossas primeiras juras, vem rece- « ber as minhas primeiras lagrimas. Tua *Maria.* » Sim, eu irei... Eu já não posso viver sem ti, Maria. A vida me desmaia no seio como o ultimo canto de um cysne moribundo. Eu definho de languidez e de abandono... de martyrio e de angustia... Sem ti eu perco a força, a alma e a vida... Longe de teu olhar o céo parece um craneo immenso que me abafa como ao verme... Mas não! Este papel é minha pomba de esperança... Pobre amiga!... Nós somos como Romeu e Julieta... Temos um jardim banhado de luar, e duas almas banhadas de amor. Eis tudo o que nos resta... Oh! mas ainda é muito! É tudo quanto brilha na vida... é a luz da terra e a luz do céo. Adeus, Luiz, Adeus! (*Luiz entra.*)

MARIA (*sahindo de trás da columna*): — Não darás um passo d'aqui.

GONZAGA: — E quem ousará prohibir-m'o!

MARIA: — A tua vida...

GONZAGA: — Minha vida!... mas eu corro a buscal-a, porque esqueci-a aos pés della.

MARIA: — Nem poderás ir morrer ahi... Fica, eu o quero!...

GONZAGA: — Ah! tu o queres?!... mas tira fóra esta mascara, que eu desejo conhecer a cabeça desvairada que ella esconde... Tu o queres?!... mas não sabes que ninguem poderia dizer-me duas vezes esta palavra? E só ha uma pessoa...

MARIA (*tirando a mascara*): — Que sou eu!...

GONZAGA (*sorpreso*): — Maria! (*Reconhece-a.*) Maria! Maria! tu vens trazer-me a vida!...

MARIA (*soluçando*): — Oh! não, não! desgraçada de mim! venho-te annunciar a morte...

GONZAGA: — Mas é ainda a vida, pois que parte de tua boca... Sim, não chores, Maria! Eu seria o mais desgraçado dos homens se uma só de tuas lagrimas cahisse por mim destes olhares. Não chores, Maria!... Fallas-me em morrer... mas a peior de todas as mortes é ver-te chorar...

MARIA: — Sim! não devo chorar!... e eu já não choro... vês? Se meu coração quizesse soluçar agora, eu sinto que teria coragem de estrangulal-o com os dedos... porque os momentos estão contados, e é preciso que te salves... (*Movimento de Gonzaga.*) Oh! não me interrompas. Escuta e obedece... Sim! eu sou uma mulher, eu sou tua escrava, mas quando se trata de tua vida, eu

poço-te ao menos para não me veres morrer de desespero... (*Movimento de Gonzaga.*) Cala-te... ouve... o tempo corre, vôa... Toma esta mascara, esta capa, este chapéo, e foge... não como um fugitivo... A astucia aqui perderia tudo. Audacia e só audacia!... Encontrarás a alguns passos soldados...

GONZAGA: — Soldados!

MARIA: — Sim, sim. Dirás que és um enviado do governador.

GONZAGA: — Do governador! Espera, Maria. É preciso que me expliques isto.

MARIA: — Mas eu não tenho tempo... vai, vai!...

GONZAGA: — Não, eu fico emquanto não comprehender este mysterio horrivel.

MARIA: — Ficas! Ficas! Mas tu queres verme cahir morta a teus pés?!...

GONZAGA: — E tu queres ver-me cahir deshonrado aos teus?

MARIA: — Meu Deus! meu Deus!...

GONZAGA: — Maria, escuta... Ali (*aponta a casa*) estão todos os meus amigos... que vão talvez morrer... Queres que eu os abandone?... Ali está minha patria. Queres que eu a venda? Não! tu não me quererás deshonrado... tu me preferirás morto... Maria, o que me dizes é solemne e tremendo... é muito grande para que pertença a mim só... é preciso que estes homens o saibam. Perdôa, mas, pelo meu amor, quando tu fazes um heroismo, não me prohibas, Maria, que eu cumpra um dever.

MARIA (*impaciente*): — Pois bem, vai, vai... chama-os, porém depressa, muito depressa... Eu lhes direi tudo... tudo; quanto eu sei... Vai!...

SCENA XI

MARIA (*só*): — E o tempo que caminha!... e os soldados que vão talvez chegar... e a morte delle que se approxima! Oh! e eu não esperava isto, entretanto devia prevel-o... Se eu soubesse!... Mas que poderia fazer?... Como estes homens tardam! Dir-se-hia que espero ha seculos... Se fossem as gotas do meu sangue que corressem... mas é a arêa que vai passando na ampulheta do tempo... é seu corpo que vai talvez se inclinando para a morte... Ah! eil-os emfim!...

SCENA XII

MARIA, GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, PADRE CARLOS, LUIZ e mais CONSPIRADOS.

GONZAGA: — Meus amigos, creio que Deus ainda não marcou a liberdade deste povo... O que nós julgavamos uma aurora é talvez um relampago sangrento.

ALGUNS: — Então o que temos?

GONZAGA: — Não sei.

TIRADENTES: — E quem o sabe?

MARIA (*adiantando-se*): — Eu.

ALGUNS: — Como é o nome deste homem?

MARIA: — Que importa o nome? Chamai-me

a morte, se quizerdes, porque eu venho dizer-vos que estais trahidos, vendidos, presos, condemnados, mortos. Oh! é terrivel, eu bem o sei, mas é a verdade! Outra era de certo a nova que eu sonhava, mas as espadas nos cercam de todos os lados... O governador nos espia de seu antro, e Deus não nos vê do céo!...

TODOS: — Traição!

TIRADENTES: — Mas temos ainda um barco! Meus amigos, ao remo! Os espias farão fogo da outro margem, mas a correnteza nos levará de vencida! Aos remos e ás pistolas, e salvemos a liberdade de nossa pobre terra!

MARIA: — Já não tendes barco.

TIRADENTES: — Mas é impossivel ao menos que entre nós não esteja um Judas...

TODOS: — Quem é o traidor?

MARIA: — Carlota, ou antes, Silverio. O barco deve ter ido a pique a estas horas; porque a miseravel, sob um pretexto infame, veiu executar as ordens do governador.

CLAUDIO: — Oh! eu sempre previ!...

ALGUNS: — Estamos perdidos!...

TIRADENTES: — Oh! nossa patria foi vendida! e em que momento! quando a revolução levantava a cabeça, quando a America despertava, quando eu sentia o vagido do futuro nas fachas da liberdade, quando iamos agarrar o fogo sagrado como o Prometheu escalando o céo! Sonho sublime!... despertar tremendo!... O povo vai gemer ainda no captiveiro! os vampiros vão beber a ultima gotta de sangue desta nobre

terra... e as selvas seculares que viram o homem primitivo atravessar as brenhas no trilho da onça bravia, vão ver agora o tigre estrangeiro correr á cata da pobre raça brazileira... E os rafeiros hão de dilacerar-lhe a pelle como a besta brava! Raça desgraçada! Deus nos fadou para a liberdade, temos a escravidão... deu-nos o oceano — temos a masmorra... deu-nos os Andes — temos a forca!... Eis tudo o que nos resta!...

Gonzaga: — Pois bem, senhores, é ainda alguma cousa. Nós temos o cadafalso... é quanto nos basta! O cadafalso!... mas é um pedestal... Para o tyrano ali o martyr se levanta como um fantasma, para o captivo como um Christo. O cadafalso!... Os homens pensam que levantaram um parapeito sobre o nada, não, levantaram um degráo para o céo... e lá de cima... e lá do alto... como a aguia que rola morta do topo do seu rochedo, como a avalanche que desaba do cimo dos Alpes... será grande, soberbo, gigantesco o tombar das cabeças revolucionarias nos braços do povo, o espadanar do sangue de titães na face dos tyranos! Sim, não nos deixaram viver para a patria, morreremos por ella... Meus amigos, neste momento solemne nós escutamos um rumor sublime... é o futuro que nos sorri... É uma campa e um berço — campa enorme de nossos avós escravos que nos diz — Vingai-nos; — berço enorme de nossos filhos que nos diz—Libertai-nos... Saibamos morrer—entre estes dous concertos divinos um da aurora da vida, outro da aurora da eternidade! Morramos

Maria: — Morrer! morrer! Eis tudo que eu alcancei para ti!... Morrer!...

GONZAGA (*recúa e encosta-se a uma columna*): — Ah!...

CLAUDIO (*approximando-se de Maria*): — Morrer... e porque não? Escuta, bello pagem! Tu vais ver que a morte não é tão feia como se pinta. Sabes a historia de Roma? Talvez não, mas vais conhecer quanto perdeste... Diz-me cá, nunca ouviste fallar no banquete da morte que aquelle soberbo povo dava aos condemnados?... pois bem, escuta... é o meu segredo... (*Falla-lhe baixo.*) Então ainda tens medo de morrer?

MARIA (*como que acordando*): — Morrer!... (*Atirando-se a Gonzaga.*) Mas eu não quero que elle morra...

CLAUDIO: — Mas tu disseste que todos estavamos perdidos.

MARIA: — Todos; menos elle; porque... ouvi bem, talvez d'aqui possa sahir um homem, mas um só, e este homem será Gonzaga. Ah! vós fallais, fallais, fallais, e quando eu penso que tudo isto vai concluir n'um meio do salvação, terminais com esta palavra — morramos! Pois bem, morramos; mas que elle se salve!... Não é verdade, meus senhores, que elle deve partir, que deve sahir neste instante? E eu que lhe tinha dito isto, mas elle não quer... tem a loucura de tentar contra sua vida, a maldade de esquecer o meu tormento! Mas os senhores são bons, são seus amigos, peçam-lhe por mim que fuja... Oh! por piedade! Para que uma cabeça de mais no cepo do carrasco?! Emfim, bem se vê que eu tenho razão... peçam-lhe que vá, peçam-lhe...

TIRADENTES (*a Gonzaga*): — E tu que pódes

salvar-te queres morrer comnosco!... Obrigado, meu amigo; é uma grandeza de tua alma, mas nós não aceitamos o sacrificio. Parte.

GONZAGA: — Eu fico. Não se dirá que rejeitei o meu calice de dor.

TIRADENTES: — Mas tu nos pódes talvez ser util lá fóra, e aqui não farás mais que te abysmar no egoismo de sonhar a gloria de martyr, esquecendo que pódes servir o povo...

GONZAGA: — Pois bem, vai tu que eu fico. Temos o mesmo direito.

TIRADENTES: — Não, enganas-te. Silverio é um traidor que nos perdeu por nossa confiança. A estas horas estamos compromettidos e já não tinhamos outra esperança de viver senão com o rompimento da revolução, mas contra ti não ha um só documento, porque soubeste sempre unir a tua dedicação á prudencia. Oh! talvez que a nossa leviandade tenha sido a fonte desta catastrophe, e nós que doudamente procedemos não consentimos que soffras por nossa causa.

GONZAGA: — Não, eu fico.

CLAUDIO (*a Tiradentes, que vai fallar depois aos outros companheiros*): — É preciso salval-o contra sua vontade. (*Approxima-se de Gonzaga*): Queres ficar? Neste caso salve-se alguem... e a que temos iguaes direitos entreguemos á fortuna a escolha do infeliz.

MARIA (*agarrando Claudio*): — Não, a sorte não decidirá do sua vida.

CLAUDIO (*baixo*): — Perdão, senhor, eu vou fazer um acaso premeditado. Vou escrever o seu nome em todas as sortes.

Tiradentes: — Inscreve-nos todos e tiremos o eleito da fortuna.

Todos (*menos Gonzaga*): — Sim.

Claudio: — Oh! que soberba idéa!... É uma grande banca em que apostamos! É uma parada sublime! (*Emquanto rasga um papel e escreve em pequenas tiras.*) Viva o jogo! o grande rei da loucura com seu cortejo de emoções, sua côrte de calafrios, seu povo de possessos! Viva o jogo! O monarcha mais democrata, o grande pontifice dos disparates, o republicano por excellencia que faz uma careta ao rei, e uma caricia ao cavalheiro de industria, e cantando e dansando ao compasso dos dados vai gritando — Abaixo a razão, abaixo a força, viva a loucura!... Viva o jogo, parceiros!... e apostemos... Vem tirar o nome do desgraçado, lindo pagem! (*Maria tira um papel de dentro do chapéo.*) Espera (*rindo*) esta carta é de filar, vejamos o nome que bica... *Todos fingem prestar muita attenção, menos Gonzaga.*)

Maria: — « Gonzaga »!

Todos: — Muito bem!

Claudio — Bravo! A sorte agarra pelas orelhas a quem lhe nega a mão:

Gonzaga (*adiantando-se*): — Um momento, senhores, não se dirá que os homens da razão entregaram-se ao deus do acaso. Ah! meus amigos, quando ha familias que gemem, interesses que clamam, dores que podemos curar, lagrimas que podemos enxugar, e tudo isto com uma escolha reflectida, com um pensamento nobre, iremos arriscar na cegueira de um papel, como prodigos, responsabilidades que nos pertencem, mas como

ladrões, dores que não são nossas? Não! todos concordaram; mas eu calei-me contando protestar se a sorte me escolhesse. (*Movimento geral.*) Não me interrompam. Ha homens que vivem como o cedro de nossas florestas, donde a parasita mimosa se alimenta, a cuja sombra crescem as madresilvas campestres: arrancar-lhe a vida seria matar a trepadeira sem arrimo, o arbusto sem abrigo!... Ha outros, porém, que nascem como o cardo na rocha do descampado, como o musgo no seixo do rio... sua morte não é um cataclysmo, é uma extincção solitaria. Pois bem (*a um dos que o cercam, e depois a cada um dos outros*), tu tens talvez uma irmã virgem, — pobre moça que sorri ainda ao berço, e córa cismando no leito... E que seria da pobre creatura fraca, timida e casta, sem um braço de irmão ao entrar da vida? Tu tens talvez uma filhinha, loura criança que olha espantada e risonha para o mundo, porque ainda tem o olhar deslumbrado pelo céo. E que seria da linda menina que balbucia teu nome como uma prece, e que não póde sequer comprehender que vai ser orphã? Tu tens talvez a mãi decrepita — sublime velha que tem os cabellos brancos como as serranias os têm de neve, porque ambas se approximam de Deus... E que seria da fraca mulher sem amparo que vive porque tu vives, que morrerá se tu morreres?... (*Cruzando os braços.*) Digam-me agora, e é ao acaso que entregam como pais suas filhas, como irmãos suas irmãs, como filhos suas mãis? Digam-me, senhores!...

CLAUDIO: — Oh! em verdade tu tens uma irmã! (*A Tiradentes.*)

Tiradentes (*a Alvarenga*): — E tu tens uma mãi!

Alvarenga (*a outro*): — E tens filhos?

(*Os conjurados passeiam sombrios um momento*).

Maria (*olha desvairada em torno de si, depois adianta-se*): — Em verdade, meus senhores, creio que este homem tem razão, mas esqueceu-se de uma cousa... Acima da orphã sem arrimo, acima da irmã sem protector, acima da mãi sem amparo... está a noiva sem honra!... Sim, a criança crescerá, a moça será feliz, a velha pensará em Deus, e quando mesmo todas morressem... morressem, sim, que importaria?... Nenhuma dellas seria deshonrada! (*Pausa.*) E a noiva, senhores, a pobre virgem que entregou seu coração ao homem, sua reputação ao cavalheiro, que guardou todos os seus sonhos de amor para elle, que amou a pureza de seus labios para entregar-lh'a, a belleza de sua fronte para fazel-o feliz, a vida para queimar a seus pés... sabeis o que será della? Eu lhes digo... sem fallar de seus sonhos perdidos, de suas esperanças mortas, de sua alma para sempre condemnada... a pobre moça será vendida amanhã a outro senhor! Amanhã sua capella de virgem será desfolhada pelos dedos tremulos de um velho perdido!... sua boca, manchada como a folha em que o reptil espojou-se!... seu pudor atirado á lama como o tablado de um amor horrendo entre um carrasco e uma victima! Sim, porque ella será desse homem que ella vê sempre sobre seus passos, espiando, caminhando, anciando, destacando-se no vermelho da aurora como uma cousa sangrenta, na escuridão da noite como uma cousa inda mais negra. Sim, ella será

dos beijos e dos amores desse homem..: desse miseravel, cujo olhar sequer já é uma mancha de lama!...

GONZAGA: — O que é que tu dizes?

TIRADENTES: — O que queres com isto?

MARIA: — Nada, quasi nada, senhores: entregar uma mascara a alguem que tem obrigação de defender uma mulher. Esta mascara salvará duas vidas, inda mais duas honras. (*Claudio sahe.*)

SCENA XIII

OS MESMOS e CARLOTA menos CLAUDIO

CARLOTA (*tendo entrado a estas ultimas palavras. — Á parte*): — Esta mascara não salvará ninguem. Falta-lhe o rosario. (*Deslisa por trás dos conspiradores para fugir.*)

GONZAGA (*a Maria*): — O que é isto? diz, o que é isto?

MARIA: — É uma historia, senhores, é a historia deste homem (*a Gonzaga*), de um rival, e a minha.

GONZAGA: — Ah! estou prompto para partir.

MARIA. — Emfim! Pois então vem. (*Todos entram para a casa.*)

LUIZ (*vem do fundo da scena arrastando Carlota pelo braço*): — Tu vais morrer!...

CARLOTA: — Mas, senhor...

LUIZ: — Cala-te, eu sei tudo. Reza a tua ultima oração, desgraçada, e pede a Deus que te perdôe, como eu te castigo.

Carlota: — Meu pai! meu pai!...

Luiz: — Não, teu pai não virá, mas teu juiz está aqui.

Carlota: — Então deixe-me rezar um instante, Sr. Luiz... eu preciso que Deus tenha pena de mim... Elle terá porque eu fui muito desgraçada... muito!... Os homens me perderam, e eu fui apenas seu instrumento, porque eu sou escrava, porque mataram-me a vergonha, tiraram-me a responsabilidade dos crimes, sem me arrancarem o remorso. Oh! é uma cousa horrivel ter de escolher entre infamia e infamia!... ou perdida, ou traidora!... Eu fui trahidora... não, não fui eu... foi meu senhor... porque eu sou escrava, meu Deus, eu sou escrava!...

Luiz (*confuso*): — Cala-te e reza depressa que vais morrer.

Carlota (*depois de um momento*): — Eu já rezei. Agora deixe-me beijar pela ultima vez o rosario de minha mãi... (*Em pranto.*) Oh! minha mãi! tu já não pódes proteger-me! Oh! meu pai tu nem sequer me vês!...

Luiz (*voltando-se para ella*): — Estás prompta?... (*Carlota levanta-se.*) Pois então morre!... (*Ergue o punhal, mas, vendo o rosario, abaixa pouco a pouco o braço tremulo—atirando-se sobre o rosario.*) Que é isto? quem te deu isto? como tens este rosario? Ah! falla... falla... se não queres que eu enlouqueça... Carlota... Carlota... a historia deste rosario... eu quero saber de quem o roubaste... diz emquanto eu posso ouvir.

Carlota: — Oh! que lhe importa este rosario? Foi-me dado por uma pobre mulher na hora

da morte, foi a mão tremula de uma mãi quando ia afogar-se que m'o atou ao pescoço... é a historia de uma defunta e de uma condemnada... historia triste como tudo que sahe do captiveiro!.... Foi minha mãi que m'o deu com estas santas palavras. « Por elle terás teu pai. » Ai! minha mãi esquecia-se de minha condição quando sonhava tanta felicidade! Pobre mãi! E depois quanto soffri para desmentir-te!.... Fui para o Rio de Janeiro, onde meu senhor vendeu-me ao Sr. Silverio. « Compre-a, disse então, já não tem mãi, quanto ao pai é um escravo de Minas, que ella nunca poderá encontrar. » Eu era muito pequena, porém bem me lembro que continuou contando-lhe uma historia ao ouvido... devia ser bem horrivel, porque ambos esses homens riam-se.... E eu... eu apertava chorando o meu rosario de prata contra o peito, e chamava baixinho por meu pai! Depois passaram-se annos, cresci na miseria, fiz-me moça na desgraça... Um dia o Sr. Silverio disse-me: — Queres teu pai? Eu não tive que responder-lhe, abracei-me, chorando, aos seus joelhos. Elle entendeu-me e riu-se. « Pois então ouve bem, Carlota, tu és uma moça livre, honesta, que vai ser aia da mais linda senhora de Minas. » Eu beijei-lhe os pés, mas ouvio-o continuar n'uma gargalhada: « Teu officio ali será apenas de denunciar. » Eu estaquei de horror. Até então tinha os vicios de minha casta, mas nenhuma infamia da alma. Elle voltou as costas: « já vejo que não queres teu pai! »

Luiz: — Ah!» E teu pai? teu pai por quem chamavas ha pouco?

Carlota: — Oh! elle não virá!... Debalde eu

fiz-me infame, falsa, traiçoeira e indigna para encontral-o! Vê todas estas victimas (*aponta a casa*), eu as immolei, porque ia agora conhecer meu pai!

Luiz (*ancioso*): — Carlota! Carlota! como se chamava tua mãi?

Carlota: — Cora. Mas, por que me interroga tanto, Sr. Luiz?

Luiz (*desvairado*): — Pois ainda não entendeste, Carlota? Não sabes por acaso o nome de teu pai?

Carlota: — Luiz.

Luiz: — É o meu nome, Carlota, eu sou teu pai, minha filha!...

Carlota (*atirando-se a elle*): — Meu pai!....

Luiz: — Minha filha!... (*Ouve-se ao longe o toque de corneta.*) Pára.

Carlota (*solta um grito e cahe nos braços de Luiz*): — Ah!

Luiz (*sustentando-se e erguendo uma faca*): — Venham arrancar os cachorrinhos ao tigre!...

SCENA XIV

OS MESMOS e CLAUDIO

Claudio: — Meus amigos, a trombeta de Josaphat nos evoca ao festim da liberdade! As taças estão promptas, o vinho nos espera! É o banquete da morte, meus senhores; nós somos como os escravos gaulezes, amanhã o circo, hoje o falerno!...

TIRADENTES : — Sim, meus irmãos! e que o brinde dos martyres moribundos da terra soberba da America levante-se ao céo com o som da trombeta dos tyranos estrangeiros! O futuro os escutará ambos.... E agora um ultimo abraço ao irmão que parte, um aperto de mão aos companheiros que ficam. Bom dia aos viajantes da morte, boa noite ao peregrino da vida.

GONZAGA : — Meus amigos, adeus!... um ultimo abraço... venham que pela ultima vez quero sentir o coração de cada um destes bravos bater sobre o meu. (*Um dos conspirados vai abraçal-o.*)

O CONSPIRADO : — Falla de mim a meus filhos.

GONZAGA : —Sim, eu lhes direi que são os descendentes de um heróe.

ALVARENGA : — Consola minha pobre mãi. Diz-lhe que lá em cima Deus nos espera.

GONZAGA : — Oh! Alvarenga, meu amigo, meu companheiro! Eu te chamava primo, és agora meu irmão. Ella terá outro filho em mim. Adeus! (*A Claudio.*) E tu, Claudio, meu Glauceste, vem cá... não queres alguma cousa para a vida? não queres abraçar teu amigo?

CLAUDIO :— Meu irmão!. meu irmão! Diz a ella que receba os ultimos versos do moribundo.... Adeus!

TIRADENTES (*muito commovido*) : — Adeus! (*Enxuga os olhos.*) Diz ao povo que eu morri.

GONZAGA : —Oh! teu tumulo será seu coração. Adeus! adeus, meus amigos! (*Vai a sahir.*)

LUIZ (*deixando Carlota*) : — E eu, meu se-

nhor moço, e o pobre negro que o carregou em criança, que lhe deve sua liberdade e sua vida, e os poucos momentos de felicidade que teve sua pobre mulher, não poderá ao menos beijar-lhe a mão?

CARLOTA (*que tem escutado*) : — Ah! comprehendo agora. Minha mãi fallava sempre de uma criança que tinha sido o seu anjo. É elle.... e a filha de minha mãi é quem o mata?... Não, não será assim.

GONZAGA : — Luiz, dá-me um abraço, meu velho. (*Abraçam-se.*)

LUIZ : — Vá, meu senhor, e Deus o acompanhe.

CARLOTA (*a Gonzaga, e Luiz que estão abraçados.*) : — Um momento. Esta mascara não basta. Tome este rosario, senhor, e apresente-o ao Sr. tenente-coronel, que só assim passará!.... do contrario está perdido. Vá por ali. Foi a criança que o deu a minha mãi, sua filha vem entregal-o ao homem. (*Dá-lhe o rosario.*) Vá, meu senhor, e perdôe-me.... perdôe á pobre filha de Cora.

GONZAGA (*olha interdicto um momento para ella, depois para o rosario, depois para Luiz*): — Carlota! Ah! pobre Luiz! Deus emfim te escutou!

CARLOTA (*a Maria*): — E Vm., minha senhora, tome sua mascara e fuja. Não leve tão longe o seu heroismo. (*Baixo.*) Eu sei que enganou o Sr. Gonzaga, que disse-lhe que podia sahir, e talvez o possa se o governador ainda não descobriu o laço em que foi preso. Ah! é verdade... vá por aqui. (*Aponta a esquerda.*)

MARIA: — Obrigada, Carlota, eu te agradeço a vida, porque elle está salvo!...

CARLOTA: — E agora, meus senhores, perdõem-me, perdõem-me, porque eu vou morrer; meu pai, abra-me seus braços, porque eu vou viver.

GONZAGA: — Oh! nós te perdoamos, porque tu foste escrava...

MARIA: — Eu te perdôo, porque tu amaste muito.

GONZAGA (*olha um momento interdicto o grupo de Carlota e Luiz, depois o dos conspiradores na varanda; faz dous passos para estes, depois para aquelles*): — Meus amigos, adeus... a gloria vos prende ali, a honra me arrasta além! Adeus!... até o cadafalso ou até á gloria! (*Todos acenam-lhe com o lenço. — Elle sahe precipitadamente pelo fundo. — Maria acompanha as palavras de Gonzaga e sahe pela esquerda.*)

SCENA XV

OS MESMOS menos GONZAGA e MARIA

(*Ouve-se mais proximo o toque das cornetas*)

TIRADENTES: — É o rebate da gloria, meus amigos!

CLAUDIO: — É a alvorada da eternidade!

LUIZ: — É o dobre de tua morte, minha filha!

CARLOTA: — É o perdão de meus crimes, meu pai!

Luiz (*aperta o coração desesperado, depois olhando o céo*): — É a vida que foge, mas é a honra que vem.

Claudio: — Todos ao banquete da morte, revolucionarios!

Tiradentes: — Ao pedestal da liberdade, brazileiros. (*Todos vão entrando.*)

Luiz: — E nós tambem somos brazileiros, e nós tambem somos revolucionarios, e nós tambem somos martyres! Carlota, ao banquete da morte! porque o sangue dos escravos dos homens é irmão do sangue dos escravos dos povos, ambos cahem na face dos algozes, ambos clamam vingança ao braço do futuro. (*Todos sahem.*)

SCENA XVI

SILVERIO, depois o GOVERNADOR

Silverio (*vem do fundo*): — As onças estão na toca. (*Aponta a casa.*) As matilhas estão na pista. (*Aponta ao fundo.*) É a hora dos caçadores de homens.

O governador: — É a hora das aves de rapina. (*A Silverio.*) Elle é meu, Silverio, e agora não me escapará. Oh! eu morria de impaciencia; meu coração saltava-me no peito como uma féra na jaula. Pobre amigo! elle tinha fome e sentia o cheiro da presa que tardava muito.

Silverio: — Era preciso esperar Carlota, e apenas ella fallou ao tenente-coronel marchámos logo. Quando ella sahiu por ali nós entrámos por cá. (*Aponta o fundo á direita, depois o fundo á esquerda.*)

O GOVERNADOR: — Mentes! ella acaba de sahir pela mata.

SCENA XVII

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA (*abrindo precipitadamente a porta*): — Mentem ambos, senhores, Carlota está aqui.

O GOVERNADOR: — Carlota?!...

SILVERIO: — Carlota?!...

O GOVERNADOR: — Então a quem deixei eu escapar?

CARLOTA: — A D. Maria, Sr. governador.

SILVERIO: — E quem fugiu por ali?

CARLOTA: — Gonzaga, Sr. Silverio.

O GOVERNADOR (*a Silverio*): — Eu pensei que tu eras o mais indigno dos homens, conheço agora que és o mais estupido dos malvados. Tu m'o fizeste perder, porém estás tambem perdido.

SILVERIO: — Senhor!...

O GOVERNADOR: — Cale-se! (*Dirige-se para o fundo.*)

SILVERIO (*a Carlota*): — Ouviste, Carlota, eu estou perdido; é a tua condemnação que escutaste. Lembras-te do que eu te disse um dia? Quando cahir da graça do governador, esta cabeça te cahirá dos hombros, sem que tenhas ao menos conhecido teu pai!

CARLOTA: — Engana-se, senhor, eu acabo de receber seu perdão e sua benção.

SILVERIO: — Pois bem: agora é que serás... deshonrada!... Ah! tu o conheces?!... tanto melhor. Eu quero que vivas... É verdade, tu tens um namorado... queres te casar... depois, encontraste teu pai que procuravas ha tanto tempo... Tens razão!... Como será lindo, Carlota! Feliz!... com seu velho pai para amparar uma porção de filhinhos nos joelhos!... (*rindo*) e uma porção de maridos nas senzalas!... Oh! será soberbo! é um quadro patriarchal!...

CARLOTA: — Ah!

SILVERIO (*chamando para o fundo*): — Paulo! Paulo!

SCENA XVIII

OS MESMOS e UM NEGRO que apparece ao fundo

SILVERIO: — Paulo, vês esta mulher? É tua. Leva-a para tua esposa.

CARLOTA: — Não, eu irei mais longe... Meu pai! meu pai!... tua filha não prostituirá a boca que tu purificaste. (*Sahe com Paulo.*)

SILVERIO: — Vinguei-me, mas estou perdido!

SCENA XIX

O GOVERNADOR, SILVERIO, depois todos os CONSPIRADORES e os SOLDADOS ao fundo

SILVERIO (*vai rapidamente á casa, batendo á porta*): — Senhores, em nome de Sua Magestade a Rainha, estais presos. (*Abrem-se todas as portas com estrondo. Varios pagens seguram archotes; os conspirados entram todos lenta e solemnemente.*)

TODOS

Agora é que somos livres. (*Vão passando diante de Silverio, que se encosta a uma das columnas. Ouve-se ao longe o canto da escrava durante a scena que se segue.*)

Eu sou a pobre captiva,
A captiva de além mar,
Eu vago em terra estrangeira,
Ninguem me quer escutar.

Tu que vais a longes terras,
O' viajeira andorinha,
Vai dizer a minha mãi
Que eu vivo triste e sósinha.

Mas diz á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar,
Quando eu morrer nesta terra,
Para as terras de além mar.

CLAUDIO (*a Silverio*): — Retirem isto d'aqui... Não vêem que queremos passar? Sr. governador! é máo expor homens de bem a roçarem por cousas tão vis!...

SILVERIO: — Ah! o senhor me insulta?! Pois bem; tire desta espada. (*Puxa a espada.*)

ALVARENGA: — Criados! tragam chicotes para um duelo com este homem.

CLAUDIO: — Não, são rapazes honestos... não exponham os chicotes a mancharem-se nesta espada.

SILVERIO: — Desgraçados! (*Caminha para a esquerda.*) Sr. governador, estes homens me insultam! V. Ex. vê... Vingue-me de meus inimigos.

O GOVERNADOR: — E tu me vingaste do meu?

SILVERIO: — Eu vingal-o-hei, senhor.

O GOVERNADOR: — Então eu te ouvirei, agora estou surdo.

SILVERIO: — Oh! (*Recúa horrorisado para o lado direito, onde fica aniquilado.*)

UM CONSPIRADO (*passando pela frente de Silverio, que estremece*): — Brazileiro, tu atraiçoaste tua patria.

ALVARENGA: — Homem, tu immolaste nossas familias.

PADRE CARLOS: — Judas, que é feito de teu mestre? Tu tens os trinta dinheiros na mão.

CLAUDIO: — Caim, limpa o sangue de tua dextra.

SILVERIO: — Ainda não basta? ainda não terminaram? (*A Tiradentes*): — Sim, agora o senhor insulte-me tambem, lance tambem a sua pedra... Vamos... (*Tiradentes mede-o de alto abaixo e passa.*) Ah! despreza-me?!... é o ultimo insulto. (*Voltando-se para Luiz*): — Vem tu agora, Luiz; vem tu tambem, negro vem tu tambem, escravo, vem tu tambem, pae de Carlota!...

LUIZ: — Não manche segunda vez o nome de minha filha!... (*Ouve-se um grito ao longe.*) Que grito é este? quem soltou este grito? (*A Silverio.*) Falle miseravel, falle.

SILVERIO: — Ah! ah! ah! Eu não posso dizer, Luiz, eu não quero deshonrar este nome... bem vês que é impossivel... Ah! ah! ah!

LUIZ: — É minha filha que o senhor mandou matar?... Jure neste instante a verdade... se não quer que eu o esmague como um reptil.

SILVERIO: — Emfim, já que o exige... Eu juro, sim, por Deus ou pelo diabo, que não mandei matar tua filha; pelo contrario, eu quero-a viva, muito viva... Oh! não sabes quanto eu daria para que ninguem lhe tocasse sequer n'um cabello!... Eu quero-a bella, com alma pura para pensar, com coração para sentir. Estupida presa é um cadaver! a sussuarana bebe o sangue quente... eu quero as dores requintadas.

LUIZ: — Miseravel! O que me passou agora na cabeça é horrivel! Qual é a sorte a que destinas minha filha? Falla... arranca essa idéa que me morde o cerebro...

SILVERIO (*lento*): — Eu destino-lhe o logar de esposa de todos os meus escravos. (*Luiz vai a atirar-se a elle.*)

SCENA XX

OS MESMOS, PAULO e CARLOTA

(*Paulo entra rapidamente, trazendo ás costas Carlota morta, com os vestidos em desordem e a testa cheia de sangue.*)

TODOS: — Carlota!

LUIZ (*Desvairado, tomando-a nos braços*): — Minha filha! minha filha!... Tu te suicidaste, estás morta... já não ouves!... (*Todos rodeiam-n'o*

á boca da scena.) Carlota! tu eras uma escrava! Carlota! tu eras uma mulher! Carlota! tu eras uma virgem! Deus te escolheu para a primeira victima! Pois bem; que o teu sangue puro, cahindo na face do futuro, lembre-lhe o nome dos primeiros martyres do Brazil.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

Agonia e Gloria

(O theatro representa uma sala da prisão da ilha das Cobras. Quatro portas lateraes com reposteircs. Ao fundo tres grandes arcos fechados com reposteiros pretos, que a seu tempo se abrem deixando ver ao longe o mar e um barco.)

SCENA I

GONZAGA (*só*): — Prisioneiro de estado!... Eis o que eu sou!... condemnado á morte!... eis o que serei... Hoje a masmorra — amanhã a cova... Dilemma terrivel! — Uma boca de pedra que tem fome de um cadaver — Uma boca de granito que tem fome de uma alma! Oh! mil vezes a cova!... Ella é fria, negra, solitaria, immunda... mas o defunto é mais frio, mais negro, mais immundo... É um par igual — uma pedra e um osso. Mas a prisão?!... — Deus fez a cova — o homem fez a masmorra! É uma cousa que vos esmaga, vos ouve, vos vê; sem vos apertar, sem vos escutar, sem vos olhar. É a immobilidade, é o frio, é a estupidez, é a morte abraçando, rodeando, aniquilando a actividade, o fogo e a

vida... Dir-se-hia que o homem é uma mosca dourada debatendo-se na garganta de um sapo morto!!... Olha-se — é a cegueira! canta-se — é a surdez! Grita-se — apenas algum morcego vôa como uma idéa negra pela fronte da abobada! Chora-se — e a lagrima transforma-se em lodo no chão. Então um pensamento estranho, mão frio... uma duvida visionaria, mas terrivel, passa pela cabeça do homem, que diz com um riso de louco: « Quem sabe se eu já morri?!... » mas, para convencer-se, faz tremendo alguns passos — nada ouve... o chão é humido... Espantado encosta-se á parede — ella é gelada, mas seu peito ainda é mais... « Eu estou tão frio como um defunto », murmura passando a mão pelo rosto — o que elle toca é uma caveira... « Ah! » clama o desgraçado, e cahe sobre a lagea mais estupido que ella... Então escuta... escuta... escuta!... Começa a ouvir um ruido surdo em seu peito, e uma cousa que se agita lentamente em seu cerebro... — É o verme que róe aqui (*leva a mão ao coração*), é a larva que morde cá! (*leva a mão á cabeça.*) Sim, desgraçado! É o desespero que se apascenta no coração, é a loucura que mastiga o cerebro, é a alma que apodrece... Desesperar! enlouquecer! apodrecer! eis meu destino. Oh! é horrivel! É o pesadelo do cataleptico... Lá fóra está a vida — um punhado de homens que rasgam, rindo, minha mortalha, que preparam os cyrios de minha agonia, as tochas de meu sahimento. E eu os escuto... quero gritar! mas parece que a voz não sahe da garganta. — Elles continuam a fallar pacificamente... Cá dentro um outro dialogo ainda mais sombrio — « Eu tenho frio, diz a pedra — Eu tenho fome, diz a terra —

Esperemos, elle nos virá aquecer e saciar! »
E eu, que os escuto, quero fugir; mas a immobilidade me agarra, emquanto ellas continuam a conversar na sombra!... Ah! eu não tenho medo de morrer!... mas não aqui — sentindo a escuridão e o silencio em torno de mim... e sobre minha cabeça este outro fantasma ainda mais negro — o esquecimento!... Não, eu não sou o reptil que morre no charco, nem o fogo fatuo que se extingue no pantano... Eu quero a praça, o povo que turbilhona, a acha que scintila, o sol que resplandece... Eu quero tambem o meu cortejo, o cortejo da minha realeza de martyr... Lá, sim, eu quero morrer!...

SCENA II

GONZAGA e LUIZ

(*Percebem-se um instante os soldados que o trazem pela E. A.*)

Luiz: — E sua pobre patria, e sua noiva?

Gonzaga (*estremece*): — Ah! és tu, meu velho prisioneiro?...

Luiz: — Eu mesmo que ainda ha pouco rocei por Vm. no corredor dos segredos.

Gonzaga: — É verdade. Creio que será hoje o terceiro interrogatorio. Desde pela manhã concederam-me que viesse para a sala da audiencia... E a ti tambem?

Luiz: — A mim não concederam... ordenaram... O caso é simples. Trata-se de um destes reposteiros falsos, de uma destas portas masca-

radas, que são outras tantas armadilhas n'uma prisão de estado.....Oh! aqui não escapa um meio de serprender o pensamento de um preso.... mas como o trabalho pedia mão de artista, empregam-me n'elle; no mais deixam-me trabalhar ali! *(aponta a porta da E. B.)* dia e noite: certos que a sentinella não me deixará fugir, e de que aquella porta esconde, mas não deixa escapar.... Oh! é felizmente um meio que tenho de encurtar estes longos dias de prisão....

Gonzaga: — Sim! porque estes miseraveis vão lento... lento como a maré que sobe em torno de um homem atado.

Luiz: — Mas isto acabará.

Gonzaga: — Por matar-me.

Luiz: — Não, por livral-o. Vm. está, ha quasi um anno, preso, encerrado nestes negros segredos da — ilha das Cobras.

Gonzaga: — E então?

Luiz: — O processo não póde continuar.

Gonzaga: — Enganas-te: ainda não vieram as declarações que o juiz exigiu de Minas.

Luiz: — É verdade... isto é que demora; mas como foi este miseravel Basilio de Brito que o denunciou, sendo seu inimigo, o juiz desembargador Torres vai em falta de provas dar talvez por nullo o processo.

Gonzaga: — É bem difficil... Entretanto eu estou preso, só, abandonado... Passo os dias a escutar as lagrimas que cahem do tecto da masmorra... as noites a escutar de horas em horas o grito monotono da sentinella, que brada «alerta!...» Eu me sinto envelhecer, sinto que o meu

corpo perde as forças, e restam-me bem poucas esperanças... Oh! se ella viesse... talvez eu renascesse... Escuta, Luiz. Tu me vês bem triste e queres consolar-me, não é verdade?... Pois falla-me della... Se soubesses ha quanto tempo não recebo uma palavra, uma letra!... Cada manhã eu me levanto e digo, sorrindo « hoje », cada tarde eu me deito e murmuro chorando « amanhã ». Entretanto se ella soubesse que eu vou morrer, talvez viesse!... Luiz, deixa-me escrever-lhe... Talvez possas enviar-lhe esta carta... é a ultima... a derradeira esperança... o extremo clarão de minha vida que se apaga. (*Escreve rapidamente sobre a mesa.*)

Luiz (*á boca da scena*): — Quem sabe, é talvez ainda um desengano. D. Maria é uma mulher, seu tio um inimigo, o governador um homem terrivel, Silverio um infame. A luta é desigual... Ella que já não escreve é porque enxugou as lagrimas... Mas, não; seria melhor abafar-lhe o ultimo sopro da vida! Póde-se assassinar um homem; mas um moribundo... O diabo se em tal pensasse choraria.

Gonzaga (*lendo*)

Já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa:
Este mesmo que alveja vai cahindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza de meus olhos;
Tudo se vai mudando.

No calmoso verão as plantas seccam,
Na primavera que os mortaes encanta;
Apenas cahe do céo o doce orvalho
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece,
Mas logo que a doença faz seu termo
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me que doente, ou qual a planta
No meio da desgraça que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos,
Aos mesmos astros — luz, e vida ás flores,
Que effeito não farão quem por elles
Sempre morreu de amores?...

Luiz *(que se tem aproximado commovido, pegando-lhe nas mãos)*: — Meu senhor, ella virá.

Gonzaga: — Tu o crês? *(Ouve-se em distancia um grito d'armas).*

Luiz *(indo precipitadamente a E. A.)*: — Senhores soldados, que ruido é este? Os juizes não tem grito d'armas.

Uma voz *(dentro)*: — É o Sr. governador que chega.

Gonzaga: — O governador! Emfim eu o encontro. *(Procura na cinta a espada)*: — Ah! estou desarmado, não tenho mais espada, é o mesmo, a espada é para os homens... para os lacaios basta uma outra arma!

Luiz: — Não, meu senhor, é preciso que pise primeiro neste pobre velho, no coração de sua terra, no seio de sua pobre noiva.

Gonzaga: — Minha patria! Maria! Ah! *(indo ao fundo)*: Sr. carcereiro, os juizes ainda não vieram, conduza-me á prisão... Luiz... tu tens razão... Visconde de Barbacena, pódes entrar. Estou

peado... ha entre mim e ti o nome de uma mulher, é um abysmo que eu não salto... amanhã haverá apenas entre minha mão e o teu rosto um passo... *(Sahe precipitadamente pela E. A.)*

LUIZ: — Quanto a mim, não. Dous malvados que fallam, são duas cobras que geram. Occultemo-nos. *(Sahe pela E. B.)*

SCENA III

O GOVERNADOR e SILVERIO

SILVERIO: — Creio que estamos sós. Lá vão os prisioneiros. Ainda bem.

O GOVERNADOR: — Queres saber, Silverio, tu me fazes horror...

SILVERIO: — Senhor! Eu não faço mais que adivinhar-lhe os pensamentos. V. Ex. é a cabeça eu sou o braço...

O GOVERNADOR: — Um braço que agarra pelos cabellos e me impelle para o crime.

SILVERIO: — Mas, senhor, o que tenho eu feito?

O GOVERNADOR: — Como és innocente!... Tu me perguntas. Quem prometteu um dia entregar-me Maria?

SILVERIO: — Eu! mas V. Ex. amava-a. E quando um homem como o Sr. visconde ama, possue. Bem vê que ahi estava a cabeça, aqui o braço...

O GOVERNADOR: — Sim! tu sabes ligar-me a todos os teus crimes. Tu me sopras todos os pen-

samentos máos, tu me apontas o abysmo... e quando eu sou presa da vertigem, da raiva e do ciume. Dizer-se: « V. Ex., que tem este humilde servo ás suas ordens. » Ah! servo do diabo... Dir-se-hia uma sucuruyuba que arrasta um touro para o rio... e que lhe diz, rindo: « senhor, se quer ter a bondade de afogar-se, eu o carregarei. » Miseravel!... Diz-me agora, quem urdiu esta calumnia infame? Quem disse ao tio de Maria que Gonzaga pedira sua cabeça? Quem foi?

SILVERIO: — Mas, senhor, creio que V. Ex...

O GOVERNADOR: — Eu?

SILVERIO: — Entendamo-nos. Gonzaga era um revolucionario... ao passo que o tenente-coronel um dedicado subdito de Sua Magestade. V. Ex. disse um dia: « A revolução quer a cabeça dos vassalos de Portugal. » — Eu repeti: « Gonzaga quer a cabeça do Sr. Carlos. » É ser logico. A minha proposição contém-se na de V. Ex., que me desculpará não aceitar glorias que me não pertencem...

O GOVERNADOR: — E quem forjou a denuncia de Basilio de Brito, que por si só não tel-a-hia feito? Fui tambem eu?

SILVERIO: — V. Ex. pediu-me que o vingasse. Eu o vinguei.

O GOVERNADOR: — Silverio! Tu accendes em mim um amor criminoso, como o incendiario. Tu cortas o destino de uma pobre moça como o ceifador. Tu decepas as cabeças de teus irmãos como um carrasco e ris sobre todos estes destinos mutilados como o genio do mal. E dizes que és meu instrumento. Não, tu és o braço do inferno... se não és o proprio Diabo!...

SILVERIO (*aparte*): — Comedia! comedia! comedia! Este homem será sempre um máo actor. Mistura Satanaz com Christo e não sabe ser bom, da mesma sorte que não presta para máo. Digo-lhe vingança, grita — remorso!... se eu lhe fallo em perdão clama — exterminio. Vejamos (*ao governador.*) É verdade, Sr. governador, agora reflicto e tenho pena do que hei feito... felizmente ainda é tempo de arrependermo-nos. V. Ex. sustará a correspondencia secreta que têm com a côrte de Lisboa, na qual pede a perseguição dos criminosos e a morte de todos... Eis uma acção brilhante pela qual começaremos a expiação.

O GOVERNADOR: —Na verdade, é bem possivel!

SILVERIO: — Não basta... É preciso ainda que o desembargador Torres continue a ser juiz neste processo, é um homem severo, mas que não condemnará sem provas... ao passo que o conselheiro Vasconcellos Coutinho morre por uma condemnação e condecora-se com o sangue de um réo... É um homem malvado, artificioso, terrivel e de mais, amigo intimo de V. Ex. Oh! se elle viesse preencher o logar que o Sr. visconde lhe destinava, os conspiradores estariam de certo perdidos. É uma bella continuação do nosso arrependimento. Este homem não virá, não é assim, Sr. visconde?

O GOVERNADOR: — Talvez!

SILVERIO: — Quanto ás declarações que o advogado exigiu de V. Ex.ª e do Sr. intendente de Minas... favoraveis como devem ser, darão a liberdade immediatamente ao Sr. Gonzaga...

O GOVERNADOR: — (*rapido*): — E depois?

SILVERIO: —Depois?... Depois nada... Perdão!

Depois teremos a consciencia calma e pura que nos abençôe... a gloria de ver as vidas que salvamos — a felicidade de olhar a alegria dos outros... dos outros... e mais tarde... e pouco mais tarde a recompensa de Deus. Ah! tem razão! Sr. governador! Já estou cheio de prazer, mas de um prazer celeste... Este pobre Gonzaga que soffre, que está quasi moribundo... voltará á vida... será feliz... E Maria, e Maria que está pallida como uma estatua!...

O GOVERNADOR: — Viste-a? Falla! Viste-a?

SILVERIO: — Via-a ainda ha pouco quando levei-lhe esta maldita carta de V. Ex.ª Quando encarou-me, estremeceu... Oh! como era bella... pallida como uma virgem druidica na hora do sacrificio... com os olhos alumiados de um fogo tremulo como o das estrellas, com a boca palpitante de commoção, como uma folha pesada de orvalhos... ella leu esta carta, ou antes, devorou-a. Estava arrebatadora de paixão e de amor, mas quando terminou a leitura, levantou-se de subito... Nunca acreditei em prodigios... mas ao vel-a... altiva, soberba, atirar com um gesto sublime os cabellos negros para as costas e dizer com uma voz argentina e vibrante: « Diga que eu irei », pareceu-me que não escutava uma mulher... Era o anjo da paixão e da belleza deslumbrante na hora de um sacrificio divino...

O GOVERNADOR: — Oh! falla-me, falla-me de Maria...

SILVERIO: — É fallar de uma santa... Feliz o homem que estremecer, apertando aquella mãosinha á sombra de uma murta, que desmaiar de amor nos raios daquelles olhos, que roçar de

leve com um beijo tremulo aquella boca perfumada e linda, que suspirar pelas noites de luar no tremor daqueles seios e mergulhar na sombra daquelles cabellos negros. Oh! bem feliz! Que harmonia não terá uma palavra de amor que ella suspire... um gemido de languidez que ella soluce... os dous amantes passeiarão com as mãos enlaçadas pelos campos e se enlaçarão sobre a gramma cheirosa dos outeiros... Oh! é um amor do céo que os anjos invejarão.

O GOVERNADOR (*apaixonado*): — Que Deus mesmo invejará...

SILVERIO: — E os homens e os anjos e Deus invejarão a Gonzaga...

O GOVERNADOR (*ergue-se de repente levando a mão ao coração*: — Tu me mordeste... no coração, Silverio. Silverio! eu quero esta mulher. Ninguem lhe tocará sequer na sombra, eu a quero para mim só. Que me importa o inferno e o crime?... Eu sou um condemnado... mas eu levantal-a-hei mais orgulhoso nos meus braços do que Deus levanta a sua corôa deslumbrante... Ah! tu fazes de mim Tantalo... é preciso que me mates a fome... Ouves bem? Obedece ou escolhe!... se ella não for minha, tu serás da forca, mas se m'a deres eu serei teu.

SILVERIO (*humilde*): — Senhor, V. Ex.ª é a cabeça, eu sou o braço.

SCENA IV

MARIA, O GOVERNADOR e SILVERIO

MARIA : — Sr. governador, eu disse que vinha... Aqui estou.

O governador: — Minha senhora! eu não contava com tanta pontualidade.

Silverio (*ao governador*): — Eu contava, porque ella ama aquelle homem.

O governador (*a Silverio*): — Tu és o demonio. Vai-te.

Silverio: — Minha senhora, creio que o tio de V. Ex.ª não chegará tão cedo... entretanto, logo que o faça virei prevenil-a.

Maria: — Obrigada.

Silverio (*ao governador*): — Lembre-se do que me disse: *se ella* não for minha, tu serás da forca; mas se m'a deres, eu serei teu. (*Sahe.*)

SCENA V

O GOVERNADOR e MARIA

O governador: — Senhora, eu afastei um instante o meu ajudante de ordens, para dizer-lhe uma palavra.

Maria: — Eu o escuto.

O governador (*vai ao fundo, e depois volta rapidamente*): — Recebeu minha carta? Leu, pesou cada uma d'aquellas palavras? Sentiu, senhora, tudo quanto ha alli de fatal, calculou que um homem póde fazer o sacrificio da sua vida, mas nunca o da felicidade? E que eu que a tenho nas mãos, não deixal-a-hei fugir? Diga, Maria, o que resolveu? Eu espero como um condemnado a minha salvação ou a minha morte.

Maria: — O senhor me pergunta se li sua carta?.... Li-a, senhor, e ainda trago-a aqui. (*Tira*

um papel do seio.) Vi o pacto infame que me propõe, o crime sobre o qual pretende levantar o seu leito de nupcias, a traição com que quer coroar a cabeça de sua noiva.... Li sua carta, Sr. visconde!... Li sua carta, miseravel.

O Governador:—Senhora! Já não é a primeira vez que me insulta, mas será a ultima.

Maria: — Perdão, senhor... ha em qualquer canto da terra um cepo em que uma mulher possa vender seu corpo... mas a entrega de uma alma, precisa de toda a largura do céo para balcão, e só Deus é o mercado...

O governador: — E então?

Maria:—Então?....Eu quero ainda escutal-o... creio que me fallou do seu poder.... na... morte de Gonzaga... Mas, ainda duvido de tudo isto.... Duvido, sim! porque creio em Deus.

O governador: — E não acredita no demonio?

Maria: — Eu o conheci, senhor.

O governador: — Para nossa desgraça.... Porque a senhora é hoje uma condemnada, inda que do céo; esse homem um condemnado da terra, e eu um condemnado do inferno... Todos tres desgraçados, mas sómente eu reprobo maldito!!! Sim! porque eu o sou... Se o não fosse!... mas seria o mesmo. Ah! como tudo isto fez-se horrivel!... Tu seguias risonha pelo trilho do céo, mas tropeçaste n'uma pedra e sangram teus joelhos pisados!... Eu caminhava calmo é beira de um precipicio, mas ferido de uma aza luminosa rolei no abysmo. Oh! Maria, a aza que me enleiou foi a ponta diaphana do teu vestido, a

pedra em que tropeçaste foi o meu coração... Não amaldiçôes a pedra, como eu não amaldiçôo a aza!... Maldito seja quem me lançou no teu caminho... maldito! (*Passeia um instante agitado.*) Entretanto eu te encontrei... Dizer-te que te amei seria pouco... Desde este momento acreditei que o que havia de mais luminoso na vida era a propria sombra do teu corpo... Entretanto a mariposa ainda lutou contra a attracção da lampada — fugiu... Oh! nunca saibas a historia desta luta... Era um espectaculo horrivel! Verias, como eu via nas minhas horas de alucinação, um covil escuro... em cujas paredes debatia-se um doudo furioso.—Era a torre e o Conde Ugolino — era meu craneo e minha alma. Um dia não pude mais—Disse-te que te amava. Tu voltaste as costas. O primeiro passo estava dado. O mais era uma gravitação. Eu gravitei, mas na minha queda peguei-me a um panno do teu vestido.... Quando firmei os dentes e as unhas e julguei-me bem firme... ordenei-te que fosses minha... maldição!... tu me tinhas deixado a capa entre os dedos!... e eu ouvia a tua gargalhada crystalina e uma voz que bradava no céo —O anjo queimou as azas do demonio. —Desde este momento começou uma phase terrivel...Era o orgulho ferido, era o coração sangrento... era a vingança, e era o amor.... Eu te amava com toda a tenacidade do odio... com todos os delirios da raiva... Para que dizer-te mais? Eu comecei outra vez o fio roto de minha machinação... bem seguro que desta vez a mosca não fugiria. Tu me venceste ainda uma vez... Ser duas vezes o brinco de uma criança. Pensar, reflectir longas noites, espiar, prever.. longos

dias... prostituir-se, perder-se sempre... por um beijo de mulher e no momento de bradar victoria... sentir-se vencido, ridiculo, pequeno e desprezado... Ah! é horrivel... Mas agora, Maria, tudo está concluido. Tu... ou este homem. Eu quero levantar um leito de esposa ou um patibulo de sentenciado... Ah! eu o tenho aqui nos meus dedos. Queres saber como? Fil-o denunciar. Foi preso. Pedem-me documentos — Eu os nego. Escreve para Lisboa— Eu o desacredito. — Espera no juiz. — Eu o substituo. E um denunciado do crime de alta traição, que não póde allegar uma prova em seu favor, e que tem sobre si o odio de Lisboa, a animosidade de um juiz, e a minha vingança... não póde sustentar por muito tempo a cabeça sobre os hombros... Bem vês, Maria, que desta vez eu venci... Ha destas posições terriveis na vida em que o homem é o naufrago... o braço estendido o salva... o menor impulso o abysma. Senhora, póde estender o braço — do contrario, eu darei o impulso.— Bem vês, Maria, que desta vez venci.

MARIA: — É bem verdade que não ha outro meio de salval-o... Oh! meu Deus... Eu já não tenho minha mãi, eu já não tenho meu pai, eu já não tenho meu noivo!... Todos os meus sonhos, todas as minhas preces, todos os meus anhelos, meus pensamentos, minha vida, morreram. Ah! Gonzaga!... (*Chora um instante, depois com energia.*) Enxuga os olhos, desgraçada! é preciso que tuas palpebras estejam brancas quando tua alma está em sangue... Ri, desgraçada! é preciso que tua bocca ria como teu coração chora... Levanta a cabeça, desgraçada! é preciso que ella supporte o peso da sua corôa de morte,

como o Christo levantou a sua de martyrio... (*Ao governador.*) Sr. governador, eu estou prompta. Quaes são as condições do contrato?

O GOVERNADOR: — Em primeiro logar eu conservarei o juiz.

MARIA: — Não basta.

O GOVERNADOR: — Pedirei á côrte a absolvição dos réos.

MARIA: — Dê-me a sua correspondencia.

O GOVERNADOR (*tira do bolso uns papeis*): — Aqui a tem, minha senhora. Eu estava prevenido para qualquer eventualidade.

MARIA: — Não basta.

O GOVERNADOR: — Finalmente entregarei a V. Ex. as declarações, minha e do Sr. intendente de Minas, com todos os documentos precisos para a soltura de Gonzaga.

MARIA: — Basta. Dê-me estes papeis.

O GOVERNADOR: — Perdôe minha senhora, eu os troco, não os dou.

MARIA: — O que quer dizer, senhor?

O GOVERNADOR: — Quero dizer que V. Ex., logo que tenha estes documentos em seu poder, não aceitará minhas condições. É bem claro...

MARIA: — Diga o que ordena, Sr. governador.

O GOVERNADOR: — Apenas uma garantia. V. Ex. vai escrever-me. Bem sabe que não mostrarei esta carta... Seria vingar-me, porém perder o seu amor.

Maria (*chega-se a uma mesa e escreve n'uma tira de papel, que rasga*): — « Senhor Visconde ». Dicte o resto.

O governador: — « Eu me entrego emfim a V. Ex. Venha (*movimento de Maria*) á meia noite entregar-me a soltura de Gonzaga. Eu o espero anciosa ». Agora tenha a bondade de datar. « Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1791 ».

Maria: — Mas, senhor, estamos a 15...

O governador: — Escreva, minha senhora, eu quero assim.

Maria: — Está escripto...

O governador: — Dê-me esta carta.

Maria: — Perdão, senhor, eu troco, porém não dou-a.

O governador: — É justo. (*Trocam-se os papeis, accionando com a carta.*) Agora, senhora, aquelle homem não poderá ser seu marido.

Maria (*gesto supra*): — Agora, senhor, aquelle homem não poderá ser sua victima!

O governador: — Mas tu serás minha. (*Sahe*).

Maria: — Não, eu não serei tua, visconde de Barbacena. Não, eu não serei tua, Gonzaga!... o meu esposo é outro. (*Leva a mão ao seio.*)

SCENA VI

Luiz (*levantando o reposteiro da esquerda*). — Tu contavas com o segredo, visconde de Barbacena, nós o guardaremos. (*Aponta á esquerda.*) Este homem bate-se, porém não assassina. (*Aponta o fundo.*) Aquella mulher morre, porém não mata.

Contra aquelle tens por escudo a honra de cavalheiro: contra aquella defende-te a sua pureza. O jogo foi bem disposto: o cobarde não se bate em duelo, o vilão não se peia com escrupulos. Mas eu não sou nem cavalheiro, nem dama, sou um negro; quando encontro uma cobra, esmago-a sem me importar se a face é de homem. Inda bem: quando este homem estiver salvo, quando aquella mulher estiver a perder-se, tu toparás n'uma cousa bem insignificante. O que será? Nada, quasi nada. Algum objecto preto como uma pedra, mas duro tambem como ella; será o meu braço e este braço segurará um instrumento branco, porém frio. Oh! tu lhe verás a alvura, tu lhe sentirás a frieza. (*Faz o gesto de tirar uma faca e dirige-se para o fundo, donde volta precipitadamente.*) Ahi vem D. Maria e um carcereiro. Condemnam-me ao socego, entremos na toca. Quando for preciso, eu appareço. (*Sahe pela E. B.*)

SCENA VII

MARIA, UM CARCEREIRO e depois GONZAGA

MARIA (*ao carcereiro*): — Senhor, vá depressa, diga-lhe que alguem o espera ancioso.

O CARCEREIRO: — Neste instante. (*Sahe.*)

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA (*dentro*): — Obrigado, senhor, eu o acompanho.

MARIA: — Ah! é sua voz!...

GONZAGA (*entra vagarosamente, depois fita Maria*): — É impossivel! eu creio que enlouqueci, meu Deus!

MARIA: — Não, não enlouqueceste, sou eu, sou eu mesma... sou eu.

GONZAGA: — Maria!

MARIA: —Gonzaga! (*Atiram-se aos braços um do outro.*)

GONZAGA: — És tu, Maria? És tu, meu Deus! Ah! como estás linda!... mas como estás pallida! Maria, tu soffres? Tu tens soffrido muito, não é verdade? mas eu não o quero... Oh! é máo padecer quando alguem nos ama... E eu te amo... ouves bem? Eu te amo. Ha quanto tempo eu não posso repetir-te estas palavras...! Pouco importa... eu estou pago... Como sou feliz. Acreditas? Eu esperava que viesses, mas parecia-me impossivel. Oh! quando esta idéa descia-me na alma, havia um irradiamento em torno de mim —o criminoso sentia-se purificado por teu olhar, o moribundo voltava á vida n'um teu riso... o covil transformava-se no céo... Ah! tu não sabes o que é ser preso... um dia eu t'o contarei, temos muito tempo. Porém olha-me um pouco, eu quero sentir teu olhar, — falla... eu quero escutar tua voz...

MARIA: — Ah! meu amigo, como estás mudado! Elles te matavam. Não é assim?

GONZAGA: — Não, elles deixavam-me sem ver-te.

MARIA: — Ah! era pois por mim que tu morrias... (*Á parte.*) E eu que ainda duvidava em vir, (*Alto.*) Perdôa, eu não sabia... Não me

julgues má... Eu t'o repito... eu não sabia... por que se eu o tivesse imaginado um só momento, teria saltado mesmo sobre o cadaver de minha mãi para vir morrer-te aos pés...

GONZAGA : — Pois não fallemos mais disto... Quando se caminha para o céo, não se olha para a terra... Quando eu te vejo estou face á face com Deus e o pobre condemnado de joelhos no chão está mais em pé do que o tyrano no throno. Desde que eu te vejo, Maria, não sou mais prisioneiro.

MARIA : — E tu já não o és... (*Tira do seio uns papeis dos quaes um cahe no chão.*)

GONZAGA : — O que é isto, Maria? O que é que me dás?

MARIA : — Tua liberdade.

GONZAGA (*lê os papeis rapidamente; depois, severo*) : — Maria, ser preso é horrivel, ser deshonrado é peior. Um braço na calceta póde ser virtuoso, uma alma na galé é immunda... Maria, eu não sou mais que um desgraçado, não faças de mim um miseravel. Que me importa a liberdade? Deixa-me encerrar meu brio em quatro paredes, não queiras, que passeie a minha ignominia por toda a parte.

MARIA : — Não, tu não tens razão. Não, tu não pediste nada. Estes papeis foram exigidos pela justiça. Ella precisava esclarecer tudo isto. É antes um triumpho!... Não me acreditas?... O visconde não t'os deu... arrancaram-lh'os... Pois tu não me acreditas? Eu te juro que não haverá nem uma nodoa de deshonra sobre teu nome, nem tambem sobre o meu. (*Áparte.*) Eu o juro.

GONZAGA: — Bem, obrigado, Maria! Agora eu posso tocar nestes papeis... tu me disseste. E os anjos não mentem. Oh! meu Deus! não ha pois mais desgraça alguma em torno de minha cabeça. Eu estou livre, eu te possuo. Parece que a infelicidade cavou-me na alma um abysmo bem profundo para que possa conter tanta felicidade. Maria, como eu sou feliz... como nós seremos felizes. (*Deixa cahir os papeis que se confundem com a carta que está no chão.*)

MARIA (*ironica*): — Como nós seremos felizes...

GONZAGA: — É pois uma realidade tudo que eu sonhei... verei de novo a minha herdade, conversaremos á sesta á sombra das palmeiras, fallaremos baixo sob as casuarinas escutando o sussurro do vento da tardinha! daquella casinha levantada no tombo da ladeira como um ninho de passaros nos ramos, com sua colina suave como um colo de mulher; e abaixo um cannavial immenso, verde e dourado como um mar de esmeraldas, e longe... ao longe aquelle horizonte de montanhas onde os crepusculos talhavam-se n'um céo de sangue. Lembras-te?

MARIA: — Lembras-te dos coqueiros da fonte onde nós escutavamos o chocalhar da cachoeira? Foi ahi...

GONZAGA: — Oh! foi ahi, que, pela primeira vez tu me disseste, timida como uma criminosa, corada pela aurora do amor que te subia do coração, estas palavras: — Eu te amo — Oh! se lembro. Era quasi noite.... A estrella dos amores... espiava do fundo de um céo de opala... ao longe ouvia-se a *tyrana* de um violeiro das mattas... e

as flores do sertão abriam os thuribulos perfumosos... Oh! mas a estrella que mais brilhava era o teu olhar a mirar-se na lagôa azul de minha alma, e as flores mais balsamicas eram a tua boca, donde pendia, tremula, uma gota de orvalho — o amor... Lembras-te, Maria, Lembras-te?...

MARIA: — Lembras-te daquelle pequeno valle onde eu te dava a mão para não pisares nas flores, lembras-te daquelle monte escalvado que eu subia presa no teu braço para não pisar nas pedras?...

GONZAGA: — E a janella do teu quarto... que eu via de longe iluminada nas noites escuras como uma estrella perdida no horizonte? Era ahi que ao romper da aurora tu apparecias-me bella, com os cabellos soltos no desalinho de um anjo sorprendido pela alvorada que acorda espantada nas nuvens.

MARIA: — E tu então repetias baixinho:

A porta abria
Inda esfregando
Os olhos bellos
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos.
Ah! que assim mesmo,
Sem compostura,
É mais formosa
Que a estrella d'alva
Que a branca rosa.

Oh! como nós eramos felizes.

GONZAGA: — E como nós sel-o-hemos. Oh! agora eu amo a liberdade. É que ser livre é poder apanhar as madresilvas agrestes para fazer uma corôa para os teus cabellos... sonhar com-

tigo nos cerros soberbos do Itacolomy, bordar na cachoeira do rio o teu vestido de noiva, ouvir cantar o sabiá nas bananeiras da fonte, admirar os prismas do sol nas folhas verde-negras do sertão... Oh! Eu já não sabia se o sol brilhava... nem se os passarinhos cantavam, nem se o céo se iriava de azul nas horas do crepusculo... É que eu tinha apenas por céo uma abobada negra, por sol a luz sombria de uma candêa... por cantos o tinir de meus ferros.

MARIA: — Mas amanhã...

GONZAGA: — Amanhã... Maria!... Se a felicidade matasse eu estaria morto... Eu terei flores para enlaçar nos teus cabellos, campos para vagar comtigo, o murmurio de um ribeirão para fallar-te de meus... amores... e lá em cima... e lá no alto... Deus accenderá a lampada eterna para o noivado de meus amores...

MARIA (*meio desvairada*): — Sim! Sim! amanhã nós seremos felizes... Oh! muito felizes... Eu te direi que te amo... e se a minha voz vier de muito longe não te admires, porque ella vem do fundo de minha alma... Eu te olharei com um olhar bem longo, bem firme... e se este olhar for muito fixo, não te admires... é que nunca mais olharei senão para ti... Terei talvez uma lagrima nas palpebras... será a derradeira... eu não chorarei mais... e se tu me beijares, não te espantes da frieza de minha boca... é que meu sangue refluirá ao coração nesta hora de extasis... Sim! sim! nós seremos muito felizes! Vem cá. (*Toma-lhe as mãos e olha-o fixamente.*) Olha bem para mim... Tu nunca olharás assim para outra mulher... não é verdade?

Gonzaga: — Maria! Eu te amo.

Maria: — Sim, tu me amas. Nunca digas estas palavras a outra... Seria horrivel... eu me perderia mesmo no céo...

Gonzaga: — Maria!

Maria (*exaltada*): — Sim, Chama-me tua Maria... e nunca esqueças este nome, nunca! porque eu te amei muito, porque eu te amo ainda e sempre... (*Occulta a cabeça chorando.*)

Gonzaga: — Deixa as lagrimas para a desgraça... É provocar a Deus chorar quando se é feliz... Dá-me a tua mão... vê como meu coração canta, olha-me... vê como minha alma ri... Canta e ri, Maria! Oh! ter o amor e a liberdade!... O que queres mais?... Eu tenho tua mão nas minhas — a liberdade a meus pés... Vê bem... Teu amor é o céo e isto é a chave. Oh! deixa-me abrir a porta da vida e dos amores. (*Apanha no chão os papeis.*)

Maria: — Emquanto eu abro a do tumulo... (*Occulta a cabeça nas mãos.*)

Gonzaga (*olha-a sorrindo um instante, depois abre um papel que está no chão, que lê precipitadamente, com assombro*): — Uma carta!... e é do governador!... (*Lendo.*) Maria! meu amor... Ah! (*Raiva e desespero... recúa á medida que a lê, e, ao acabar, solta uma gargalhada de doudo.*) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Maria: — Gonzaga! Tu enlouqueceste!...

Gonzaga: — Não... é a alegria, é a felicidadade, é teu amor. Ah! ah! ah!

Maria: — Gonzaga! o teu riso dóe-me como a espada da loucura. Gonzaga!

GONZAGA: — Não! é que a felicidade é de mais, eu enganei-me, a felicidade mata. Porque amanhã nós passearemos nos valles, não é verdade, Maria? Eu ouvirei o canto do sabiá nas mattas: apanharei as madresilvas agrestes para a cabeça de minha noiva... Tu me amarás e me dirás baixinho... Eu te amo... Oh! é muita felicidade. (*Com uma idéa subita*) Ah! O governador deve estar ainda ahi! Oh! este homem é meu salvador, é preciso que lhe agradeça, que eu beije a mão leal de um inimigo que me restitue a liberdade, a vida e teu amor!... teu amor! Maria! os beijos castos da esposa, os risos timidos da virgem, a belleza casta da moça... todos estes thesouros... todos... uma boca innocente, um seio puro, uma alma apaixonada... porque tu és muito pura, muito innocente, e me amas muito, oh! muito!... tanto que me faz rir... tanto que me faz chorar... não vês como eu rio... Ah! ah! ah! (*Dirige-se precipitadamente para a D. A. onde abre um reposteiro. Maria o acompanha desvairada.*) Venham, meus senhores, venham! Sr. Silverio, Sr. tenente-coronel, meus senhores, venham. Sr. visconde de Barbacena, ainda um rasgo de generosidade. Não furte a sua modestia á minha gratidão, venha Sr. visconde.

SCENA IX

GONZAGA, MARIA, o GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL e MAIS MILITARES e CAVALHEIROS

GONZAGA: — Meus senhores, eu os chamei, porque precisava que muitas pessoas assistissem

ao que se vai passar neste logar. Eu desejava que neste instante o mundo inteiro nos visse. Sr. visconde, a grandeza de minha gratidão é preciso que seja igual á grandeza do seu cavalheirismo... Sim, meus senhores! porque este homem é um heróe, um bravo, um typo de honra e de lealdade. Declaro-lhes mesmo que o Sr. visconde era meu inimigo e meu rival... mas sabem o que elle fez quando me viu preso, pobre desgraçado, quasi louco de dor, quasi morto de desespero? Vou dizer-lhes. Um homem vulgar esquecer-se-hia de mim; um malvado far-me-hia morrer; um cavalheiro talvez que esquecesse a minha unica felicidade — o coração de uma mulher... Pois não foi nada disso, nada... O nobre fidalgo agarrou o pobre réo e disse-lhe: — Viverás, és livre!... Ah! é um heroismo, uma generosidade, uma acção incrivel!... Não é verdade, meus senhores?...

O GOVERNADOR: — Senhor!...

GONZAGA: — Oh! nada de modestia, Sr. visconde! mostre-se qual é... V. Ex. é um cavalheiro... deu-me a vida! V. Ex. é um cavalheiro... prostituiu minha noiva... mas praticou uma infamia.

MARIA: — Ah!...

O GOVERNADOR: — Senhor!...

GONZAGA: — Nem uma palavra, miseravel! Um infame ter-me-hia assassinado, — um cadaver não córa... Tu me deshonraste... Ah! o immundo pacto que aqui se fez!... Cobarde! e estes papeis têm lama... não devem manchar a mão honrada de um homem de bem... Meus senhores, é minha liberdade (*acena com os papeis*), mas estes papeis

dormiram n'um coito repulsivo com uma cousa torpe e vil... com esta carta... esta carta em que elle propõe a minha mulher a deshonra para salvar-me!... Ah!... como tudo isto é negro, é repulsivo, é immundo! Sim... eu não devo tocar em tanto lodo... Só ha um logar para a lama, é o charco, miseravel! (*Atira-lhe á cara com os papeis rotos.*)

O GOVERNADOR: — Desgraçado! tu rompeste estes documentos... tu serás meu!...

MARIA: — Gonzaga!... tu te perdeste...

GONZAGA: — Perdão, senhora. Houve um dia uma mulher que me chamava assim. Esta mulher morreu. Eu vi-a amortalhar-se n'um sudario de infamia... e descer a uma cova de torpezas...

MARIA: — Gonzaga! Gonzaga! E se esta mulher fosse pura: ainda como um anjo, casta como a virgem, immaculada como Deus? Se ainda ella guardasse tudo isto, tudo... para dar-te?... Sim... para ti, meu amor, meu amigo, meu noivo?... Diz, o que farias?

GONZAGA: — Um reptil teria dormido na folha... o pensamento de ser de outro teria prostituido tua alma.

MARIA: — E se esta mulher nunca tivesse pensado nisso?

GONZAGA: — Ella não traria no seio aquelle papel... Oh! quando uma pasta de lama como aquella apegá-se á brancura de um seio de virgem, não ha lagrimas que a lavem... senhora, eu não a odeio... eu a esqueci... Não foi a senhora que eu amei... A mulher de minh'alma era uma virgem que não se perderia para salvar-me, por-

que sabia que minha cabeça cahiria mais alto quando me rolasse aos pés com a sua corôa de martyrio, do que se levanta agora sobre os meus hombros com o seu diadema de escarneo... senhora! corôas destas não se fizeram para minha cabeça, mas já que amarraram ahi toda esta infamia, eu entregal-a-hei ao carrasco. (*Vai a sahir.*)

MARIA: — Meu Deus! meu Deus! tudo está perdido... Eu posso emfim fallar!... (*a Gonzaga.*) Senhor!... (*lento.*) Aquella carta não tocou em meu seio... havia entre meu corpo e ella a largura de um punhal (*mostra-lhe um punhal*) a extensão de um tumulo!...

GONZAGA: — Maria! Maria! Perdôa-me. Eu te encontro emfim...

MARIA: — Ah! tu não me deixaste morrer... és tu que morres!... (*Atiram-se aos braços um do outro.*)

O GOVERNADOR (*que se tem conservado ao fundo de braços cruzados, faz alguns passos*): — Esta mulher mente. Ella foi minha amante.

MARIA (*detendo Gonzaga, que faz um movimento para o governador*): — Espera... eu tenho alguma cousa a dizer a este homem. Miseravel! eu te aborreço! Tu só me inspiras desprezo e repugnancia. Ah! velho immundo!... Olha tua cabeça é uma cousa repulsiva como uma cabeça de vibora. Olha tua mão... é a garra de um corvo... Olha tua alma... é um lupanar de orgia... Velho, pois tu pensaste que beijaria a tua hediondez... que eu apertaria os teus dedos sangrentos... que eu seria a mulher desta tasca!... Estupido!... Quando tu me fallavas eu sentia por ti nojo e desprezo... Eu... tocar-te!... eu!... Quando

a sola dos meus borzeguins cora de roçar onde passaste!... Ah! agora como estás ridiculo! Vamos, mente, calumnía... nós vamos rir de ti... vamos, falla... Oh! que ridiculo governador, que estupido visconde!

O GOVERNADOR (*a Gonzaga*): — Leia: é a unica resposta. (*Dá-lhe um papel que Maria havia rasgado. A Maria.*) Ainda uma vez eu venci.

MARIA (*precipita-se sobre o papel*): — Não leias... não leias... É uma carta falsa que escrevi hoje mesmo para obter estes papeis.

O GOVERNADOR: — Hoje são 15, este papel foi escripto a 13. Senhora, o seu relogio parou ha muito tempo.

GONZAGA (*olha desvaraido em torno de si*): — Meu Deus! meu Deus! onde estará a verdade? Ah! que duvida horrivel! Maria!...

MARIA: — Olha para mim... Vê bem que eu não minto.

O GOVERNADOR: — Olha para esta carta... Vê bem que ella não mente.

GONZAGA: — Meu Deus! nem sequer eu poderei morrer descançado!... Quem me arrancará esta duvida que mata?!

SCENA X

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ (*levanta o reposteiro da direita e sahe*): Eu! (*Todos conservam-se pasmos. Elle arranca o bilhete da mão de Gonzaga e dirige-se á mesa onde o ajunta ao papel de que fôra rasgado.*) Este papel foi rasgado d'aqui ha poucos instantes.

O GOVERNADOR: — Oh! maldição! só me resta agora o cadafalso ou o desterro.

MARIA (*Gonzaga e Maria conservam-se abraçados*): — Oh! não te resta mais que morrer!

GONZAGA: — Não, fica-me o teu amor.

LUIZ: — E a gloria para o heróe... e o céo para o anjo.

O GOVERNADOR: — Ah! (*Vahe a sahir precipitadamente, mas topa com Silverio.*)

SCENA XI

OS MESMOS e SILVERIO

SILVERIO: — Senhor, eu estou perdido. Querem prender-me, querem assassinar-me. Eu quero fugir, eu quero salvar-me, venho pedir a V. Ex. a sua protecção. Minas me odeia. Minas me esmagará se V. Ex. não me defende. Eu estou desacreditado, pobre, mas em paga de tudo quanto lhe hei feito, de toda a felicidade que lhe dei, de todos os crimes que commetti por V. Ex... salve-me... salve-me...

O GOVERNADOR (*pega-o pelo braço, apontando o grupo de Gonzaga*): — Eis tudo que me deste... o crime, a deshonra, o remorso... a condemnação dos homens, de minh'alma e de Deus... a perda de Maria na terra, no céo, no inferno. Tu me perdeste... porém minha quéda ha de perseguir eternamente a tua no abysmo em que rolámos. (*Sahe precipitadamente.*)

SILVERIO: — Ah! o inferno se conspira contra mim... Estou perdido!...

Luiz (*caminhando ao fundo*): — Não, desgraçado! É o sangue de minha filha que cahe sobre tua cabeça; é o sangue de todos os martyres que te clama — vingança! Vai... são todas as tuas victimas... é o cortejo de teus crimes que te acompanhará de solo em solo... como o ferrete de Caim!... Caminha, maldito... caminha sobre o solo de tua patria!... a terra que tu pisares te morderá nos pés; o desprezo de teus complices e o odio de teus irmãos te morderão na alma... Caminha... quando tu tropeçares será nas caveiras de teus patricios; quando a chuva te açoutar o rosto será o sangue dos martyres. Caminha, maldito!...

Silverio: — Ah! (*Sahe horrorisado*).

SCENA XII

GONZAGA, MARIA e LUIZ

Gonzaga: — Agora, Maria, adeus! Nós sonhámos com a gloria, com o amor, com a felicidade! Que importa?! Ha uma outra patria onde as flores são sempre viçosas, onde o riso é eterno, onde o amor se transforma em astro. Lá ha longos extasis para duas almas que se amam; lá nós seremos noivos! Não chores, Maria, não chores... eu sou feliz!... Oh! é uma cousa muito pura... um amor como o teu! uma memoria como a de um povo!... Ah! minha pobre patria! ah! minha pobre noiva! amanhã nós todos seremos livres! Ella terá sua corôa de liberdade... o futuro ha de atal-a na fronte!... Tu terás a tua capella de noiva. Deus ha de collocal-a em tua testa. Eu terei o meu diadema de gloria... o

carrasco me sagrará martyr... Cala-te, Maria, quando se tem a eternidade do amor, de uma nação, de uma mulher e de Deus... o homem caminha para o cadafalso como para um leito de nupcias... Não chores, Maria, adeus!...

MARIA: — Lembra-te de mim, Gonzaga...

GONZAGA: — E agora um ultimo pedido... falla de mim ás crianças desta pobre terra, lembra aos pobres captivos que ficam o nome de nossa patria, dize-lhes que eu morri por ella, e que elles vivam para ella.

MARIA: — Sim, sim! o mundo inteiro saberá teu nome; e quando os sertanejos embalarem seus filhos á sombra das florestas da America, cantarão os martyres de Minas; lembrarão o poeta e tribuno, o revolucionario e o libertador. E eu... eu... viverei para apertar tua lembrança no meu seio... como uma mãi aquece um filhinho moribundo.

SCENA XIII

O GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL e muitos CAVALHEIROS, GONZAGA, MARIA e LUIZ

O GOVERNADOR: — Sr. Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, é tempo de partir... Espera-o ali uma masmorra, além Moçambique ou o cadafalso...

GONZAGA: — Não, espera-me aqui o amor de Maria, além a gloria e o céo... Luiz, meu velho amigo, adeus!... venha o ultimo abraço, meu companheiro de infancia... meu companheiro de desgraça... Adeus!...

LUIZ: — Não, senhor, a ordem deve ser para

todos os presos... Eu que o apanhei no berço, só o largarei no tumulo... Minha senhora, elle terá um amigo junto ao seu leito de agonia, ou ao pé de seu cadafalso. Adeus... minha senhora... (*Passa.*)

GONZAGA: — Maria!

MARIA: — Gonzaga! (*Abraçam-se chorando.*)

O GOVERNADOR: — Oh! desespero! Elles são ainda mais felizes na sua desgraça do que eu na minha vingança! Eis o meu castigo!... Deus e elles se vingaram...

MARIA: — Meu noivo... meu esposo, meu unico amor! lembra-te de mim nas tuas horas de agonia.

GONZAGA: — Adeus, Maria. Lembra-te de mim quando estiveres em Villa Rica. Lembra-te de mim quando te sentares na encosta do rio, quando escutares o sabiá cantando á tardinha nas palmeiras, quando vires minha casinha deserta e fechada... Quando caminhares por onde nós passeiavamos juntos... Lembra-te de mim... lembra-te de mim!...

MARIA: — Ah! eu suffoco! Ah! dá-me o ultimo abraço! dá-me o primeiro beijo...

GONZAGA: — Adeus! (*Destaca-se dos braços della e vai precipitadamente para o fundo, donde volta pela ultima vez.*) Maria! até á terra ou até ao céo! .. (*Sahe.*)

MARIA: — Adeus! Teu cadaver será da patria, teu coração meu, tua alma de Deus... parte para a agonia e para a gloria.

(*Todos formam um quadro ao fundo. — A orchestra toca o hymno nacional em surdina. Maria*

olha Gonzaga e Luiz que atravessam ao fundo n'um barco... depois vem inspirada á boca da scena, onde recita a seguinte poesia):

Desgraça! Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometheus!
Um mundo sem liberdade!
Um infinito sem Deus!
No dorso das cordilheiras
Batem rijas, agoureiras
As marteladas do algoz:
É o carrasco negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
No seu sudario de heróes.

Eil-o sublime por terra,
Qual no occaso é grande o sol,
Fez dos Andes travesseiro,
Do firmamento lençol! —
Condor soberbo da America,
Morreu, mas na garra iberica
Não sangra um grito de dor,
E o oceano — cão enorme,
Pergunta se o Brazil dorme,
Uivando aos pés do senhor.

Dormir... não! que esses tripudios
São de um povo os funeraes,
Mas ninguem vela-lhe em torno!
Grandes da patria onde estais?
Ah! lá os vejo altanados,
Fortes, soberbos, alçados,
Se erguendo mesmo ao cahir.
Bravo! bravo! heróes... olhai-os!
Se tombam são como raios
Que mergulham no porvir.

Cada qual na hora extrema,
Sobre a ossada da nação,
É como o busto de Hercules
Do incendio ao rubro clarão...
P'ra aqui um vulto se chega,

Na taça a cicuta grega,
Na mão romano punhal,
És tu, Claudio o suicida,
Trocando o andrajo da vida
Pela purpura eternal.

Eil-o, o gigante da praça,
O' Christo da multidão,
É Tiradentes quem passa,
Deixem passar o Titão.
Subiu... um raio o fulmina,
Mas tombou na guilhotina,
Nesse throno do senhor,
Foi como a aguia fulminada
Pela garra pendurada,
Como um trophéo de Thabor

Longe... por plagas infindas,
Lá onde é de fogo o céo,
Surge do mar uma ilha,
Da ilha um homem se ergueu,
Ao surdo rugir das vagas
Batem-lhe d'alma nas fragas
As ondas no seu pensar...
E o sol que tomba sangrento
É o adeus, o pensamento,
Que elle nos manda do mar.

Profundo olhar no horizonte,
Ao vento exposta a cerviz,
É Tasso, olhando Eleonora ?
Dante, fitando Beatriz ?
Lá no rochedo escalvado
Quem é o grande desterrado
Maior que Napoleão ?...
Silencio... uma voz sombria
Murmura : Brazil !... Maria !...
É Gonzaga... Oh ! maldição !

FIM DO DRAMA

INDICE

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

MANUSCRIPTOS DE STENIO

GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS